**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

**Ação comunicativa com mulheres de alcoolistas:
uma aproximação ao seu mundo da vida**

Ma. Alejandra Hernández Castañón

**Ribeirão Preto
2007**

MA. ALEJANDRA HERNÁNDEZ CASTAÑÓN

**Ação comunicativa com mulheres de alcoolistas:
uma aproximação ao seu mundo da vida**

**Tese apresentada à Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de Doutor em
Enfermagem Psiquiátrica.**

**Linha de pesquisa: Uso e Abuso de Álcool e
Drogas.**

**Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Margarita Antonia Villar Luis**

Ribeirão Preto

2007

***AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.***

Hernández Castañón, Ma. Alejandra

Ação comunicativa com mulheres de alcoolistas: uma aproximação ao seu mundo da vida./Ma. Alejandra Hernández Castañón. Ribeirão Preto, 2007. 186 p.

Tese. Apresentada ao Programa de Pós-Graduação Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. USP.

Orientadora: Luis, Margarita Antonia Villar.

1. Mulher. 2. Alcoolismo. 3. Codependencia. 4. Violência.
5. Teoria da ação comunicativa.

A tese ora apresentada é resultado do convênio celebrado entre a Universidade de São Paulo, com interviência da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, e a Universidade de Guanajuato-México, através da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Celaya.

FOLHA DE APROVAÇÃO

MA. ALEJANDRA HERNÁNDEZ CASTAÑÓN

**Ação comunicativa com mulheres de
alcoolistas: uma aproximação ao seu
mundo da vida**

**Tese apresentada à Escola de Enfermagem
de Ribeirão Preto da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de Doutor em
Enfermagem Psiquiátrica. Linha de
pesquisa: Uso e Abuso de Álcool e Drogas.**

Aprovado em: /___/___/___/

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Margarita Antonia Villar Luis
Instituição: Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto-USP

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Graciette Borges da Silva
Instituição: Escola de Enfermagem
de Ribeirão Preto-USP

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Lisete Diniz Ribas Casagrande
Instituição: Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão
Preto-USP

Assinatura: _____

Prof. Dr . Rubens de Camargo Ferreira Adorno
Instituição: Faculdade de Saúde Pública –
USP

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Aurora Zamora Mendoza
Instituição: Universidad Autónoma de
Querétaro – México

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

**A Deus, início e fim,
o caminho, a verdade, a vida.**

**À minha família, para aqueles que estão e para aqueles
que se foram, sempre serão meu apoio.**

**A meus amigos, aqueles que têm estado comigo
nos momentos difíceis e nos bons tempos.**

AGRADECIMENTOS

Às autoridades do Programa de “Mejoramiento del Profesorado” (PROMEP), organização pública do México, pelo incentivo financeiro outorgado para o desenvolvimento dos meus estudos de pós-graduação.

Às autoridades da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Celaya, Guanajuato-México, e da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, pela visão e gerenciamento na realização dos estudos de pós-graduação em Enfermagem.

Às autoridades da Universidade Autónoma de Querétaro, México, pelo apoio para dar continuidade ao meu desenvolvimento profissional.

À Prof^a. Dr^a. Margarita Antonia Villar Luis, por compartilhar seus conhecimentos, mas, sobretudo por seu atendimento e apoio durante o processo da minha formação profissional.

Aos Professores Doutores membros da banca examinadora, por suas valiosas contribuições para o melhoramento desta investigação.

Aos Professores Doutores da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, que compartilharam conosco seus conhecimentos e experiências.

A meus colegas e amigos da “turma mexicana”, especialmente com quem compartilhei momentos inesquecíveis no Brasil.

A todas as pessoas que colaboraram direta e indiretamente na realização desta investigação, muito obrigada.

Uma menção especial, para as mulheres que participaram da investigação, pela confiança depositada em mim ao fazer-me partícipe de suas experiências.

APRENDIENDO

Después de un tiempo, uno aprende la sutil diferencia entre sostener una mano y encadenar un alma.

... Y después de un tiempo uno aprende que si es demasiado, hasta el calor del sol quema.

... Con el tiempo aprendes que las palabras dichas en un momento de ira, pueden seguir lastimando a quien heriste, durante toda la vida.

... Con el tiempo te das cuenta de que cada experiencia vivida con cada persona es irrepetible.

Desafortunadamente, sólo con el tiempo.

Jorge Luis Borges

RESUMO

HERNÁNDEZ, M.A. **Ação comunicativa com mulheres de alcoólicos: uma aproximação ao seu mundo de vida**. 2007.186p. Tese (Doutorado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Brasil, 2007.

O uso e abuso de drogas constituem fenômeno complexo com consequências adversas na saúde individual, familiar e na comunidade. A literatura científica ressalta que, para cada alcoolista, existe uma família disfuncional e, pelos menos, uma mulher com problemas físicos e psicológicos relacionados com o adicto. O objetivo do estudo foi explorar o mundo da vida de mulheres, de uma comunidade suburbana no Estado de Querétaro, México, cujos companheiros são dependentes de álcool. Foi realizado estudo qualitativo à luz da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas. Para a coleta de dados, utilizou-se a técnica de entrevista semi-estruturada temática e de observação participante e a análise dos dados seguiram os pressupostos do método da hermenêutica dialética. Foram entrevistadas 14 mulheres. Os resultados são apresentados considerando os três âmbitos do mundo da vida. Mundo social: o consumo de álcool é identificado como um comportamento não desejado, porém, esperado entre os homens e, atualmente, inclui jovens do sexo feminino, e é visto como um ato *normal* já que *todo mundo faz*. Mundo subjetivo: identificaram-se estados de ânimo negativos como depressão, baixa auto-estima, culpa e medo, o que as leva *a se sentirem como objetos*. Mundo objetivo: identificou-se violência intrafamiliar, comportamentos de controle por parte dos companheiros, sintomas de doença física e mental, tanto no companheiro quanto nas participantes, e justificam a sua permanência com o companheiro porque *devem ser um exemplo para os filhos apesar do dano físico e da dor*. Na interação dos mundos ressaltam: a percepção da falta de redes de apoio institucionais para enfrentarem o alcoolismo do companheiro, *criar os filhos* visto como uma expectativa para o futuro e é sentido como um logro pessoal, *jurar* como uma ação do companheiro que lhes permita manter um controle relativo do consumo e, sob essa perspectiva, com melhor qualidade de vida, embora, também, seja utilizado como argumento para pedir perdão depois de uma ação violenta e, *não se deixar*, no momento que algumas delas conseguiram estabelecer limites ao marido. Considerações finais: a introjeção de padrões e normas sociais e culturais, em relação ao tema do álcool, não permite que as mulheres o visualizem como um problema, entretanto, essas normas atuam como mecanismos de proteção quando assumem o papel de mãe e esposa. É importante ressaltar a manifestação de ciúmes dos companheiros que, pelo consumo crônico de álcool, pode estar associada à paranóia alcoólica e, portanto, necessitam atenção. Finalmente, as mulheres transferem o tema de consumo de álcool do companheiro ao uso de álcool e drogas dos filhos. De acordo com Habermas, a situação torna-se relevante para elas e seria o momento de intervir para modificar padrões de comportamento a médio e longo prazo. Portanto, o reconhecimento dessa visão, sobre o tema do álcool e a compreensão dos *sentidos* que conferem ao seu mundo da vida, é ponto de partida básico para elaborar propostas de participação comunitária para o controle do alcoolismo.

Palavras-chave - Mulher. Alcoolismo. Codependência. Violência. Teoria da ação comunicativa.

ABSTRACT

HERNÁNDEZ, M.A. **Communicative action with wives of alcoholics: an approach to their life world.** 2007 186p. Doctoral dissertation. University of São Paulo at Ribeirao Preto College of Nursing, Brazil.

Drugs use and abuse constitutes a complex phenomenon with adverse consequences for individual, family and community health. Scientific literature highlights that, for every alcoholic, there is a dysfunctional family or at least a wife with physical or psychological problems related to her life with the addict. This research aimed to explore the life world of women living with an alcoholic partner in a suburban community located in the State of Querétaro, Mexico. A qualitative study was carried out in the light of J. Habermas' Theory of Communicative Action. Thematic semistructured interview and participant observation were used for data collection. Data analysis was based on the premises of the dialectical hermeneutical method. Fourteen women were interviewed and the results are presented for each of the three spheres in the life world. Social world: alcohol consumption is an unwanted but expected behavior among men and has not been integrated among young women. It is seen as *normal* because *everybody does it*. Subjective world: negative mood states were identified, such as depression, low self-esteem, guilt and fear, which makes them *feel like objects*. Objective world: intra-family violence was identified, as well as control behaviors by the husband and symptoms of physical and mental disease in both partners. They justify that they maintain the relationship because they need to *be an example for their children despite the physical harm and pain*. The following stands out in the interaction among the worlds: the perception of *a lack of institutional support networks* to face their partner's alcoholism; *keep their children going* as an expectation for the future and with a sense of personal success; *swearing* as an action by their husband that keeps his consumption under relative control and, from the women's perspective, maintains a better quality of life, although it is also used as an argument to apologize after a violent action: and *not let themselves go*, when some of them managed to set limits on their husband. Final considerations: The introjection of social and cultural patterns and standards with respect to alcohol does not allow them to consider it as a problem. However, these same standards have served as protection mechanisms in women, when they assume the roles of mother and wife. It should be mentioned that, due to the chronic alcohol consumption conditions, their husband's jealousy can be associated with alcohol paranoia and, therefore, demand care. On the other hand, the women transfer the theme of their husband's alcohol use to alcohol and drugs use in their children, which is why, according to Habermas, at this moment, the situation becomes relevant to them and this would be the right time for interventions, in the attempt to modify some behavioral patterns in the medium and long term. Finally, the acknowledgement of this *other view on the theme of alcohol* and the understanding of the *meanings* they attribute to their life world is a basic starting point to elaborate Community participation proposals with a view to controlling alcoholism.

Key words: Woman, alcoholism, co-dependence, violence, theory of communicative action.

RESUMEN

HERNÁNDEZ, M.A. **Acción comunicativa con mujeres de alcohólicos. Un acercamiento a su mundo de la vida.** 2007.186 pag. Tesis (doctorado) Escola de Enfermagem de Ribeirao Preto . Universidad de Sao Paulo, Brasil, 2004.

El uso y abuso de drogas constituye un fenómeno complejo con consecuencias adversas en la salud individual, familiar y comunitaria. La literatura científica resalta que por cada alcohólico existe una familia disfuncional y al menos una mujer con problemas físicos o psicológicos relacionados a su convivencia con el adicto. El objetivo de estudio fue explorar el mundo de la vida de mujeres de una comunidad sub-urbana en el estado de Querétaro, México, cuyos compañeros son dependientes de alcohol. Se realizó un estudio cualitativo a la luz de la Teoría de la Acción Comunicativa de J. Habermas. Para la colecta de datos se utilizó la técnica de entrevista semi-estructurada temática y observación participante, el análisis de los datos se fundamentó en los supuestos del método hermenéutico dialéctico. Fueron entrevistadas 14 mujeres. Los resultados se presentan para cada uno de los tres ámbitos del mundo de la vida. Mundo Social: el consumo de alcohol es un comportamiento no deseado pero esperado entre los hombres y que ahora ha integrado a jóvenes del sexo femenino, es visto como algo *normal* ya que *todo mundo lo hace*. Mundo Subjetivo: se identificaron estados anímicos negativos tales como depresión, baja autoestima, culpa y temores, lo que las lleva a *sentirse como objetos*. Mundo Objetivo: se identificó violencia intrafamiliar, comportamientos de control por parte del marido, síntomas de enfermedad física y mental tanto en el marido como en ellas y justifican su permanencia junto al marido porque deben *ser un ejemplo para los hijos a pesar del daño físico y el dolor*. En la interacción de los mundos sobresalen: la percepción de *falta de redes de apoyo institucional* para hacer frente al alcoholismo de la pareja, *sacar adelante a los hijos* como una expectativa a futuro y sentido de logro personal, *jurar* como una acción del marido que les mantiene en un control relativo de consumo y desde su perspectiva con una mejor calidad de vida, aunque también sea utilizado como argumento para pedir perdón después de una acción violenta y *no dejarse*, en el momento que algunas de ellas pudieron establecer límites al marido. Consideraciones finales: La introyección de patrones y normas sociales y culturales en relación al tema del alcohol, no permite a estas mujeres visualizarlo como un problema, sin embargo, estas mismas normas han actuado como mecanismos de protección cuando asumen el rol de madre y esposa. Es importante resaltar la manifestación de celos del marido, que por el consumo crónico de alcohol pueden estar asociados a una paranoia alcohólica y por lo tanto requieren de atención. Finalmente, las mujeres transfieren el tema de consumo de alcohol del marido al uso de alcohol y drogas de los hijos. De acuerdo con Habermas, la situación se vuelve relevante para ellas y sería el momento de intervenir para modificar patrones de comportamiento a mediano y largo plazo. Por lo tanto, el reconocimiento de esta *otra visión sobre el tema del alcohol* y la comprensión de los *sentidos* que dan a su mundo de la vida, es un punto de partida básico para elaborar propuestas de participación comunitaria para el control de alcoholismo.

Palabras clave: Mujer. Alcoholismo. Codependencia. Violencia. Teoría de la acción comunicativa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- <i>Mapa dos Estados Unidos Mexicanos</i>	6
Figura 2- <i>Mapa do Estado de Querétaro</i>	7
Figura 3- <i>Localização da comunidade de estudo</i>	8
Figura 4- <i>Relações dos atos comunicativos (AC) no Mundo da vida</i>	30
Figura 5- <i>Mundo social: “Conviver com o álcool” sistema de relações sociais identificadas pelas mulheres entrevistadas numa comunidade suburbana da cidade de Querétaro, 2006-2007</i>	72
Figura 6- <i>Mundo subjetivo, “Viver o álcool” sentimentos e expectativas das mulheres entrevistadas numa comunidade suburbana da cidade de Querétaro, 2006-2007</i>	83
Figura 7- <i>Mundo objetivo, “Viver com o alcoolista”. Objetivação do fenômeno entre as mulheres numa comunidade suburbana da cidade de Querétaro, 2006-2007.</i>	109
Figura 8 - <i>Interações no mundo da vida em relação ao tema do álcool e situações relevantes, entre mulheres numa comunidade suburbana da cidade de Querétaro, 2006-2007</i>	125

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1 - Modelo da comunicação lingüística de Habermas</i>	29
<i>Tabela 2 - Famílias de códigos consideradas para cada âmbito do mundo da vida</i>	48
<i>Tabela 3- Características das participantes no estudo Querétaro, 2006-2007</i>	52
<i>Tabela 4 - Variáveis associadas à relação de união das participantes no estudo Querétaro, 2006-2007</i>	53

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	16
1.1 Epidemiologia do álcool no México.....	2
1.2 Motivação para a realização do estudo	4
 2 Introdução: A relação afetiva da mulher com o companheiro dependente de álcool.....	 11
 3 Objetivos do estudo	 21
 4 Referencial teórico-metodológico	 23
4.1 Jürgen Habermas	24
4.2 Pressupuestos básicos de Habermas.....	25
4.2.1 Ação Comunicativa	27
4.2.2 O mundo da vida	28
4.3 Método hermenêutico-dialético	31
4.4 Tipo de estudo	33
4.5 Técnica de coleta de dados	34
4.5.1 Observação participante	34
4.5.2 Entrevista qualitativa	35
 5 Aproximação ao cenário do estudo.....	 37
5.1 Seleção dos participantes	39
5.2 Realização de entrevista individual.....	40
5.3 Ética do estudo	41
 6 Tratamento do material.....	 43

7 Análise dos dados - O mundo da vida em mulheres com companheiros alcoolistas	51
7.1 <i>Características das mulheres participantes do estudo</i>	51
7.2 <i>Conviver com o álcool (mundo social)</i>	53
7.3 <i>Viver o álcool (mundo subjetivo)</i>	72
7.4 <i>Viver com o alcoolista (mundo objetivo)</i>	83
8 Discussão: O mundo da vida como sistema de referência	110
8.1 <i>Interrelação dos mundos</i>	111
8.2 <i>Normalização e fatalismo na convivência com o álcool: viver, sentir e não atuar.</i>	126
8.3 <i>Ser apoio, a base da família apesar do dano e da dor</i>	138
9 Algumas reflexões	148
10 Referências	153

Apêndice

Anexos

1. Apresentação

O uso e abuso de drogas constituem fenômeno complexo com conseqüências adversas na saúde individual, integração da família e estabilidade social. No México, podem ser observadas mudanças socioculturais importantes como resultado da influência de modelos estrangeiros, onde o consumo de drogas é uma característica distintiva. Ademais, outros problemas de ordem estrutural, próprios do país como a migração, desemprego e a quebra da estrutura tradicional de família influenciaram nessa mudança (MÉXICO, 2001a).

A Comissão Econômica para América Latina (CEPAL) retoma o conceito sociedade “ansiógena”, de Lipovetsky (1998), para descrever a frustração ocasionada pelo consumo de drogas, o adiamento da auto-realização, a dificuldade para expressar-se, assim como o desemprego, o abandono escolar, o colapso dos serviços de saúde e a falta de preparo ou incapacidade para o mercado de trabalho. O estresse social pode sobrecarregar a capacidade de adaptação de muitos integrantes do grupo social, gerando angústia e condutas autodestrutivas, favorecendo o uso de drogas como um meio ou substituto de satisfação (RENTARÍA, 2001).

O uso do álcool, considerado como uma “droga legal”, vem aumentando tanto em países desenvolvidos como subdesenvolvidos. De acordo com estatísticas da Organização Mundial de Saúde, o alcoolismo é a quarta causa de incapacidade física e mental no mundo (OMS, 2005). Ademais, estima-se que 15% dos pacientes com depressão grave cometem suicídio e 56% tentam o auto-extermínio, o que implica um incremento de 20% de atendimento de serviços de saúde, relacionado com problemas de álcool, depressão e esquizofrenia.

Os homens sofrem doenças relacionadas com o álcool tais como alcoolismo e cirrose, razão pela qual a proporção de doenças e lesões atribuíveis ao álcool é mais alta entre os homens. Porém, o sofrimento não se restringe ao consumidor, amplia-se para a família e a comunidade. Ademais, tem se observado que álcool representa papel importante na instigação de práticas sexuais sem proteção e comportamentos violentos, particularmente dentro do núcleo familiar, na maior parte dos casos dirigida contra mulheres e crianças.

Os países da América Latina e do Caribe diferenciam-se, não unicamente nos níveis de consumo do álcool, mas também em seus padrões. As diferenças de gênero são agudas e, embora exista uma triste representação dos homens com problemas relacionados ao álcool e às normas existentes, que apóiam

e estimulam a bebida entre os homens, o gênero não está explicitamente considerado nas intervenções atuais. Com exceção do México, países como Brasil, Chile e Costa Rica de ALC não têm mostrado interesse constante na condução de estudos relacionados ao consumo de álcool (PYNE; CLEASON; CORREIA, 2002).

É motivo de muita preocupação o início precoce e desmesurado do consumo de álcool entre os adolescentes. Os resultados do estudo realizado na Venezuela, em 1998, evidenciaram que o consumo de álcool inicia-se, em média, aos 10 anos e o maior grupo de consumidores de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas (77,52%), encontra-se entre 10 e 24 anos de idade (BOON, 2000).

De outro lado, no 1º Levantamento Domiciliar sobre Uso de Drogas Psicóticas no Brasil, segundo os dados oferecidos pela OMS, para o ano 2004, o álcool é referido como a droga mais consumida no mundo. Seu uso indevido contribui com o 3,2% de todas as mortes e é responsável por 4% de todos os anos perdidos, de vida útil. Entretanto, para a América Latina, o problema é maior, já que 16% dos anos de vida útil perdidos estão relacionados com o uso indevido de substâncias, isto é, quatro vezes maior do que a média mundial. No caso do Brasil, 52% dos brasileiros são classificados como bebedores freqüentes, 27% como bebedores ocasionais ou que consomem álcool raramente, e 25% consome álcool pelo menos uma vez por semana (BRASIL, 2007).

Nesse mesmo estudo, em relação aos grupos de idade, aproximadamente 30% dos jovens são consumidores. As classes sociais mais favorecidas economicamente apresentam consumo de 30% vezes maior que a classe E (menores condições econômicas). O início de consumo regular de álcool por parte dos adolescentes começou aos 14,8 anos de idade e, para os adultos, aos 17,3 anos de idade. Isso mostra tendência de consumo de álcool mais precocemente. Não foram observadas diferenças quanto à idade do início e o padrão de consumo entre os adolescentes.

1.1 Epidemiologia do álcool no México

Os dados obtidos por meio da Enquete Nacional de Adições (ENA), em 2002, no capítulo relacionado às bebidas alcoólicas na população rural e urbana de

12 a 65 anos de idade, referem-se a dados relacionadas à freqüência e quantidade do consumo de diferentes bebidas. Estudaram-se, também, problemas relacionados com o abuso de álcool e estimou-se o índice de dependência (MEXICO, 2002):

- 32 315760 pessoas entre 12 e 65 anos de idade consomem álcool e, aproximadamente, 13 milhões já consumiram alguma vez;
- O consumo foi de 2,72 litros na população entre 12 e 65 anos de idade; 3,48 litros na população urbana entre 18 e 65 anos de idade; e de 7,12 litros unicamente para o sexo masculino;
- O maior consumo é obtido para homens urbanos com idade entre 30 e 39 anos de idade, e o maior consumo de álcool para as mulheres foi observado entre 40 e 49 anos;
- Entre a população adulta, 72,2% dos homens e 42,7 % das mulheres da área urbana manifestaram ter consumido álcool no ano anterior ao estudo, comparados a 18,9% dos homens e 9,9% das mulheres da área rural para o mesmo período. De outro lado, 20,7% da população urbana e 10,3% da rural manifestaram ser ex-bebedores, dos quais 6% manifestaram não beber por motivos relacionados à religião;
- Os padrões de consumo característicos dos homens urbanos foram de 16,9% moderado-alto (mensal com cinco doses ou mais por ocasião) e 12,4% freqüentes (cinco doses ou mais no mínimo uma vez por semana).
- Observou-se que os problemas mais freqüentes entre os homens rurais e urbanos foi ter iniciado uma discussão ou briga com a esposa ou companheira enquanto estavam bebendo (12,9% na população rural e 11,6% na população urbana), ter problemas com as autoridades policiais, não incluindo os do trânsito (8,4% na zona urbana e 3,7% na zona rural), e serem detidos quando conduziam após terem consumido álcool (3,2% e 2,4%, respectivamente).
- É importante mencionar que 25,7% dos adolescentes, entre 12 e 17 anos de idade, consumiram uma dose completa de bebida alcoólica no ano prévio à realização do estudo. Apresentando-se uma relação de 1,4 homens para uma mulher na área urbana, e 1,8 homens para uma mulher na área rural. Manifestaram consumir altas quantidades de álcool 10,5% de adolescentes (cinco ou mais doses para cada ocasião de consumo).

- Entre os adolescentes, os problemas produzidos com a polícia, como dirigir carro no momento em que consumiam bebidas alcoólicas, foi de 9,7% nos homens;
- A enquête mostrou que o índice de consumo de álcool, por parte dos adolescentes, aumentou de 27%, no ano 1998, para 35% em 2002, entre o sexo masculino, e de 18% para 25% para o sexo feminino.

Ao se considerar o início do consumo de álcool entre 12 e 17 anos de idade, isso significaria a geração de uma população alcoólica jovem, assim como afetaria o potencial social e econômico por meio do absenteísmo no trabalho, acidentes de trânsito e laborais, aumento de atendimento hospitalar (por causa do uso excessivo de álcool), aumentos de execução de atos ilícitos e violentos o que poderia afetar, de maneira direta ou indireta, na família do doente, assim como a produtividade do país (MEXICO 2001a; MEXICO 2001b; AGUIRRE, 2000).

Pessanha (2004), ao refletir sobre a problemática do álcool, e como isso tem sido abordado pelas ciências sociais, refere que, quando comparada com outros problemas contemporâneos como a AIDS, o consumo de drogas ilícitas ou a violência, especialmente a violência urbana, observa-se que, ainda, é conferida pouca importância ao estudo dessa problemática. Para o autor, o desenvolvimento do conhecimento sobre o alcoolismo como doença tem ressaltado os aspectos negativos, o que poderia representar a principal razão para que as investigações olhem para o alcoolismo como um desvio individual e não como um comportamento social.

Assim, o problema do álcool não afeta unicamente o dependente, também envolve a família, especialmente às mulheres que cuidam e se tornam responsáveis pelo consumidor no dia-a-dia.

1.2 Motivação para a realização do estudo

Os dados estatísticos apresentados mostram incremento importante no consumo de álcool no México, percebido pelo consumidores e família, mas não pelos demais indivíduos que estão longe de viver e/ou conviver diariamente com um consumidor. Papí (2001) focalizava sua atenção na existência de uma família disfuncional e, pelo menos, uma mulher com problemas físicos e/ou psicológicos

durante o tempo em que conviveram com um dependente. Situação que é reforçada pelo sistema cultural que estereotipa a mulher como cuidadora e subordinada à figura masculina (por exemplo, pai, esposo, filho mais velho), gerando nelas excessiva responsabilidade das ações dos outros, tornando o problema ainda maior.

Guevara (2004) refere que um dos membros da família desenvolve conduta aditiva e outro desenvolve uma co-dependência, ou seja, favorece a continuação da adição de duas formas: primeiro - negando o problema de adição, após tomar consciência tenta escondê-lo, permite e apóiam o dependente com condutas de cumplicidade e considera que só ele/ela podem salvá-lo e oferecer-lhe ajuda necessária; e segundo – realiza um *boicote* explícito e implícito dos esforços do dependente para sair da adição, desqualificando os terapeutas e centro de tratamento. A mulher é vista tanto como a típica e principal co-dependente, com comportamento de vítima e mártir, mas também como perseguidora e salvadora.

O consumo de álcool no México, e especialmente no estado de Querétaro, constitui um problema de saúde pública, já que afeta grande parte da população e representa uma das principais causas de morte em regiões indígenas do Estado (Amealco e Tolimán). O Conselho Nacional contra Adições (CONADIC) estabelece que, para a nação, o Estado de Querétaro, ocupa o 4º lugar em taxas de mortalidade de cirrose hepática, ocupando os primeiros lugares Hidalgo, Yucatán e Veracruz. A cirrose hepática se encontraria entre as 10 principais causas de morte nos homens entre 35 e 54 anos de idade. Foi estimada perda de anos de vida de 21,5 para o ano 2000 (MARTÍNEZ, 2005).

Com base nos dados anteriores e na minha prática ativa profissional como enfermeira assistencial, em muitas ocasiões, foi dado atendimento a pacientes dependentes do álcool, sendo em maior número homens, com internações recorrentes por complicações médicas como a cirrose hepática. Durante esse tempo, pode-se observar a presença contínua das mães e esposas ao lado do doente, contudo, pela característica da formação profissional, dentro de um modelo biomédico, centralizou-se a atenção para o paciente e resolução da situação do problema agudo. Fatos como esse indicam que os profissionais de saúde evidenciam falta de sensibilidade para o reconhecimento de outro tipo de situações relacionadas ao uso e abuso de bebidas alcoólicas, por exemplo,

violência familiar ou problemas de saúde mental, tanto no paciente quanto nos familiares, entre outros.

Em algumas ocasiões tive contato com membros da sociedade de Alcoólicos Anônimos (AA), que realizavam freqüentes visitas ao hospital para levar informações aos dependentes e os convidavam para participar das reuniões, porém, não havia manifestações de interesse para com os acompanhantes, que, inclusive, desconheciam a existência de grupos de auto-ajuda, para familiares de pessoas com problemas de dependência de álcool e drogas, como o grupo *Al-Anon*. Como profissional, atuante na área hospitalar, desconhecia essa informação, o que representava impedimento para compartilhar essa informação com os familiares ou encaminhá-los a esses grupos de apoio.

Na atualidade, essa situação não tem sofrido grandes mudanças, já que a maioria das instituições de saúde limitam-se ao atendimento de desintoxicação, síndrome de abstinência e complicações médicas ou psiquiátricas, derivadas da dependência, sem estabelecer ações explícitas para dar seguimento ao paciente com problemas em sua forma de beber, assim como em oferecer atenção aos familiares. Ademais, são poucas as escolas ou faculdades da área de saúde que têm integrado, dentro da sua programação curricular, programas educativos relacionados ao consumo de álcool e drogas.

Para localizar a população em estudo, em sua área geográfica, mostrase que o Estado de Querétaro está localizado na parte central do México e conta com extensão de 11 796 km², assim representando o 6% do território nacional (Figura 1).

Figura 1 - Mapa dos Estados Unidos Mexicanos (MICROSOFT. ENCARTA, 2006)

Querétaro está dividido, política e administrativamente, em 18 municípios. Tem população projetada, para o ano 2006, de 1 613 316 habitantes (Figura 2) (MEXICO, 2007).

Figura 2 - Mapa de Estado de Querétaro

A comunidade de Santa Maria Magdalena foi fundada, aproximadamente, há 200 anos. As pessoas trabalhavam na Fazenda de San Juanico, mas, em 1923, as terras foram entregues como terras de cultivo, sendo conferido um novo nome em louvor à virgem da comunidade Maria Magdalena (Figura 3). No entanto, entre os anos 1980 e 1990, as terras foram divididas, assim, originando-se a comunidade de Carrillo Puerto, as colônias de interesse social como Tintero e Santa Mónica, e permanecendo uma parte com o nome original de Maria Magdalena.

Figura 3 - Localização da comunidade onde foi desenvolvido o estudo (MICROSOFT. ENCARTA, 2006)

Santa Maria Magdalena está localizada a sudeste do município de Querétaro, a 1 800 m sobre o nível do mar. Está habitada por 8 339 pessoas, dos quais 4 143 são do sexo masculino e 4,196 ao sexo feminino e um total de 1,918 casas habitadas (México, 2007).

O Diagnóstico de Saúde Comunitária mostra que Santa Maria Magdalena está passando por período de transição rural-urbano. A construção de novos bairros especialmente para operários vem permitindo o acesso a serviços básicos como encanamento, luz, telefone, aumento do número de vias de transporte, porém, mantendo as tradições familiares, sociais e religiosas. É possível distinguir famílias extensas, formadas por pais, filhos e sogros, assim como mães solteiras com a necessidade de integrar-se ao mercado de trabalho. Muitas das famílias da comunidade possuem animais domésticos e gado (por exemplo, vaca, porco e ovelha) o que aumenta a presença de fauna nociva (por exemplo, mosquitos e roedores).

Também, dentro do Diagnóstico Comunitário, foram identificados os locais ou pontos de venda de bebidas alcoólicas, as quais são comercializadas 24h do dia e não seguem as normas vigentes, em que se proíbe a venda a menores de idade. Ademais, observam-se grupos de jovens e gente adulta consumindo bebidas alcoólicas na via pública. Em relação à família, também é identificada a tolerância ao consumo de álcool, já que, segundo esses estudos, atinge vários membros da família (CASTAÑÓN; GONZÁLEZ, 2005; SÁNCHEZ; GONZÁLEZ, 2006).

À existência desses dados, na prática comunitária dos trabalhadores de enfermagem em Santa Maria Magdalena acrescenta-se que, de acordo com o mapeamento de risco realizado pelo Centro de Integração de Jovens (CIJ) de Querétaro, entre os anos 2004 e 2006, a comunidade encontrava-se entre as 20 colônias chamadas de “alto risco” para o consumo de substâncias aditivas entre os adolescentes. As bases que representavam alto risco para o consumo estavam representadas por integrar famílias consideradas problemáticas e apresentar um conjunto de situações geradoras de angústia na vida diária (MARTÍNEZ, 2005).

Como manifestado anteriormente, são as mulheres que estão presentes nos recorrentes ingressos hospitalares dos consumidores de álcool. Essa fase aguda, não é mais do que uma das tantas situações estressantes que as mulheres (esposas ou companheiras) vivenciam com frequência, favorecendo o estabelecimento de relações interpessoais onde está presente a violência, por parte do dependente de álcool, para um ou mais membros da família, sendo a mulher o alvo mais comum. Essa violência pode ocasionar danos para sua saúde, tanto físicos quanto mentais, como resultado da relação de co-dependência que estabelece com o dependente de álcool.

Nesse contexto, a Faculdade de Enfermagem vem executando ações de extensão, na comunidade de Santa Maria Magdalena (Querétaro), por meio do programa denominado *Enfermería y la Salud* (ENSAIN), sob a proposta de que “o consumo de drogas é um fenômeno que associa problemas socioeconômicos, de saúde pública e de tipo judicial”. Dessa forma, os programas de prevenção e tratamento do abuso de drogas devem ter como base de trabalho o enfoque de prevenção da saúde (CICAD, 2003).

Sob essa perspectiva, a proposta é realizar um estudo com mulheres que mantêm relacionamento íntimo com um consumidor excessivo de álcool, já que os estudos de investigação, de forma geral, são realizados para e entre os consumidores e não entre os familiares ou pessoas próximas que convivem diariamente com essa situação.

Assumindo que a co-dependência, entre o consumidor e a esposa/companheira é uma relação de compromisso, determinada por padrões culturais e sociais, que, por sua vez, determinam o comportamento esperado para cada um deles, optou-se pela realização de um estudo a partir da Teoria de Ação Comunicativa de Habermas e seu conceito de mundo da vida que possibilita

identificar, por meio de atos e falas, as ações que seriam realizadas em uma situação determinada como normal.

O mundo da vida é constituído pelo *mundo social*, onde se estabelecem relações interpessoais, regidas por normas que tornam legítimas ditas relações, o *mundo objetivo*, onde se estabelece o estado das coisas, nesse caso, nos fatos relacionados com o consumo de álcool na comunidade e entre os casais; e o *mundo subjetivo*, onde a mulher interioriza e torna próprios os fenômenos. Isso acontece quando uso e abuso de álcool encontram-se no seu contexto mais próximo. A análise realizada, para o qual se tomou como base o conceito de mundo da vida, permitiu a visão integral do significado que teria, para essas mulheres, o alcoolismo em sua comunidade e família.

A pergunta de investigação que orientou o trabalho foi:

Qual o sentido que dão, ao seu mundo da vida, as mulheres que convivem com companheiros alcoolistas em uma comunidade de Querétaro, México?

A importância do estudo se fundamentou na necessidade de analisar os sentidos e as ações que as mulheres de dita comunidade desenvolvem como consequência da convivência com o companheiro alcoolista, a partir da narrativa de suas vivências, assim como estudar a consequência disso no âmbito das inter-relações. Tudo isso permitiu identificar alguns construtos que explicam o comportamento.

Espera-se que os resultados do presente estudo contribuam com o desenvolvimento de futuras ações de prevenção e controle de adições no âmbito comunitário, baseadas na interpretação do significado que as participantes do estudo manifestaram em relação ao tema do álcool em sua comunidade.

A intervenção da equipe de saúde, de maneira especial os profissionais de enfermagem das instituições educativas e de saúde, representa papel importante no desenvolvimento de projetos de vinculação, extensão e investigação, que integrem tanto os profissionais de saúde quanto os membros da comunidade, na busca de estratégias para modificar, a médio ou longo prazo, alguns padrões de comportamentos sociais e culturais que condicionam a relação dessas mulheres e seus companheiros consumidores de álcool.

2 Introdução.
A relação afetiva da mulher com
o companheiro dependente de álcool

A co-dependência é expressa como a aceitação do engano e maus-tratos, do qual são objeto as mulheres, por parte do dependente de algum tipo de droga. Maus-tratos, que causam perda do equilíbrio emocional, alteração do pensamento e sentimento e alteração de comportamento do próprio consumidor. Se a pessoa dependente é o companheiro, a relação afetiva e sexual é prejudicada, o cotidiano torna-se difícil de enfrentar e a saúde passa a sofrer transtornos (RIPRED, 2004).

O envolvimento dos integrantes de uma família com a adição de um integrante da mesma, é denominada co-dependência e, por apresentar início e desenvolvimento de sintomas, é considerada como uma doença (LYLES, 2004).

Perez e Delgado (2003) realizaram revisão da literatura sobre a temática e resumiram os comportamentos característicos do co-dependente (CD) da seguinte maneira: **a.** a conduta dos CD é determinada por forças externas e não por decisões voluntárias; **b.** existe inadequado manejo dos sentimentos, relação de amor, sofrimento e sacrifício e a procura constante de proteger e desculpar o dependente; **c.** baixa auto-estima; **d.** comportamentos compulsivos expressados como grande necessidade de controlar outras pessoas e os acontecimentos de seu entorno e **e.** estresse, doenças psicossomáticas e depressão são características encontradas entre os CD.

Coddou (1999) refere-se ao modelo para explicar a dinâmica das famílias dependentes químicas de Staton et al, o qual é um processo cíclico que envolve três pessoas ou mais, de maneira geral o dependente e os pais. Ademais, descreve as características da dinâmica familiar disfuncional incluindo a proposta por Whitfield, na qual um membro dependente, um ambiente onde o tema da droga não é discutido, atenção centrada em um ou mais membros adultos da família e tarefas, de responsabilidade dos adultos, delegadas às crianças. De outro lado, compara a dependência a uma doença, à qual, inicialmente a família não lhe confere importância, porém, depois manifesta esperança de cura e, em fase mais avançada, estabelece negação da doença e rejeição moral.

A disfunção, então, converte-se em um estilo de vida que, por sua vez, cria uma situação em que o isolamento da família das relações sociais do cotidiano e a presença de regras familiares confusas, rígidas e até injustas, afetam todos os integrantes da família. Essa situação afeta de maneira especial as crianças, permitindo a formação de um caráter co-dependente, podendo facilitar o desenvolvimento de adições ou de relações conflituosas no futuro.

De acordo com os padrões de resposta da família, frente à doença aguda ou crônica, haverá duas tendências segundo Kornblit (CODDOU, 1999):

- *tendência centrípeta*, na qual se manifesta uma coesão interna que gira em volta do eixo (o doente) e diminui a possibilidade de desenvolvimento dos demais integrantes da família;
- *tendência centrífuga*, a qual é caracterizada pela manifestação de condutas evasivas, por parte dos membros da família, à exceção de quem se dedica ao cuidado do doente.

O termo co-dependência pode ser aplicado ao integrante da família, que se envolve de maneira obsessiva com os problemas do dependente, “vivendo por e para ele”, ocasionando desequilíbrio em sua vida pessoal, familiar, social e de trabalho.

Em teoria, os homens podem ser co-dependentes, mas a literatura refere-se à doença como própria da mulher e com uma alta prevalência determinada social e culturalmente (MANSILLA, 2002).

A co-adição (co-dependência) pode ser induzida por meio de três situações (VACCA, 2003):

1. *direta*: a existência de um sistema de condutas e crenças que caracterizam uma família por meio da ausência de expressão, bloqueio, ou déficit, na expressão direta dos afetos e emoções. Existe um ambiente familiar de adição em que se fomenta o uso e abuso de substâncias aditivas;

2. *acidental*: existe o desenvolvimento de identificação com uma pessoa totalmente oposta ao seu comportamento, com o companheiro(a) aprende-se novas formas de expressar e sentir afeto. Porém, essas novas formas são disfuncionais e causam dor e sofrimento;
3. *induzida* (pelas instituições): existe uma forma predominante de crenças e sentimentos que contribuem com os casos de co-adição em relação ao álcool, razão pela qual se evidencia a dificuldade para negar-se a ajudar a outra pessoa em detrimento próprio, assim como constantes sentimentos de angústia e baixa auto-estima.

Nesse contexto, pode-se estabelecer claramente uma relação entre co-dependência e gênero. Nessa situação a mulher seria a mais vulnerável, isso como consequência da identidade que assume dentro da cultura. Essa realidade responde a uma construção social dicotomizada, relacionada com o sexo e suas implicações.

Bertely (2002) propõe a possibilidade de obter distintas conclusões em um estudo, de maneira especial, quando o conceito de gênero é visto desde um dos três enfoques, descritos a seguir:

- *primeiro*: características físicas do ator social, que pode ser motivo de identificação cultural, e o grau de qualificação;
- *segundo*: características estruturais da sociedade, tais como o mercado de trabalho, a estrutura da população, dinâmica econômica, recursos existentes e o acesso aos mesmos;
- *terceiro*: construção simbólica da sociedade e o significado cultural, por exemplo, o prestígio, a valoração, os prejuízos, os estereótipos, as atitudes, etnocentrismo, estigma, sexismo e androcentrismo.

É evidente que o uso e abuso de substâncias aditivas, por exemplo, o álcool e as drogas, estão em aumento, assim como a violência física, sexual e psicológica, que resultam da relação disfuncional dependente/co-dependente. Tudo isso, podendo afetar a auto-estima dos integrantes do núcleo familiar, especialmente das mulheres.

De todo o exposto, pode-se considerar que o sistema de gênero é estabelecido socialmente e reproduz as práticas, representações, normas e valores que a sociedade constrói a partir da diferença entre os sexos (BEATRES, 1996). O conceito de gênero desenvolve-se como resposta aos estudos direcionados ao tema da mulher, os quais geraram vários pressupostos, mas a idéia principal era conseguir superar os problemas de algumas categorias centrais evidenciados nos estudos sobre a mulher.

O sistema gênero foi definido, primeiramente por Rubin, como um conjunto de conciliações, por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana. No entanto, Shampiro, na década de 70, fez uma diferenciação entre os termos sexo e gênero. O primeiro indicava as diferenças biológicas entre um homem e uma mulher e o segundo referia-se às construções sociais, culturais e psicológicas que, de uma maneira ou de outra, eram impostas às diferenças biológicas (MEZAN; PISCITELLI; GOLDANI, 2002).

Segundo Scott (1998), as preocupações teóricas, relacionadas ao gênero como categoria de análise, apareceram no final do século XX como construção social em que as atividades são adquiridas por meio das inter-relações sociais, em um contexto de desigualdade. Para o autor, o conceito de gênero representa quatro elementos relacionados entre si: símbolos culturalmente disponíveis, conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos e referência às instituições e organizações sociais e, finalmente, o quarto aspecto é a identidade subjetiva, a qual é construída em relação a um grupo de atividades, organizações sociais e representações culturais historicamente situadas.

O conceito de gênero não se aplica ao homem e à mulher, propriamente ditos, e sim às relações de desigualdades entre as mulheres e os homens (ou entre as esferas masculina e feminina), em relação à distribuição dos recursos, das responsabilidades e do poder. A distribuição de mortalidade é maior nos homens (5 a 20 vezes mais que nas mulheres), particularmente na população adulta jovem, que se relaciona com comportamentos de risco, resultando em acidentes, violência, suicídio e conflitos armados; ainda amplamente associados com a divisão social e o desempenho do papel, segundo o sexo, e as correspondentes expectativas

culturais do homem, tolerados e estimulados entre os mesmos homens (GÓMEZ, 2002).

Nesse sentido, a família converte-se na produtora principal da ideologia e da construção do gênero com todas suas implicações, entre elas as relações de dominação. Assim, a violência intrafamiliar reproduz a violência exterior do meio social a qual volta à sociedade ocasionando custos elevados em saúde, educação e justiça. Historicamente, a violência intrafamiliar, particularmente a exercida contra as mulheres, tem seus antecedentes em matéria e leis que presidem as relações sociais de um grupo.

Suárez (2004), na primeira metade do século XX, descreve o papel da mulher mexicana da colônia, conforme mostrado a seguir.

- Na Nova Espanha, a mulher devia ao cônjuge a obediência total em troca de sustento e proteção. Eram consideradas como seres inferiores. Exaltava-se delas a sobriedade sexual, a reserva, a honestidade e a mesura, como meio para encontrar esposo. Não devia ter iniciativa sexual, pois podia ser utilizada como argumento masculino para toda classe de abuso. O discurso da igreja associava o castigo físico para a purificação, que é possível que tenha sido interiorizado pelo homem para exercê-lo e pela mulher para suportá-lo.
- No século XIX apresentou-se ambivalência entre as crenças de uma nova ordem social, que incluía uma família disciplinada como base e o discurso colonial permeando a sociedade. Ainda, assim, considerava-se que as mulheres mexicanas se encontravam em melhor situação legal e material, se comparadas com a situação das mulheres européias ou estadunidenses, por exemplo, no caso de adultério feminino, os esposos não tinham impunidade absoluta para exercer castigo, porém, nunca foi definido o nível de maus-tratos praticados e a autoridade dos esposos sobre as esposas continua vigente no presente século em procura da harmonia da sociedade conjugal.
- Nas primeiras décadas do século XX, a harmonia entre as idéias coloniais e o pensamento liberal formou as bases para a construção do moderno Estado de México. O matrimônio cristiano e o sustento da

família, também, foram fundamentais e determinantes para o soslaio da realidade da violência familiar. Assinou-se à mulher a responsabilidade de coesão do núcleo familiar, socializadora e produtora dos valores necessários para o desenvolvimento capitalista, ou seja, foi-lhe conferido o papel de mãe, esposa e educadora dentro da família.

Nesse contexto, as tradições e crenças emanadas de um sistema social organizado, a partir de um pressuposto de gênero, vinculam a mulher com o lar e com a família. Fatos como esse podem ser observados no “alfabeto feminino” que descreve as qualidades exigidas da mulher no início do século XX, obviamente em um processo de interiorização das normas sociais (mandamentos) vigentes nesse momento:

Eu serei: sempre gentil e bela quanto possível; caritativa com todos e dócil comigo mesma; erudita no necessário; franca e sem pretensões; generosa com o necessitado; dedicada ao meu lar; inteligente e sem vaidade; jovial, porém respeitosa; luz do meu lar, mãe e não madrastra; imperiosa aos meus e otimista mesmo na dificuldade; prudente nos meus gostos; piedosa e não cruel; refinada e sem hipocrisia; servidora, mas com limite; sensível com quem necessita; orgulhosa de quem eu sou; valente para defender meu lar; semente boa do meu jardim e serviçal com meu dono (LAU; RAMOS, 1993).

É possível que, desse comportamento, aprendido por nossas mães e avós, ainda exista um forte remanescente que condiciona as ações da mulher frente à problemática familiar semelhante ao uso e abuso do álcool.

Nesse sentido, Diaz-Guerrero (2003) mostrou a evolução da psicologia a partir da análise a qual denominou Premissas Histórico-Socioculturais (PHSCs), que são afirmações representativas da crença cultural entre os membros de um grupo determinado. Nos estudos realizados pelo autor (1983 e 1996), as PHSCs relevantes foram “o amor *versus* o poder”, “a obediência filial” e a “abnegação”. Referindo que o mexicano enfrenta os problemas por meio do amor, a obediência, a lealdade e a família. Finalmente, resume que a estrutura da família tradicional mexicana está fundamentada em duas proposições: a supremacia indiscutível do pai e o necessário e absoluto auto-sacrifício da mãe.

Diaz-Guerrero (2003) refere ainda que o comportamento da mulher, na década de 90, não difere muito daqueles descritos por Lau e Ramos (1993) e Suárez (2004). Esses autores investigaram a historicidade das características desejáveis da mulher, ou seja, a permanência do conceito de subordinação e

sacrifício da mulher mexicana. Referências como essas tornam-se importantes para o estudo do comportamento da mulher que convive com um dependente alcoólico, de maneira especial a mulher com compromisso conjugal, que a impossibilita de, em algum momento, tomar algumas decisões, assim como executar algumas ações.

É possível inferir dois antecedentes histórico sociais: as crenças, tradições e aparências sociais são importantes, razão pela qual manter os problemas unicamente entre os membros da família é um comportamento esperado, e quando se apresenta dependência a substâncias, em um membro da família, o problema não é compartilhado com membros externos ao núcleo familiar, assim como não é permitido pensar em solicitar ajuda.

Essa dinâmica familiar envolve, durante a evolução da dependência de um membro da família, os demais integrantes de núcleo familiar. A mulher, pela sua história, é a mais envolvida, interiorizando e formando parte da subjetividade de comportamentos, tornando-se dependente do companheiro ou do dependente.

As conseqüências, no âmbito familiar e comunitário, são manifestadas em forma de condutas e problemas de saúde característicos das mulheres de dependentes. Essas características foram descritas na década de 40, mas, em 1979, foi estabelecido o termo co-dependente. O termo refere-se às pessoas com condutas disfuncionais, como resultado de uma relação com um companheiro alcoolista. Essas condutas impossibilitam a pessoa de estabelecer relações positivas no aspecto emocional, psicológico, espiritual, físico e financeiro, por conviver com uma pessoa doente, incapacitada ou necessitada.

Entre os grupos com maior tendência a apresentar co-dependência, encontra-se os companheiros de alcoolistas, dependentes em processo de recuperação, familiares de pessoas que trabalham excessivamente, famílias superprotetoras ou famílias com características neuróticas (COUDDOU, 1999; BARNETCHE, 2000).

Embora exista o reconhecimento dessa relação patológica, pouco se conhece sobre as condições de vida do co-dependente, especialmente das mulheres. Albuquerque (1975) mostrou o comportamento que a mulher de um dependente alcoólico sofre na medida em que a dependência do esposo evolui. Com o propósito de forçar o esposo a deixar o hábito da bebida, as mulheres utilizam vários recursos, por exemplo, manifestações de ciúmes e ameaças de

abandono; em algumas ocasiões, tentativas de auto-extermínio e, em menor frequência, o suicídio. As mulheres assumem, de maneira geral, uma posição de sofrimento, seguida de insegurança e, finalmente, de dominadora.

O mesmo autor (ALBUQUERQUE, 1975) propõe o princípio de predeterminação para esse tipo de relação: os esposos são mais velhos, portanto, as mulheres assumem um comportamento maternal e tolerante frente aos excessos de consumo de álcool, em várias ocasiões estimulando-os a beber e fortalecendo a posição de domínio no lar. Esses seriam comportamentos evidenciados, na maior parte dos casos, porém, casos opostos evidenciam as mulheres como vítimas de violência que, muitas vezes, leva à morte.

Almeida e Luis-Villar (2004) denominaram “cuidadora” as mulheres que atendiam aos doentes e, com a ajuda de uma equipe multidisciplinar e a organização de grupos de apoio e atenção individual, buscaram entender suas angústias, medos e frustrações. Os autores observaram que as pessoas que procuraram o serviço eram familiares dos dependentes do álcool; assim, solicitando orientação em relação às atitudes que deveriam ser tomadas e o tipo de tratamento requerido para o seu familiar. De maneira geral, os familiares chegavam ao serviço quando a situação (convivência) com o dependente do álcool já apresentava problemas sociais (perda do emprego) e complicações clínicas (por exemplo, cirrose hepática e complicações cardiovasculares).

É importante ressaltar que, nesse estudo, o papel de cuidador foi, em maior frequência, representada pelos companheiros. Esse, inicialmente, acreditava que unicamente o dependente precisava de atendimento e acompanhamento. Também foi observado o desenvolvimento de um sistema de defesa eficaz, porém, não produtivo, já que manifestavam sentimentos de raiva, preconceito, indiferença, frustração com o relacionamento, contrariadas com o sentimento de responsabilidade e afeto, que ainda manifestavam pelo dependente, porém, o negavam. Nas conclusões do estudo, os autores referem que aceitar a situação, tanto para o cuidador quanto para o dependente, é de fundamental importância para se obter um bom resultado no tratamento da dependência.

Com base no exposto, com o presente estudo, procurou-se identificar qual o significado cultural de consumir bebida alcoólica, desde a visão das mulheres que assumem uma relação de compromisso e responsabilidade sobre as ações do

esposo como dependente de álcool, de uma comunidade em extensão rural-urbana, o que implica em ter condições particulares relacionadas ao contexto.

Para cumprir esse objetivo, foi realizado um estudo de abordagem qualitativa, orientado pela proposta de Habermas sobre a ação comunicativa e o conceito de mundo da vida.

3 Objetivos do estudo

Geral

Explorar o mundo da vida de mulheres com relacionamento conjugal com um alcoolista, em uma comunidade de Querétaro, México, à luz da teoria da ação comunicativa de Habermas.

Específicos

- Compreender as estruturas sociais e culturais subjacentes ao comportamento da mulher frente ao tema do alcoolismo em seu contexto próximo: comunidade e família.
- Reconhecer as definições comuns, expressas pelas mulheres entrevistadas em relação ao tema do álcool.
- Identificar o conhecimento e as situações relevantes, expressas pelas mulheres, susceptíveis de problematização, que podem ser ponto de partida para a modificação de comportamentos sociais.

4 Referencial teórico-metodológico

4.1 Jürgen Habermas

Como referido anteriormente, o estudo será guiado pelos fundamentos da Teoria da Ação Comunicativa. Essa teoria foi proposta por Habermas, que nasceu em 18 de junho de 1929, em Dusseldorf, Alemanha. É considerado um dos principais herdeiros da Escola de Frankfurt. Escola que foi fundada em 1923 e entre seus principais objetivos está o estudo crítico dos fenômenos sociais. A partir de 1949, estudou filosofia, história, psicologia, economia e literatura alemã em Göttingen e em Bonn. Obteve o título de doutor com a tese intitulada “O absoluto e a história”. Foi assistente de Adorno 1956 a 1959, no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Foi professor em Heidelberg entre os anos 1961 e 1964, depois foi professor titular de Sociologia e Filosofia, também em Frankfurt de 1964 a 1971, e dirigiu, a partir desse último ano, o Instituto Max Planck de Starnberg (POLITICASNET, 2001).

No ano 1981, publicou o livro intitulado “Teoria da Ação Comunicativa”, onde aplicou seus conhecimentos de filosofia social, linguagem e sociologia. Tornando-se evidente a influência de pensadores como Hegel, Marx, Husserl e Heidegger e deixou explícita a tentativa de uma reconstrução do materialismo histórico, criticando fortemente o marxismo por considerar que descuida do aspecto superestrutural e presta maior atenção ao econômico-material.

A teoria da ação comunicativa é uma obra social sobre a origem, a evolução e as patologias da sociedade. Nela, Habermas abandona o programa de filosofia da consciência ou do sujeito e direciona-se para a intersubjetividade comunicativa, ou o entendimento lingüístico, no qual os sujeitos coordenam seus planos de ação sobre a base de acordos motivados racionalmente, a partir da aceitação de pretensões (ARTEHISTORIA, 2006).

Junto ao conceito de ação comunicativa, Habermas inclui uma noção complementar: o mundo da vida, único horizonte por meio do qual e sobre o qual pode acontecer a reprodução simbólico-social em ações lingüisticamente mediadas. A peça fundamental é a idéia reguladora de “comunidade ideal de comunicação”, livre de restrições de interesses particulares. Entende-se, também, que a ética, para Habermas, é uma ciência reconstrutiva que não deixa de lado elementos histórico-culturais. Para o autor, não há conhecimento neutral, e sim a existência de diversos

interesses científicos: 1. o técnico das ciências empíricas; 2. o prático orientador da ação pela sua compreensão dos sentidos e 3. o emancipador da teoria crítica da sociedade. O autor relata o mundo da vida dos grupos sociais, nos quais as ações são coordenadas pelo entendimento e o mundo do sistema que se regula, assim mesmo, por meio das ações afins (POLITICASNET, 2001).

Habermas propõe a transformação da sociedade por meio da reflexão crítica, apoiando-se na filosofia da linguagem e formulando sua doutrina da situação ideal do diálogo. Na teoria proposta conciliam-se conhecimentos teóricos e interesses práticos; então, a crítica da sociedade consiste em compreender e libertar-se de diversas formas de dominação (CORTES, 1996).

4.2 Pressupuestos básicos de Habermas

De acordo com Fernández (1997), Habermas distingue quatro tipos de ação que costumam intervir na teoria social e explicam o mundo, mostrados a seguir.

a) *Ação teleológica*: explica o centro da teoria filosófica de ação, desde a época de Aristóteles. O autor realiza alguma coisa ou torna possível aquilo se produzir, isto é, cria o estado das coisas desejado, elegendo, em determinada situação, os meios mais adequados, para, posteriormente, serem aplicados da forma mais adequada. O conceito principal é de uma decisão entre alternativas de ação, que leva à realização de um propósito, dirigida por máximas e apoiada em uma interpretação da situação. A ação teleológica amplia-se e converte-se em uma ação-estratégia quando, no êxito do agente, intervêm a decisão de pelo menos outro agente que, também, atua em relação à obtenção dos propósitos.

b) *Ação regulada por normas*: não se refere ao comportamento de um ator, em princípio solitário, que se encontra em seu entorno com outros atores, e sim aos membros de um grupo social que orientam sua ação por valores comuns. É, assim, que o ator observa ou foge de uma norma quando está frente a uma oportunidade em que a norma pode ser aplicada. As normas expressam um acordo existente dentro de um grupo social; e todos os membros dos grupos têm o direito de esperar que, em determinadas ocasiões, ou situações, se executem ou imitem as

ações obrigatórias e proibidas. O conceito central de observância de uma norma significa o cumprimento de uma expectativa generalizada de comportamento. Esse modelo normativo de ação surgiu da teoria do papel social e teve significado especial no desenvolvimento da teoria sociológica, por meio de Durkheim e Parsons.

c) *Ação de dramaturgia*: não se refere nem a um ator solitário nem ao membro de um grupo social, e sim a participantes de uma interação constituída por um público (uns para os outros) que, frente a uma ação, se colocam em cena. O autor transmite, entre o público, determinada imagem ou impressão de si mesmo ao colocar manifesto o que é desejado, ou seja, sua própria subjetividade. Aqui o conceito central é a auto-escenificação, o que significa não um comportamento expressivo e sim uma estilização da expressão das próprias vivências com a finalidade de influenciar os expectadores. Esse modelo de ação serve fundamentalmente às descrições de orientação fenomenológica da ação.

d) *Ação comunicativa*: refere-se à interação de, no mínimo, dois sujeitos com linguagem e ação querem, seja por meios verbais, ou extraverbais, estabelecem uma relação interpessoal. Os atores procuram entender-se em uma situação de ação, de tal forma que possam coordenar, em comum acordo, seus planos de ação e suas ações. O conceito central, nesse caso, é o de interpretação, que se refere à negociação de definições da situação e que são passíveis de consenso.

Nesse sentido, a crítica da sociedade, proposta por Habermas, sustenta-se na crença de que a ciência pode ser um instrumento de liberação: Sua teoria é baseada no respeito à racionalidade do interlocutor em um processo de comunicação ideal em que os atores têm o mesmo poder.

Para Habermas, a linguagem é o fundamento do conhecimento e da ação. É daí que o autor justifica a proposta da *ação comunicativa*, onde a racionalidade é conferida pela capacidade de entendimento entre “sujeitos com capacidade de linguagem e de ação” por meio de atos e da fala, cujo significado representa o “mundo da vida”, ou seja, de crenças e interesse no explícito, acriticamente aceitos pelas comunidades de comunicação (HABERMAS, 2002).

4.2.1 Ação Comunicativa

O conceito de racionalidade comunicativa tem conotações que, em última instância, remontam à experiência central da capacidade de atuar sem coerções e de gerar consenso com fala argumentativa. Nesse conceito, diversos participantes superam a subjetividade inicial de seus respectivos pontos de vista, para aceitar aqueles provindos de uma comunidade de convicções racionalmente motivada. Ao mesmo tempo, garantem a unidade do mundo objetivo e da intersubjetividade do contexto em que desenvolvem suas idéias (HABERMAS, 2005).

Habermas refere que “sentido” é o significado de uma palavra ou uma frase e baseia-se no pensamento de que não existem intenções puras e prévias, de quem fala. O sentido tem ou encontra sempre uma expressão simbólica. As intenções para pedir clareza precisam, sempre, adotar uma forma simbólica e podem ser expressas ou manifestadas por meio da linguagem verbal ou extraverbal (por exemplo, modos e gestos). Pelo exposto, as normas têm um conceito semântico, justamente um sentido que, sempre que um sujeito capaz de entendê-lo as segue, tem se convertido em razão ou motivo de um comportamento (HABERMAS, 2001).

Um comportamento que se observa por determinado período de tempo pode, de fato, concordar com uma norma estabelecida sem que, necessariamente, venha a ser dirigida por essa norma. Portanto, distingue-se comportamento regular e comportamento regido por regras, isto é, entre comportamento regular e ação. As regularidades acontecem, ou não, no entanto, devem ser entendidas em relação ao seu sentido. As regularidades comportamentais podem ser observadas, enquanto que as ações podem ser entendidas (HABERMAS, 2001).

Nesse sentido, desde o início, o significado lingüístico permanece na relação da idéia de um entendimento entre os participantes da *interação lingüística e algo no mundo*. Por essa razão, deve-se fazer a conexão entre o conceito de linguagem e o de sociedade, e esse com o mundo da vida, como o horizonte que contextualiza, abre a possibilidade de uma teoria de linguagem que concilia a ação com a interpretação. A relação dialógica fundamenta-se no discurso argumentativo que produz a união sem coerção e cria o consenso, ao unir o mundo objetivo e intersubjetivo, do contexto em que se desenvolve a vida do indivíduo (FERNÁNDEZ, 1997).

A reflexividade da linguagem natural é produzida em razão de ambas as formas de empregar a linguagem remetendo, de forma implícita, um ao outro. Habermas refere que as relações pragmáticas, o uso cognitivo da linguagem (estabelecida entre os enunciados) e a realidade dependem de uma construção prévia dos objetos da experiência.

As coisas e sucessos movimentam-se em tempo e espaço fisicamente mensuráveis, as pessoas e suas manifestações movimentam-se em horizontes de tempo biográfico e historicamente imputável. Os objetos da experiência comunicativa podem e devem ser interpretados como a identidade de uma pessoa ou grupo.

Habermas (2002) denomina de ações “unicamente as manifestações simbólicas em que o autor da ação teolológica, a ação regulada por normas e a ação de dramaturgia entram em relação pelo menos com o mundo (sempre com o mundo objetivo)”. Os movimentos corporais e as operações estão unidos às ações e, secundariamente, podem chegar a adquirir a autonomia que caracteriza as ações por inclusão em um jogo ou em uma aprendizagem, isso implicaria, para o investigador, aproximar-se, observar e aprender os significados para, posteriormente, realizar uma interpretação da linguagem não-verbal.

Para Habermas, a teoria da comunicação, na linguagem comum, não deve ser limitada, como no caso da hermenêutica, a dirigir e disciplinar a capacidade natural que supõe a competência comunicativa, também deve explicá-la, o que pode contribuir para dirigir e orientar a “mensuração” do sentido. A *ação comunicativa* é, então, uma interação simbólica mediada e orientada por normas obrigatórias que definem expectativas recíprocas de pelo menos dois sujeitos, os quais interatuam no cotidiano, portanto, no mundo da vida (HABERMAS, 2001).

4.2.2 O mundo da vida

De acordo com Habermas, o mundo da vida pode ser conceitualizado como aquele em que os participantes da interação iniciam e discutem suas ações interpretativas. É o espaço onde se constrói a razão comunicativa a partir das relações intersubjetivas dos sujeitos.

O mundo da vida é analisado a partir dos âmbitos da realidade, aos quais denomina natureza externa, sociedade, natureza interna e linguagem. As

implicações da validade, envolvidas em cada ato da fala, mostram que na fala orientada ao entendimento estão sempre presentes, de forma simultânea, essas quatro regiões. Os fragmentos da natureza externa, da sociedade e da natureza interna são resumidos pelo autor no Modelo da Comunicação Lingüística (Tabela 1).

Tabela 1 - Modelo da Comunicação Lingüística

<i>Âmbito de Realidade</i>	<i>Forma fenomênica das referências à realidade</i>	<i>Pretensões de validade implícitas</i>	<i>Funções gerais do ato da fala</i>
<i>Natureza externa</i>	<i>Objetividade</i>	<i>Verdade</i>	<i>Exposição de estados de coisas</i>
<i>Sociedade</i>	<i>Normatividade</i>	<i>Retitude</i>	<i>Estabelecimento de relações intersperssoais</i>
<i>Natureza interna</i>	<i>Subjetividade</i>	<i>Veracidade</i>	<i>Expressão de vivências subjetivas</i>
<i>Linguagem</i>	<i>Intersubjetividade</i>	<i>Inteligibilidade</i>	<i>---</i>

Fonte: Habermas, J. (2001;75)

Essas pretensões de validade, estabelecidas no ato de executar uma fala, constituem relações intersubjetivas, isto é, têm facticidade de acontecimentos sociais. Habermas (2001) distingue quatro classes de pretensões de validade, indicadas abaixo.

1) Verdade: constatações, afirmações e explicações que implicam em uma pretensão de verdade. Tal pretensão não tem razão de ser quando o estado de coisas afirmadas, não existe. A esse uso de linguagem chama-se de linguagem cognitiva. Com essa linguagem estabelece-se uma comunicação que tem como objetivo dizer alguma coisa referente à realidade objetiva.

2) Retitude: todas as manifestações normativas orientadas (por exemplo, ordens, conselhos, promessas) implicam em uma pretensão de retitude. Essa não será legítima se as normas vigentes e subjacentes das manifestações não podem ser justificadas.

3) Veracidade: todas as manifestações expressivas em sentido estrito (como sentimentos, desejos e manifestações de vontade) sugerem uma explicação com veracidade. Isso resulta em atitude correta quando é provado que o que foi expresso na fala não corresponde às suas intenções.

4) *Inteligibilidade*: essa expressão simbólica é empregada quando ambos, quem fala e quem ouve, dominam a mesma linguagem.

De acordo com essa proposta, no mundo da vida podem ser identificados três mundos:

- *o mundo objetivo*, o qual pode ser definido como a totalidade das entidades sobre as quais são possíveis enunciados verdadeiros;
- *o mundo social*, que representa a totalidade das relações interpessoais legitimamente reguladas;
- *o mundo subjetivo*, ao qual corresponde a totalidade das vivências às quais cada pessoa tem acesso privilegiado, e quem fala pode narrar veridicamente ante um público.

Finalmente, emprega o termo *subjetividade* para a comunidade estabelecida entre os sujeitos com capacidade de linguagem e ação, por meio da compreensão de significados idênticos e do reconhecimento de pretensões universais de validade. A *inteligibilidade*, então, significa que quem fala deve compartilhar uma mesma linguagem e um mesmo mundo da vida (Figura 4).

As relações intersubjetivas, que se estabelecem a partir da comunicação, apresentam-se como espaços de necessidades atuais de entendimento e possibilidades de ação, ante uma situação específica, denominada “tema” ou fragmento do mundo da vida, relevante para essa situação.

As setas de linhas duplas indicam relações que diante de suas emissões os atores estabelecem com o mundo

Figura 4 - Relações dos atos comunicativos (AC) no Mundo da Vida (Habermas, 2002:179)

Quando acontece esse processo intersubjetivo, estabelece-se um *plano* de ação que delimita uma situação dentro do mundo da vida daqueles que estão diretamente envolvidos.

Essa situação constitui, para os participantes, o centro do seu mundo da vida, mas somente no momento que é possível problematizar, já que é uma circunstância com a qual a pessoa afetada está familiarizada de maneira intuitiva. Habermas refere que o tema movimenta-se em um *horizonte*, onde uma situação já foi interpretada com base na cultura. Por essa razão, não existem situações desconhecidas, o que permite ao ator localizar-se em diferentes pontos desse *horizonte*. Dessa forma, em um momento determinado, suas ações estarão condicionadas pela norma social ou pelo estado das coisas estabelecido, nesse momento, assim como pela sua subjetividade (HABERMAS, 2002).

4.3 Método hermenêutico-dialético

A proposta de Habermas, para a análise da informação, obtida por meio dos textos, é o método hermenêutico-dialético. A palavra hermenêutica tem origem no grego *hermeneuein*, que significa “interpretar”. Alguns autores a relacionam com o nome grego Hermes, o qual, segundo a mitologia grega, era mensageiro entre os deuses e os homens, além de explicar o “significado e a intenção das mensagens que levava”. A hermenêutica tem sido utilizada e adaptada inicialmente nas ciências legais e na legislação, para, mais tarde, generalizar-se nas ciências humanas e sociais como um método de análise e interpretação (RUEDA; VILARROERL, 2006).

Hans George Gadamer é identificado como o principal responsável pelo desenvolvimento da hermenêutica. O objetivo geral da hermenêutica é a identificação e explicação do significado de um contexto e as estratégias e fatores que estão envolvidos no ato da interpretação. A discussão focaliza determinar se a leitura ou interpretação deve ser baseada nas interpretações e motivações do autor, à influência do contexto, e em que medida a interpretação depende da história pessoal e social de quem interpreta, assim como determinar qual a relação, entre um entendimento global do contexto e uma compreensão isolada de ambas as partes (círculo hermenêutico) (DA SILVA, 2000).

Segundo Minayo (1995), o termo hermenêutica foi proposto por Gadamer e, posteriormente, foi explicado por Habermas. É entendido como a busca da compreensão do sentido conferido à comunicação entre os seres humanos: “ser que pode ser compreendido em sua linguagem cotidiana, o qual tem sido influenciado pela história e os prejuízos existentes”. Na análise dos dados, o ponto de partida é manter e estender a intersubjetividade de uma intenção como o possível núcleo orientador da ação. A análise hermenêutica é introduzida (em tempo atual) na cultura de um grupo determinado para a busca do sentido, procedente do passado, ou de uma visão própria do mundo, envolvendo um único movimento, o ser que compreende e o que é compreendido.

Segundo Minayo, Habermas reorganiza os pressupostos metodológicos da hermenêutica para as ciências sociais e para o tratamento do material comunicativo, para o qual o investigador requer:

- esclarecer, para si mesmo, o contexto de seus entrevistados ou dos documentos a serem analisados, os quais apresentam um conhecimento compartilhado com os outros;
- presumir, em todo documento, um índice de responsabilidade que não permita a dúvida;
- compreender o significado de um contexto quando está em condições de tornar presentes as razões que o autor teria para elaborá-los;
- julgar e tomar uma posição em relação a ele mesmo;
- ter presente que toda interpretação é acompanhada pela expectativa que o autor poderia compartilhar com a explicação elaborada, se ele pudesse, também, compreender o mundo do investigador. Tanto o sujeito que comunica quanto aquele que interpreta são marcados pela história, pelo tempo e pelo grupo ao qual pertencem.

A partir desses pressupostos, Minayo propõe a tarefa interpretativa da seguinte forma:

- diferenciar a compreensão do contexto da comunicação, da compreensão desde o ponto de vista do contexto do investigador;
- investigar e deduzir as definições de situações que o contexto transmitido permite, a partir do mundo da vida do autor e de seu grupo social;

- procurar entender a razão do “sujeito que fala” para acreditar em determinada situação social, valorar determinadas normas e atribuir determinadas ações ou responsabilidades para certos atores sociais, isto é, entender porque o apresenta dessa forma e não de outra.

O método dialógico, baseado em relações aparentemente mais democráticas e horizontais, entre docente e aluno, derivado da teorização de Paulo Freire, é novamente discutido por Habermas, em sua teoria de ação comunicativa (Da SILVA, 2000) e revela a contribuição e limites da hermenêutica, fazendo uma proposta de complementaridade com a dialética. Gonzáles (2002) refere que, no delineamento de Habermas, há um vínculo inevitável no desenvolvimento social e a cultura, por essa razão, para obter resposta aos fenômenos sociais, tornam-se necessários utilizar procedimentos hermenêuticos e empírico-analíticos.

4.4 Tipo de estudo

No presente estudo propõe-se um delineamento qualitativo de enfoque crítico-reflexivo, com base na teoria da ação comunicativa. Pretende-se identificar os construtos elaborados pelas mulheres de dependentes de álcool e, em futuros estudos, propor e realizar intervenções diretas baseadas nos resultados dessa pesquisa.

A posição crítica estabelece que a realidade é uma **construção** na qual participam atores sociais e centraliza sua atenção no “porquê” dos fatos, com a finalidade de entender os significados em função do contexto das interações sociais (ANDERSON, 1990; GALINDO, 1995).

Os estudos, sob uma perspectiva qualitativa, têm como característica a busca da compreensão do fenômeno desde seu interior, isto é, cada situação ou cada caso é estudado em profundidade antes de ser comparado com os outros, tratando de descrever e decodificar o objeto do estudo, com orientação para a significação, conseqüentemente, permite conhecer as percepções dos sujeitos sobre sua realidade.

Sob essa perspectiva, por meio do método etnográfico, apreende-se o modo de vida da unidade social concreta, objetivam-se a descrição ou reconstrução

analítica de caráter interpretativo da cultura, formas de vida e estrutura social do grupo investigado. O conhecimento cultural reservado pelos participantes constitui a conduta e comunicação social apreciáveis, conseqüentemente, a tarefa é explicar esse conhecimento. Portanto, a tendência é trabalhar com dados não estruturados, investigados em profundidade em um pequeno número de casos, em que a análise tem como foco principal interpretar os significados, expressos por meio de descrições e explicações verbais (RODRIGUEZ; GARCIA, 1999).

4.5 Técnica de coleta de dados

Considerando que o pretendido é estudar o significado que as mulheres de uma comunidade suburbana, com companheiros alcoólicos, dão ao seu mundo da vida, utilizou-se como estratégia de coleta de dados a entrevista individual temática semi-estruturada e a observação.

4.5.1 Observação participante

O investigador deve estar submerso no cenário de escolha por um período de tempo que lhe permita obter uma perspectiva interna ou da cultura do grupo. O investigador procura, então, conhecer padrões de comportamento, valores e suposições subjacentes. A observação participante pode ser utilizada quando o pretendido é obter informação e compreender a natureza do grupo, mas não até o ponto de perder a objetividade para registrar e analisar as observações (MAYAN, 2001).

Mayan (2001) refere que a forma de observação participante depende do cenário e do grau em que o pesquisador pode entrar no mesmo. Assim, expõe quatro tipos de observação:

- *observador completo*: observa a situação, não interage, nas atividades diárias;
- *observador participante*: principalmente observa a situação, mas está envolvido nas atividades de forma secundária, ou seja, não interage diretamente com os sujeitos de investigação;

- *participante observador*: está completamente envolvido nas atividades diárias, devendo-se organizar para contar com tempo para realizar o registro das observações;
- *participante completo*: está imerso no cenário e no contexto, não é reconhecido como investigador. Esse posicionamento, atualmente, é bastante questionado sob o ponto de vista ético. Por essa razão é pouco utilizado.

A imersão em campo, no presente estudo, foi de tipo *observador participante*, isto é, estabeleceu-se um contato com as mulheres da comunidade. Para tanto, houve consulta prévia do cadastro dos moradores com a ajuda dos informantes-chave da comunidade, os quais foram localizados no centro de saúde.

4.5.2 Entrevista qualitativa

A entrevista qualitativa permite compreender o ponto de vista dos participantes na investigação sobre seu mundo, a partir de suas próprias palavras. Ademais, possibilita que o entrevistador torne evidente a situação vivenciada por meio de um processo de análises e reconhecimentos de problemas, com a finalidade de obter um conhecimento detalhado referente às percepções, representações e aspirações das pessoas, em um contexto sociocultural que determina as condutas e as relações socioculturais e de gênero (HUDELSON, 1994).

Essa estratégia, comparada a outros tipos de procedimentos, favorece a captação mais profunda das informações, razão pela qual facilita a produção de significados com forte carga de afetividade, ao mesmo tempo que permite evidenciar a presença de estereótipos. A técnica de indução analítica permite definir e redefinir os fatos relevantes da investigação, a partir de *conceitos guias* que podem ser modificados de acordo com os resultados obtidos no trabalho de campo (THIOLLENT, 1987).

Mayan (2001) refere que a entrevista qualitativa é interativa e pode ser de tipo não *estruturada* ou *semi-estruturada*. Na entrevista não estruturada, o investigador identifica uma pergunta de investigação, mas conhece pouco sobre isso, para tanto, pede aos participantes que “*falem sobre sua história*” ou “*falem de*

sua experiência”. O objetivo é incitar os participantes a responderem em profundidade sobre o pretendido. Já na entrevista semi-estruturada coleta-se dados dos participantes a partir de um conjunto de perguntas abertas, previamente formuladas, seguindo uma ordem específica e agrupada em um conjunto de perguntas focalizadas no objetivo do pesquisador. A entrevista semi-estruturada pode ser proposta como mostrado a seguir.

- Entrevista cultural: permite determinar o conhecimento compartilhado, regras valores e expectativas de um grupo.
- Entrevista por tópico: quando o objetivo é aprender mais sobre determinado evento ou tema.
- Entrevista de história oral: a qual permite aprender, sob a perspectiva dos indivíduos experientes, sobre um período específico.
- Entrevista de história de vida: objetivando apreender sobre os principais acontecimentos da vida de uma pessoa.
- Entrevista de avaliação: a qual tem como objetivo obter informações sobre as perspectivas dos participantes em relação às fortalezas e fraquezas de um programa.

No presente estudo, tomando como base a classificação proposta por Mayan, a coleta dos dados foi realizada por meio de direcionamento (instrumento guia) de entrevista semi-estruturada de tipo temática, já que tem-se um conhecimento prévio sobre o tema. As perguntas foram ordenadas com base nas categorias do *mundo da vida*, proposto por Habermas, o que permitiu que os participantes respondessem livremente.

5 Aproximação ao cenário do estudo

Para o desenvolvimento do estudo, foram solicitados aprovação e apoio da Facultad de Enfermería de la Universidad Autónoma de Querétaro (UAQ). A aproximação de campo aconteceu com a integração da pesquisadora na clínica de Enfermagem e Saúde Interativa (ENSAIN), cujo imóvel, localizado na rua Brasil, próximo a praça central da comunidade, foi provido pela subdelegação da comunidade. Na clínica foi possível consultar documentos úteis para o trabalho de campo, tais como diagnóstico da comunidade, estudo do setor e estudos das famílias.

Também, foi visitado o Centro de Saúde (CS) da Secretaria de Saúde, localizado na rua Epigmenio González, com o motivo de estabelecer contato com a enfermeira encarregada do serviço para a qual foram expostos os objetivos do projeto. Após, foi agendada uma visita que teve como objetivo identificar as famílias com problemas de dependência de álcool.

É importante assinalar que a Faculdade de Enfermagem está vinculada ao CS, realizando ações conjuntas na comunidade por meio das atividades desenvolvidas pelos alunos do último ano de enfermagem, em “serviço social” (vínculo entre a universidade e os serviços de saúde visando, entre outras atividades, o serviço dos estudantes para as comunidades).

Paralelamente, realizou-se um reconhecimento da comunidade (território) com o intuito de identificar aspectos relacionados com o cotidiano. Em uma terça-feira, na praça central, instalam-se *barracas*, e em diversas oportunidades foi possível observar diálogos entre as autoridades (delegações) e os *camelôs*, sendo o principal objetivo a discussão do traslado dos da fêria, considerado pelos mesmos como desfavorável.

Foi, também, possível observar homens deambulando na praça em estado etílico e, nas imediações do canal que cruza a comunidade, a presença de equipes de resgate. Um membro da comunidade referiu que o resgate foi solicitado depois que um homem, em estado etílico, ter caído no canal e que não era a primeira vez que um evento como esse acontecia.

Ao realizar o reconhecimento da comunidade, para visitar as famílias, nas ruas localizadas às margens da comunidade, observou-se nas ruas a presença de cães abandonados em grande quantidade, assim como fauna nociva (pernilongos, baratas, entre outros). Ademais, foi possível identificar prédios utilizados como depósitos e algumas casas utilizando os fundos para criação de

porcos e galinhas. Além disso, encontraram-se trabalhadores com equipamento do município, e quando perguntado a uma das moradoras, sobre o que estava acontecendo, a mesma referiu que os trabalhadores do município estavam trabalhando nas redes de esgoto, já que, até então, a comunidade contava com sistema de drenagem direcionado até o rio (canal) que passava pela comunidade.

É importante ressaltar que, na divisão do terreno, de tipo residencial, procurou-se favorecer os trabalhadores das usinas da região industrial de Querétaro, que fica a 10 minutos da cidade.

Para se proceder à realização das visitas, houve dificuldade para encontrar as moradias com os endereços fornecidos pelo CS, por falta de seqüência na numeração das casas, por haver algumas numerações duplicadas, ruas com o mesmo nome e inexistência dos números, razão pela qual considero-se necessário contar com um mapa da comunidade, atualizado, sendo que o mais atualizado pertencia ao ano 2004.

5.1 Seleção das participantes

Para a coleta de dados qualitativos, foi proposto um método de amostragem teórica, já que o interesse era registrar informações proporcionadas pelas pessoas, isto é, nas condições da ação e interação, as variações ou não de informações ou situações de determinados temas, assim como o impacto e as conseqüências de determinadas condutas, para o desenvolvimento de categorias conceituais, que por sua vez, permitem o desenvolvimento de outras categorias conceituais. (NATERA;MORA,2000).

O investigador procedeu à seleção, segundo o potencial de estudo, os casos novos, com o intuito de expandir os conceitos e teorias já desenvolvidas. A seleção dos sujeitos foi de forma deliberada, de acordo com o tema de estudo (IÑIGUEZ; MUÑOZ, 2004). Como apresentado pela literatura e preconizado por Habermas, considerou-se de 10 a 15 entrevistas, um número adequado.

Ao se entrevistar a enfermeira do Centro de Saúde, foi possível conhecer que o problema do consumo excessivo de álcool, entre os homens da comunidade, é um tema de grande importância, mas não é reconhecido como um problema pelas

companheiras ou esposas. Atendendo os objetivos do estudo, entrevistar mulheres que convivem com alcoolistas e reconhecem essa situação, a enfermeira procedeu à indicação das famílias que apresentavam essas características.

Realizo-se as visitas das famílias indicadas, para as quais a investigadora apresentou-se como professora da Faculdade de Enfermagem e, para todos os casos, expunha os objetivos da pesquisa e entregava o termo livre e esclarecido para ser assinado por cada participante (Apêndice A). Após receber a aceitação de participação, procedia à escolha de um dia para a realização da entrevista, a qual poderia acontecer na casa da participante ou na clínica ENSAIN, e no horário que fosse mais conveniente para a participante.

5.2 Realização de entrevista individual

Inicialmente foram visitadas 22 famílias, das quais aceitaram participar 15 mulheres que convivem com indivíduos alcoolistas. As que não aceitaram participar referiram que seus esposos não bebiam álcool, que não eram alcoólicos e que somente consumiam cerveja.

Durante o processo de coleta de dados, quatro pessoas que aceitaram participar do estudo referiram não poder comparecer no dia e hora marcados para a entrevista, justificando consulta médica ou a necessidades de realizar compras para a casa. Duas pediram para mudar a data e hora da entrevista. Foram realizadas mais duas tentativas, após, a participante foi excluída do estudo por não ter disponibilidade. Frente a essa situação, solicitou-se ao CS novos endereços. Nessa segunda tentativa, foram visitadas seis potenciais participantes, das quais quatro aceitaram participar, porém, somente três foram entrevistadas. Portanto, o estudo esteve constituído por 14 mulheres que mantinham relacionamento conjugal com alcoolista. Para cada nova entrevista, todas as participantes foram informadas dos objetivos do estudo e da garantia de confidencialidade das informações oferecidas.

Foi solicitado às participantes que, durante a entrevista, não estivesse presente nenhum outro membro da família. O horário das entrevistas foi estabelecido de acordo com a disponibilidade das participantes, oferecendo-lhe a possibilidade da entrevista ser no domicílio ou na clínica da comunidade da

faculdade de enfermagem, assim como foi comunicado que a entrevista poderia ser realizada em um ou mais encontros, se fosse necessário, já que, de acordo com as características do instrumento guia para a coleta de dados, poder-se-ia requerer um novo encontro. Do total de participantes, cinco foram realizadas na clínica e, todas as participantes, preferiram fazer a entrevista em um único encontro.

As entrevistas foram conduzidas por um guia de entrevista semi-estruturada (Apêndice B), cujas perguntas têm como finalidade identificar significados e experiências referentes ao seu relacionamento com o companheiro dependente de álcool.

Antes de iniciar a entrevista, foi solicitado às participantes a autorização para gravar, indicando que o objetivo era dispor desse material (a entrevista) para esclarecer as dúvidas que pudessem surgir no transcorrer do encontro e a possibilidade de retirar seu consentimento de gravação no transcorrer da entrevista.

Todas as entrevistas foram realizadas pela investigadora, trabalhando a partir das perguntas norteadoras e permitindo que a entrevistadas ficassem à vontade no seu discurso. Ademais, contou-se com o diário de campo para retomar aspectos chave das entrevistas, assim como outros elementos situacionais ou ambientais considerados relevantes. O período de coleta de dados compreendeu o segundo semestre 2006 com a primeira aproximação, e primeiro semestre de 2007, período de conclusão da coleta de dados.

5.3 Ética do estudo

Este estudo foi realizado com base no regulamento da Lei Geral de Saúde em Matéria de Investigação para a Saúde (MÉXICO, 1987), relacionado com o desenvolvimento e avaliação de aspectos éticos das pesquisas com seres humanos, na qual são estabelecidos os critérios que guiaram a presente pesquisa, prevalecendo os princípios de respeito à dignidade do sujeito do estudo, assim como a proteção de seus direitos e bem-estar (Art.13).

De acordo com as características, o presente estudo seria considerado de risco *mínimo*. Por não ter pretensões de realizar alguma intervenção, ou modificação intencional das variáveis psicológicas e sociais dos indivíduos que

participariam do estudo, no entanto, pela temática abordada, os aspectos emotivos poderiam estar envolvidos, por tal razão, caso necessário, contar-se-ia com a participação de especialistas em psicologia clínica (Art. 17, frac. II).

Como referido anteriormente, para a coleta dos dados optou-se pela técnica de entrevista semi-estruturada, para tanto foi requerido o termo de consentimento assinado dos participantes (Art. 14, frac. 5), após serem informados dos objetivos do estudo, dos procedimentos a serem realizados, da garantia do pesquisador responder qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida sobre os procedimentos a serem realizados, a liberdade de retirar seu consentimento e deixar de participar a qualquer momento, a garantia de não serem identificados e da confidencialidade das informações relacionadas com sua privacidade (Art. 21-22).

O projeto de pesquisa foi apresentado para avaliação e registro no Comitê de Bioética da Facultad de Enfermería y Obstetrícia de la Universidad de Guanajuato (**Anexo A**) e ao Comitê de Bioética da Facultad de Enfermería de la Universidad Autónoma de Querétaro (**Anexo B**), o que garantiu a segurança dos sujeitos da pesquisa.

6 Tratamento do material

Para a organização e análise dos dados, foi efetuada a transcrição de cada entrevista no programa Word Office. As entrevistas foram ouvidas em várias oportunidades até a investigadora conseguir a transcrição detalhada, por exemplo, momentos como verbalizações, dúvidas, indecisões, momentos de silêncio, momentos de expressões de alegria, entre outros detalhes que poderiam revelar significados latentes, considerando-se, também, sons provindos do ambiente. As expressões e a entrevista, como um todo, foram transcritas literalmente, por serem essas informações de fundamental importância no momento da interpretação dos dados.

Com o intuito de garantir a uniformidade dos textos e facilitar a leitura, para a transcrição das entrevistas, foram propostas algumas regras gerais, descritas abaixo.

- Todos os arquivos foram transcritos com letra *times new roman 12*, espaço simples e sem uso de algum comando adicional como *negrito*. Todas as entrevistas foram registradas com um número de ordem correspondente, por exemplo: ent1.doc.
- A transcrição foi iniciada com o registro da data da entrevista e, para a diferenciação dos diálogos, os interlocutores foram identificados como: investigador (I) e entrevistado (E1, E2,...).
- Os momentos em que os interlocutores dialogavam simultaneamente foram identificados por colchetes []. Na presença de palavras não compreendidas (como consequência de conversa simultânea) foram utilizados os parênteses (...), e os momentos de silêncio foram representados por pontos suspensivos (aproximadamente um ponto para cada segundo de silêncio).
- Na identificação de expressões que requeriam diferenciação utilizo-se pontos de interrogação e de exclamação entre outros. Além disso, foi identificado entre parênteses a intensidade da expressão e o volume de voz.
- Nos casos em que a entrevistada fez referência a frases comumente repetidas por ela, ou por outras pessoas, utilizou-se um traço (-) no início e fim da frase.

- As palavras pronunciadas com um tempo maior (produto de momento de reflexão e fala) foram identificadas pela separação da palavra por um traço (-), por exemplo, “*si-empre*”, e quando a entrevistada manifestou emoções essas foram identificadas dentro do parêntese, por exemplo, (*rie*), (*llora*) etc.
- Na transcrição, respeitou-se a forma de falar da entrevistada transcrevendo-se todas as palavras pronunciadas durante a entrevista e foi utilizado o apóstrofe para as contrações das palavras, por exemplo, ‘*orita* (agora em diminutivo) e ‘*tons* (então).
- Os sons surgidos durante a entrevista, e que impediram o fluxo da entrevista, ou dificultaram a escuta durante a transcrição, também foram identificados entre parênteses, ou no final da expressão, na forma de anotação, especialmente se o som permaneceu constante durante o transcurso da entrevista.

Ressalta-se que todas as entrevistas foram transcritas pela investigadora, seguindo os passos propostos e previamente descritos, que facilitaram o primeiro contato com os dados coletados e os passos seguintes. Para apresentação dos resultados do estudo incluíram-se alguns segmentos das falas, as quais são apresentadas na língua de origem (espanhol). Isso em razão da dificuldade da tradução fidedigna, de maneira especial, para a tradução de expressões coloquiais.

A esse respeito, Habermas retoma a proposta de Austin, e assume uma distinção entre *ato locucionário*, como aquele que se estabelece pelo conteúdo das orações enunciativas, ou seja, o locutor expressando o estado das coisas; o *ato ilocucionário* como sendo aquele em que o agente realiza uma ação dizendo alguma coisa, ou seja, fixa o modo em que uma oração é empregada, seja essa afirmação, promessa, mandato, confissão, entre outros; e o *ato perlocucionário* como aquele em que quem está falando procura causar um efeito em quem o está ouvindo. Dessa forma, os três atos podem ser caracterizados da seguinte forma: dizer alguma coisa, fazer dizendo alguma coisa, e causar um efeito por meio daquilo que se faz dizendo alguma coisa (HABERMAS, 2005).

De acordo com essa proposta, no ato da fala, quem está falando emite, sempre, uma intenção comunicativa com o propósito de que o ouvinte entenda e aceite sua missão, a qual é entendida do que foi dito (significado). Por essa razão, a tradução dos dados obtidos, a partir das entrevistas, implicaria em busca exaustiva das diferentes palavras, em português, equivalentes àquelas que foram expressas nas falas em espanhol, ainda assim, essas poderiam perder o sentido emitido na língua original, por meio da utilização, por exemplo, de modismos, tom de voz e acordos sociais próprios ao contexto.

Strauss e Corbin (2002) retomam a proposta de Hoffman que referem que a tradução poderia causar perdas, especialmente nas particularidades de significados contidos no idioma de origem, dessa forma, a publicação em países diferentes daquele onde foram coletados os dados (se o idioma for diferente), poderão ser traduzidos fragmentos e códigos principais, merecendo uma atenção especial a busca de tradução que expresse os significados da forma mais fidedigna possível. Além disso, para ajudar na compreensão dos textos, foi elaborado um guia com as palavras e modismos com significados particulares no idioma em espanhol e no lugar onde o estudo foi realizado (Apêndice C).

Para a análise dos dados, tomou-se como base a proposta de Minayo (1995) seguindo os supostos metodológicos da hermenêutica, assim como a proposta de Muñoz (2004), que divide o processo de análise em *nível textual*, considerando a codificação dos fragmentos selecionados e, *conceitual* que contempla a criação de famílias de códigos que estabelecem relações entre os diferentes componentes que devem ser apresentados em gráficos que representem essas relações.

No presente estudo, após realizada a transcrição, procedeu-se à primeira leitura de cada uma das entrevistas, sendo o principal objetivo a familiarização do pesquisador com o conteúdo das entrevistas, continuando com leituras repetidas até que o pesquisador sentisse clareza do contexto dos entrevistados, ou da documentação a ser analisada, assim, assumindo, em todo momento, houve determinado grau de responsabilidade na interpretação.

O passo seguinte foi identificar os fragmentos de cada texto que chamaram a atenção pelo seu significado. É importante ressaltar que a dimensão de cada entrevista foi variável, sendo composta por frases ou parágrafos na íntegra. Assim, os fragmentos foram identificados por meio de **códigos** que receberam

nome, a partir das palavras-chave expressas de forma consistente pelos entrevistados. Codificar, isto é, transformar, seguindo regras, a formulação de uma mensagem supõe a capacidade de compreender o significado de um texto, quando há condições de se tornar presentes as razões que a entrevistada teve para elaborá-los.

No entendimento, provindo do processo de compreensão dos significados, foram estabelecidas *famílias* que agruparam códigos relacionados, assim considerando-se semelhanças e diferenças expressas em relação ao uso e abuso de consumo de álcool em seu contexto próximo, ou seja, visou-se resguardar os pressupostos em que o investigador julga o texto e assume uma posição como resposta; tudo isso, com o intuito de cobrir a expectativa de que as entrevistadas poderiam compartilhar explicações elaboradas, sempre que o referido pudesse ser interiorizado pelo investigador, ou seja, que o que foi falado fosse compreendido.

O seguinte passo foi realizar uma nova leitura, tanto dos *códigos* quanto das *famílias*. Dessa vez, o objetivo era garantir sua presença e os conceitos nelas contidos, assim proceder à *interpretação* sob a luz do conceito de mundo da vida de Habermas. Para tanto, alguns conteúdos das entrevistas foram recortados e mantida a codificação proposta colocando-as dentro da família correspondente. Ao lado de cada código, se necessário, foram realizadas algumas anotações concretas, assim como comentários e reflexões da pesquisadora e/ou orientadora do estudo.

Após essa etapa, foi possível realizar interpretações preliminares, as quais permitiram originar vínculo entre as famílias e os códigos correspondentes ao mundo de vida das mulheres que convivem com um indivíduo dependente de álcool, como o estabelecimento de relações interpessoais em um contexto institucional, de tradições e valores culturais (mundo social), expressões de vivências, expectativas, desejos e sentimentos (mundo subjetivo) e o estado de coisas em relação à vivência diária (mundo objetivo) (Tabela 2).

Tabela 2 - Famílias de códigos consideradas para cada âmbito do mundo da vida

Mundo social	Mundo subjetivo	Mundo objetivo
<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade do Álcool • Permissividade • Tradições e Mudanças • Pressão por parte dos companheiros • Violência social • Redes sociais 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimentos para com o consumo dos outros na comunidade • Sentimentos para com a forma de beber do seu companheiro • Sentimentos sobre si mesma • Sentimentos e expectativas em relação aos filhos • Sua vida sem o álcool 	<ul style="list-style-type: none"> • Antecedentes de uso de álcool no casal • Trabalho e álcool • Violência intrafamiliar • Consequências do uso e abuso do álcool

Durante esse processo, é importante considerar a diferenciação entre o que foi manifestado pelas mulheres entrevistadas e a interpretação da investigadora, já que implica em desconstrução momentânea da informação, ou seja, o investigador procura compreender todas as partes que integram os textos analisados, para depois realizar uma reconstrução do fenômeno, a partir dos significados comuns ao grupo. Portanto, é importante diferenciar a compreensão do texto, produto da comunicação, da compreensão a partir do contexto do pesquisador.

Essa reconstrução dos dados, a partir da exploração e dedução da situação, vivenciada pelas mulheres que convivem com um companheiro alcoolista, permitiu identificar o mundo da vida das entrevistadas, desde o ponto de vista individual e como integrantes de um grupo.

Com a informação referente aos códigos e famílias, elaboro-se representações gráficas com o intuito de mostrar as relações criadas dentro do mundo da vida e dos quais podem ser inferidos os “sentidos”, ou significados, que as mulheres dão à sua situação em particular. Cada âmbito do mundo da vida das mulheres foi denominado: **convivência com o álcool, viver o álcool e viver com o alcoolista** para o mundo social, o subjetivo e o objetivo respectivamente.

Finalmente, foi realizada uma nova leitura do discurso das participantes, estabelecendo proposta compreensivo-interpretativa do fenômeno em estudo, considerando o tipo de ação e a ação que predominou.

Como poderá ser observado, para a análise, não se seguiu um processo de análise linear e sim um processo cíclico, já que a pesquisadora procedia à leitura, compreensão das falas, elaboração de categorias de interpretação e vínculo com o referencial teórico. O que implicou, por parte da pesquisadora, esforços contínuos, para a compreensão de cada parte das entrevistas (transcrições) e do conteúdo da mesma dentro de um contexto.

A sistematização dos dados permitiu entrar em contato com a realidade estudada, identificar irregularidades e diferenças nas respostas dos sujeitos e procurar entender o *porquê* de as mulheres entrevistadas acreditarem em determinada situação social, valorando determinadas normas e atribuindo determinadas associações ou responsabilidades a determinados atos sociais, ou seja, entender o *porquê* de as mulheres apresentarem o fenômeno do álcool de uma forma ou de outra.

O mundo da vida em mulheres com companheiros alcoolistas

Neste capítulo apresentam-se os resultados obtidos por meio da entrevista semi-estruturada e temática, realizada com mulheres de alcoólicos numa comunidade suburbana do Estado de Querétaro, México. Num primeiro momento, discorre-se sobre algumas características sóciodemográficas das participantes do estudo para, em seguida, apresentar a análise dos dados relacionados com o tema do álcool.

O material obtido foi submetido à análise tendo como base o Modelo de Comunicação Lingüística de J. Habermas, conforme explicitado no referencial teórico metodológico, considerando os âmbitos da realidade, a saber, mundo social, mundo subjetivo e mundo objetivo, bem como as funções do ato da fala.

A análise indutiva dos dados permitiu identificar, nas expressões das mulheres entrevistadas, conceitos relacionados ao consumo de álcool na comunidade. Localizaram-se as regularidades, ainda que também se considerassem algumas diferenças emanadas da reflexão particular dessas mulheres, que poderiam mostrar outras formas de inserção no mundo. A análise permitiu estabelecer as características da ação comunicativa de mulheres em situação de convivência com o álcool, na cotidianidade de seu mundo da vida

7.1 Características das mulheres participantes do estudo

Foram entrevistadas 14 mulheres com idade entre 23 e 53 anos e média de 36 anos, ao categorizar por decênios, cinco tinham entre 20-29 anos e cinco entre 40 e 49. Em média tinham três anos de estudos, quatro não sabiam ler ou escrever, quatro haviam cursado ensino médio incompleto. Em relação ao seu estado civil, dez manifestaram estar casados (ainda que uma delas morasse separada do marido), duas eram amasiadas e duas separadas, o tempo da união como casal mostrou média de 16,5 anos (mínimo de 4 e máximo de 37 anos), tinham 4 filhos em média (mínimo de 0 e máximo de 9). (Tabela 3)

Tabela 3 - Características das participantes no estudo. Querétaro, 2006-2007

VARIÁVEL	FA n=14	%
IDADE		
20-29	5	35,71
30-39	3	21,42
40-49	5	35,71
50 ou mais	1	7,16
Escolaridade		
Analfabeta	4	28,60
Ensino fund. Incompleto	1	7,10
Ensino fund. completo	2	14,30
Ensino médio incompleto	4	28,60
Ensino médio completo	2	14,30
Outros	1	7,10
Estado civil		
Casada	10	71,40
Amasiada	2	14,30
Separada	2	14,30
Número de filhos		
0	1	7,14
1-3	5	35,72
4-6	7	50,00
7-9	1	7,14

A residência era própria em sete dos casos e dos sogros em quatro, a maioria manifestou iniciar sua relação de casal vivendo na casa dos sogros. Em relação às pessoas que trabalham na família, quatro manifestaram que ambos trabalhavam; três, no esposo; duas somente ela. Cabe mencionar que, em três casos a mulher contribuía economicamente no sustento da casa ainda embora o refiram como “só ajuda”. Quanto à ocupação do marido, quatro são pedreiros, três combinam a alvenaria com outro ofício e em dois casos afirmaram que não trabalham porque o serviço era muito esporádico. Ao serem indagadas em relação ao uso de bebidas alcoólicas na família, todas mencionaram o marido, em dois casos, o marido e filhos (Tabela 4).

Tabela 4 - Variáveis associadas à relação de união das participantes no estudo. Querétaro, 2006-2007

VARIÁVEIS	FA n=14	%
Propriedade da casa		
Própria	7	50,00
Alugada	2	14,30
Dos sogros	4	28,60
Dos pais	1	7,10
Trabalho de marido		
Não trabalha	2	14,30
Pintor	2	14,30
Pedreiro	4	28,60
Jornaleiro	2	14,30
Operário	1	7,10
Mais de um ofício	3	21,4
Manutenção do lar		
Esposo	3	21,40
Ela	2	14,30
Ambos	4	28,60
Ambos (não considera)*	1	7,10
Esposo-filhos (não considera)*	2	14,30
Todos	2	14,30
Familiar que bebe		
Esposo	8	57,10
Esposo-filhos	2	14,30
Esposo-outros parentes	3	21,40
Todos	1	7,10

*Embora haja complementação de renda através do seu trabalho, ou dos filhos, ela não considera que isso seja uma ocupação laboral

7.2 Conviver com o álcool (mundo social)

O ato da fala nesse âmbito, remete ao estabelecimento das relações interpessoais legitimamente reguladas num contexto institucional, de tradições e valores culturais, portanto, aceitas pelos integrantes da comunidade, daí emerge a categoria: **Conviver com o Álcool**.

Configuram esta categoria seis componentes ou famílias de códigos, que surgiram dos enunciados expressados pelas mulheres participantes do estudo, e cuja análise é apresentada na sequência.

- *Disponibilidade*

As pessoas entrevistadas consideram que, na sua comunidade, se dispõe livremente de bebidas alcoólicas devido à grande quantidade de locais comerciais de venda, agregados a domicílios particulares, onde também são comercializadas bebidas alcoólicas (inclusive álcool etílico), sendo permitido o acesso a seu consumo. Algumas das entrevistadas manifestaram não ter certeza se esses domicílios contam com autorização legal necessária para vender esse produto.

Es, demasiado fuerte [...], hay muchas tiendas que lo venden clandestinamente.... Si hay demasiado consumo [...] clandestino, porque hay algunas casas donde vende alcohol, o sea vil alcohol, las personas que ya están bien metidas en este vicio, ya saben a donde acudir a comprarlo aunque las tiendas estén cerradas. Hay casas que les permiten el acceso adentro para comparar, para consumir, ya no es cerveza sino alcohol del 96, aquí le nombran charanda. (E1)

... hay diferentes parte porque acá en las tiendas les venden... incluso aquí en la vía (del tren) es donde el compra [...] es una casa en donde les están vendiendo, no se si tengan o no permiso, pero es una casa donde les venden. (E2)

... pus como le digo, vienen a interrumpir el sueño los borrachos, hablan cosas que a veces los niños escuchan, a veces se orinan ahí en los árboles y, la señora esta dice que no le podemos hacer nada porque ella tienen mucha palanca, tienen palanca háganle como quiera [...], una vez hablamos con ella porque hay veces que empieza a vender después de las 12 de la noche hasta las 6 de la mañana. (E11)

O fato de que bebidas alcoólicas sejam vendidas em domicílios particulares facilita o consumo, pois, ainda que estabelecimentos comerciais estejam fechados, as pessoas que bebem já têm contatos estabelecidos e *sabem a onde ir*. Além disso, aquelas que consomem abusivamente, costumam pedir dinheiro na rua, especialmente a conhecidos, e podem continuar bebendo.

O sea, sale uno a la calle, sábado y doming-o, en cualquier esquina o carros que pas-an, yo se que donde quiera lo hay entre semana, pero por ejemplo allá donde vive mi mamá si los hay, pero [...] a lo mejor toman adentro de su c-asa y cosas así, per-o aquí en Santa María pues si hay mucho, si es más. (E6)

Los que están enviciados, así que ya están dentro de este vicio, ellos ya tienen sus contactos y hasta pierden su vergüenza de estar pidiendo a las personas que pasan a las calles, les dicen que ya les anda de la “cruda” o que se “mochen,” ya juntan su dinerito para ir a comprar [...], en la calle ven a alguien conocido y se le acercan [...] y les dicen “ay es que ya me anda de la cruda, ya me anda de sed, y algunos si les dan y otros no. (E2)

Esta disponibilidade torna às pessoas da comunidade vulneráveis ao álcool, especialmente os jovens, quem têm início de consumo prematuro e, segundo

as experiências relatadas pelas mulheres entrevistadas, esses jovens têm chegado a adoecer e, inclusive, a morrer.

Es mucho, mucho, o sea, porque hay muchos jóvenes, bien chicos que casi cada semana se tiran al alcohol, muchos que de eso mueren, saben que ya están enfermos y le siguen, de veras que si, hay este, bastante joven, luego están las bolitas [...] para acá o para allá o por onde está esos árboles de ahí, ah, [...] y luego diario, orita que yo venía de la escuela, había muchos. (E3)

...en cualquier tienda, o sea, aquí a la vuelta, ahí venden cervezas, cig-arros, o sea, aquí igual en la esquina se juntan unas niñas chiquitas de 12, 13 años, ¡niñas! que se están drog-ando, que están tom-ando, o sea, yo le digo a mi esposo ¡ve que son unas niñas! (E6)

Por outro lado, embora o alcoolismo seja uma presença *muito forte*, parece que é uma situação aceita como *normal* pelos membros da comunidade, pois é comum observar, aos sábados e domingos pessoas ingerindo bebidas alcoólicas na rua ou em lugares onde praticam ou assistem jogos de futebol. Portanto, trata-se de prática que acompanha os momentos de lazer das pessoas dessa comunidade.

... se ha vuelto un problema más grave porque ahora no solamente es el que ¡tomen, sino que se drogan! Y la drogadicción ha aumentado, porque yo me acuerdo que cuando estaba yo chava decía, no te vayas por allá porque allá es donde están los que se drogan, y ya cuando crecí yo tenía 16, 18, 19 años ya los veías a la ¡vista! [...] ya por donde quiera que uno pasa y a la hora que sea los ves que se están drogando, que se están fumando, sea el día que sea y a la hora que sea (voz baja), entonces aumentó bastante. (E4)

... es que yo creo que ya son alcoholismo ¿no? [...] del diario, diario, vários borrachitos que andan en la calle, [...] creo que ya son dro- est-e si, borrachitos ya de.. ¡ya ve cuántos se han muerto de pura borrachera! (E5)

A frequência com que aparecem esses hábitos provenientes dos membros da comunidade faz com que o fenômeno do abuso de álcool perca relevância perante os olhos das mulheres entrevistadas, inclusive uma delas mencionou que houve melhora na comunidade em relação ao consumo de álcool, já sobre a drogadição o mesmo não ocorreu.

Pos ora si que ya hasta se me hace como algo muy normal, muy normal de toda la gente, porque sábado y domingo onde quiera se ven un montonal de borrachos, o sea, onde quiera, entre semana o sea, [...] Santa María está con mucha drogadicción, mucho alcoholismo, todo eso. (E6)

Pues fíjese que en alcohol ha cambiado mucho porque antes, donde quiera estaban tir-ados, donde quiera hab-ía borr-achos, pues ahora ya no [...] como anteriormente que había una bolita aquí y otra allá, no ya a comparación de antes, ha mejorado mucho Santa María también, y en drogadicción de día, pos no hay drogadicción aquí en Santa María, de noche, pus de noche que le puedo decir, de noche si. (E9)

- *Permissividade*

De acordo com as manifestações das mulheres entrevistadas, os membros da comunidade e as famílias se *acostumam e aceitam* a forma de ser da pessoa que bebe, e justificam seu comportamento, ajudando-a quando tem problemas com vizinhos ou autoridades. Embora haja comentário afirmando que essa *tolerância* familiar não incentiva os aditos a modificarem seu comportamento.

...una vez entro una patrulla, traían un familiar de, de mi esposo y-y, orita agarraron a los patrulleros, hasta mi suegra se metió allí, ¡que hijos de no se que, que dejen mi hijo, que no se que tanto! [...] así son ellas, o sea, que están tomando atrás.... y vienen a avisar, ay están las patrullas, ¡les vale! orita salen vueltos la jodida y, y déjalo hijos de no se que y se los bajan y lo bajan porque lo bajan de la patrulla, igual si son primos, o algún familiar o un amigo, ¡déjenlo! (E10)

Igual, personas así, muchachos solteros con los que se junta mi esposo, igual los sacan, hagan el problema que haga, ¡que golperon! aunque ellos tengan la culpa, igual buscan su abogado y los sacan. Igual yo tengo u-n, est-e bueno, no es cuñado es papá de mi sobrino, igual también nada más, ¡cualqui-er! cosita qu-e, escándalo que haga aquel muchacho, todo, todo la mamá lo esconde (voz baja última palabra), le busca licenciado a ver cómo, pero lo saca. O sea, pus, es que yo siento que por eso los hombres se acostumbran a que diran, -haga lo que haga me v-an a sac-ar-. (E6)

También, también la gente mayor también, se juntan todo, ¡de todo se junta a-quí! (ríe). Si usted se fijara, luego aquí a veces que los sábados y domingos, hay más, pero ¡¿qué hacemos?! (suspira y baja la voz en estas últimas palabras) (E3)

A justificativa dessa tolerância, de alguma forma, elas a situam no âmbito social, quando referem não contar com segurança suficiente, pois as autoridades policiais têm medo de entrar na comunidade, porque são agredidos pelos moradores pelo fato de demorarem a chegar quando são chamados para ajudar nos problemas com pessoas que bebem, ou se drogam na via pública e, por vezes, a comunidade sente-se impotente para controlar esse grupo. Concomitantemente a esse sentimento, existe aquele de cumplicidade para com aquelas mães de jovens usuários que se opõem à polícia, impedindo o seu trabalho.

Pues la verdad aquí casi policías no entran, porque la vez que entraron... ellos mismos agarra y les avientan de piedras en las patr-ullas, o sea, se pelean unos con otros. (E10)

Pues a veces estamos muy faltas, que vengan a vigilar, porque, hay veces nomás mandan una o mandas 2 (patrullas) y es como les hacen esas fechorías los jóvenes, el otro día hubo una junta aquí en la plaza principal con el señor de seguridad pública, vino y yo la mera verdad, si le dije que hacía falta que vinieran más patrullas, porque los muchachos son bien agresivos aquí en la noche. La semana pasada, golpearon mucho a unos señores aquí en la calle y uno ni como

meterse, uno ni como meterse, pero no nada más los muchachos, también las mamás. (E9)

Si, pues más que nada en la actitud de los papás, porque si entra la policía, [...], somos los que a veces los protegemos mucho. Porque ha habido ocasiones que si vienen las patrullas, suben a los muchachos pero los agraden a los policías, los familiares. (bajando la voz) E14:

Conforme se observa na seqüência, na perspectiva das mulheres, beber pode ser permitido desde que eles não sejam agressivos, daí ser comum ver jovens consumido álcool, ou fazendo uso de drogas, em ocasiões especiais como são festas ou bailes populares, ou simplesmente na rua, sem que haja a intervenção de pessoas adultas.

...a los que organizan esas fiestas, les da pena negarlo [...] les echan pleito, los agraden verbalmente con palabras ofensivas, entonces optan por darles porque si no les dan, dicen, -para que hiciste tu fiesta si no vas a dar nada-. (Entonces) darles por su lado como quien dice... son agresivos... más si andan drogado. [...]Ese día estaban a un lado de nosotros los niñitos así con sus bolsitas con sus estopas con el olor a tiner, con el olor a cemento... y sus botellas,... cargando aquí, así metidas aquí, en la chamarra o abajo de las playeras. Por eso le digo, si es triste. (E1)

... nomás se hecha la clásica cervecita del s-ábado, pero ya después con lo mismo de que así me conociste o no sé (sonrie), no se que idea tengas los hombres porque la verdad este, así es, van aumentando y ya después empiezan pus este, ¡al fin no toma diario! ¡al fin este, no se pone agresivo! este ¡al fin, pos si trabaja! ¡bien que mal, poco o mucho da el gasto! Entonces se vuelve una inter-reacción... se van acostumbrando porque ¡uy! Pus al fin el esposo de pr-ima, o el de mi herm-ana, o el de la cuñada! jese si toma diario y hasta le pega! O sea, 'tonces comparamos con una persona peor. (E4)

... porque le digo, aquí onde quiera encuentra cualquier persona que está tomando y ya com-o... O sea, lo que quiero dar a entender es, (que) no se habla mucho de estas personas. (E8)

O consumo é muito freqüente entre os homens da família, inclusive existe a percepção de que aumenta com o tempo. Daí que, apesar do uso de álcool ser uma questão importante na comunidade, é um tema do qual não se fala muito.

- **Tradições e mudanças em relação ao consumo de álcool**

Na comunidade, *tomar* ou, seja, consumir bebidas alcoólicas, é um hábito de início precoce, ocorrendo geralmente entre os homens, seguindo o exemplo do pai, configurando-se numa referência do comportamento esperado dos maridos.

... así mi papá dice que agarró la borrachera de 14 años. (E5):

...pero es más fuerte el vicio entre la juventud (rie) entre la juventud,, porque ahorita hay unos niños que en realidad da tristeza. [...] hace más o menos un mes, fui a dos fiestas [...] y ¡niñas, niñas de escasament-e 10 años 12 años ya drogadas, ya tomando e-ste vino, o sea, son unas niñitas, unas miniatura, unos niñosj que dices tú da tristeza. (E1)

... su papá también era muy.... tomador (voz baja esta palabra), también igual que él, hasta orita porque ya está enfermo per-o..... tomaba mucho, garrafas enteras.. grandes [...] era un señor ¡grand-ote! y gordo, pero el solito se echaba sus garrafones se llen-aba pero mucho, a lo mejor por eso, toma mucho mi esposo (rie) [...] y luego también sus otros hermanos también tomaban. (E2)

Pus yo digo que está como muy mal (rie). Luego también me dice mi hermana, nomás que le pone un mal ejemplo a tus hijos, tu no quieres que tomen pero él les va a empezar a enseñar. (E7)

No entanto, pode-se observar uma transição, em que o uso introduzido pelos mais velhos passa para os jovens, e possivelmente além do exemplo paterno, há interação com outros membros familiares e de seu grupo etário, convivência que potencializa sua vulnerabilidade para o consumo de substâncias aditivas, no caso o álcool.

¡Al principio! antes yo si veía más, personas mayores, pero horita y-a casi es más muchacho [...] antes siempre veías de 70, 80 años tirados todavía al vicio, pero ya ahora son de treinta y tantos a 40 años, porque ya son más jóvenes... agarran el vicio más a temprana edad. (E2)

Le digo, en vez de que los niños agarren otro ejemplo, van siguiendo con el mismo alcoholismo [...] a los 12 años 13 años ya empiezan a estar ahí con la botella, con la botellita de tecate [...] como le dijera, en la plaza principal es allí donde más se juntan los niños a tomar, porque aquí en la calle hay puros señores adultos, pero ahí en la plaza principal es puro... joven. (E8)

Conforme sua perspectiva, houve ampliação nos limites sociais relativos à aceitação do uso de bebidas alcoólicas nos espaços públicos, pois observam o aumento de consumo na via pública, apesar de estar proibido legalmente.

¡Pues, si! si pasan patrullas, o sea, si he visto que pasan por acá[...] pu-es hay veces que se los llevan, hay veces pus que están tomando a lo mejor tranquilos y finalmente ya no se los llevan, [...] mi esposo, él llegó tomado y me dijo que lo habían encontrado y le habían preguntado, , que a dónde iba, y que les dijo que pá su casa y le dije ¿y no te llevaron?! Dijo –no-, dice - no solamente me dijeron que a donde iba, y les dije que pá mi casa-. O sea, yo creo que cuando ven así como que bolita, es cuando s-i los corretean, pero si ven a lo mejor dos o tres que están ahí tomando, ahí tranquilos, pus ya, no, no veo que se los lleven. (E6)

... no le se decir porque ... sus padres no les dicen n-ada, algo, bueno ya siquiera para que no les llamen la atención, los dejan hacer lo que quiera, bueno eso es lo que pienso, quien sabe (bajando la voz en las dos últimas ideas) ¡porque unos muchachos bien jóvenes que están. (E3)

Essa situação de alguma forma repercute no âmbito familiar quando os pais não conseguem estabelecer formas de controle, ou normas de convivência, que permitam aos jovens resistir às pressões do meio.

Pues, que le puedo decir... a lo mejor porque nosotros de padres no ponemos un bonito ejemplo, a lo mejor nos falta mucho para educar a nuestros hijos, o que se yo. [...] Lo que pasa es que nuestros hijos desde la casa deben de llevar ya un gobierno verdad, en sus escuelas también, porque hay veces que los papás estamos bien conformes con lo que nuestros hijos hagan en la calle, siempre nos hacemos de la vista gorda, entonces, eso esta muy mal, nosotros de padres debemos poner nuestro granito de arena. (E9)

Por eso yo siempre le he dicho a mi esposo ¡ya! cálmate un poquito, ya tienes un hijo de 16 años, el día que tu hijo llegue así ¿qué va a ser de ti?, ¿cómo te va a responder? El otro día, allá deste lado de Guanajuato está una cervecería que se llama Atorón, entonces se llevó a mi hijo de 16 años, no me lo trajo todo el día y ya fui a buscar mi hijo, agarré un taxi y me lo fui a buscar, y él salió y me dijo _ ¡chingada madre! dice –aquí mi hijo que sea como yo-, así de pendejo (bajando la voz), quieres que nuestro hijo sea igual que tu, yo no lo desearía así. (E11)

Pu-es yo creo que es por lo mismo, se sigu-e, ora si que los niños van haciendo mismo y así se siguen, [...] y-o lo que he visto qu-e muchas personas igual como yo, trabajamos y dejan sus hijos muy pequeños salir a ¡calle!, o sea, yo se que juegan, son niños y todo porque tengo los míos, salen a la calle bastante lejos, con niños más gr-andes que ya les van enseñando muchas.. como que bien chiquitos.. ya van despertando mucho y saben muchas cosas. (E6)

As mulheres no papel de mães sentem sua responsabilidade no acompanhamento dos filhos e sabem que a convivência precoce, com a rua, é perigosa, mas por trabalharem fora muitas não têm opção.

- **Pressão de pares**

O consumo de álcool é visto pelas entrevistadas como uma atividade gregária, onde se estabelecem normas de comportamento aceitas pelo grupo e nessa interação, os representantes do gênero masculino são incentivados a comportar-se como *homens*, sendo o beber e *mandar* na sua casa e inclusive bater na mulher alguns dos parâmetros para identificar a masculinidade.

... pues ya, o les gusta o quieren experimentar que se siente andar borracho, ¡bueno yo pienso eso!, no, no se exactamente que es lo que tenga cada quien en su pensamiento [...] porque otros les dicen o ¡los animan! A lo mejor el amigo, lo anima por no quedar mal (al) decir, que no eres hombre por no tomart-e una cerveza... más que nada, pienso que es eso, para no quedar mal con los amigos y de ahí van agarrando, no sé, el vicio. (E2)

Mmm, a lo mejor pienso que es por lo mismo, porque, por ejemplo muchos toman y ven al amigo y les invitan una copa o no se, y a veces los amigos a lo mejor no

quieren, pero ya de que les dicen est-e, ¡te pegan! Te pega tu señora o no se, y por demostrar de que no es eso de que le mandan o le pegan, de ahí se sigue y es otra cadena [...] yo pienso que aquí es todavía mucho machismo, pues piensan que si no toman o no hacen esto o lo otro, pues no son ¡hombres! Se puede decir. (E13)

Algumas mulheres referem tentativas de argumentar com o companheiro, levando-o a refletir sobre essas questões, buscando mostrar que na realidade, são os membros do grupo, com que geralmente se reúnem quem os conduzem a esse comportamento e não elas como esposas.

... pero por lo mismo que el ambiente con quien andan como que les hace sentir así como que, es que eres un pendejo, es porque dejas a tu vieja que.. o sea, como que le digo, o sea, ¡te vas a dejar que ellos te estén diciendo! de la manera como uno tiene que ¡ser! (E6)

... ya con tres con dos y hasta ahí amigos porque yo me siento mareado, nomás que aí veces que nos queremos sentir machos tom-ando y no es la de aí, no es la de aí. Y a veces que ¡te pegan en tu casa por eso no quieres tomar! (E9)

Ainda que esta pressão de pares também se dá entre as mulheres para que consumam bebidas alcoólicas, segundo manifestou uma das entrevistadas.

... o también las amigas a veces ¡ay te regaña tu marido por eso no tomas! o ¡te pegan! Y la amiga por no sentirse menos que las demás va y se sienta y toma. (E9)

Pues yo la mera verdad... ni me siento bien de tanto, tanto tiempo que he visto así que siempre tomando y todo (voz baja)... hubo unos quince años de mi sobrina, nos invitaron, y me dicen -tómame una copa- ¡ay no le digo! No es que no quiera pero ni me gusta le digo, -pos aunque sea una, no dice, nomás una- . Nunca así, no me gusta. (E3)

Neste contexto, o trânsito da infância à adolescência, a busca de identidade, a convivência com outros, inclusive mais velhos com hábitos estabelecidos, podem favorecer o abuso de substâncias aditivas com padrão de uso combinado, bem como início cada vez mais precoce, resultado da imitação de comportamentos que, nos últimos anos, têm incluindo também as mulheres jovens.

... ¡ya no te emborraches hijo! –No tía- dice –nomás cuando encuentro los amigos- ¡ya deja esos amigos!... y siento lástima por él porque está b-ien joven. Luego a veces platico con mi hijo y le digo, ¡ay hijo! le digo, pues piensa bien, o ve tus amigos que tengas, porque a veces hay amigos que te d-an a-lgo y tu no sabes ni que es, pero, dicen, que probándolo no lo vuelven a dejar. (E11)

De t-odas, las jovencitas ya por (no) sentirme menos, me voy y me siento y digo vamos ay que echarle, vamos otra y otra y otra más hasta caernos, pero no, nosotros tenemos que poner un alto solos, a lo que esté a nuestro nivel, si, si estoy muy débil y no agu-anto, mejor no tomo, mejor no tomo, ¿para qué? (E9):

- *Agressividade do meio e para o meio*

Sob a perspectiva das mulheres dessa comunidade, o contexto é agressivo, observam-se os eventos, mas não se intervém neles, pois isso pode ocasionar conflitos com as demais pessoas. Segundo suas vivências, os jovens usuários de álcool são agressivos, golpeiam, roubam e fazem escândalo, e além disso, são vingativos, o que origina temor.

La gente no hace nada, o sea, nomás se quedan viendo y ya ni se meten, per-o como le digo, no hacen nada porque no quieren problemas entre ellos, porque esos si son, o sea, que tu me la haces y tu me la pagas y por eso creo yo que teme la gente en denunciarlos. (E12)

Parece que as brigas também ocorrem entre mulheres que fazem uso de bebidas alcoólicas, transformando-as em objetos de diversão para a comunidade.

No dicen nada, lo único que hacen es desapartarse y dejarlos que se peleen, porque para ellos es diversión [...] ver a quien le pegan más, que están así echando porras a uno o a otro, igual si son mujeres las que se están peleando, ¡a que irá, que se le ven las piernas! aquí se les ve como diversión. (E10)

A seguinte fala é representativa da agressividade do contexto em que vivem essas mulheres, pois narra um fato transcorrido há alguns anos, mas que foi marcante e originou o temor a que se refere.

... pues yo tuve una experiencia muy fea, un día aquí en la esquina a un lo estaban apuñalando, yo no supe ni como me salí de mi casa, lo traiban como 20, pero esos no eran de aquí, [...] y que cree, , no supe ni como en cerrón de ojos le pegue en la muñeca de la mano que le vol-e el cuchillo [...] le dije ¡soy tu madre! le digo yo ¡soy tu madre tarugo! y que se me iba aventar el muchacho y que le ¡sonr-ajo! un santo palo en su meras manos que no supe ni cómo. (E9)

[...] Los otros decían, acábalo, acábalo ... , no pos si, le clavar-on. Creo que al muchacho lo operar-on [...] les grite que ya los había conocido, ¡mentira! yo no había conocido a nadie ¡mentira! [...] ya lo dejaron, pero entonces ya conocí al muchacho y mande a otro muchacho que le fuera a decir a su mamá.

[...] Una señora de aquí, agarró (el cuchillo) y lo enterró en la arena, porque dijo que si, lo hallaban de vuelta nos iba a pegar a nosotros [...] No, ahorita ya si tengo miedo, porque orita si ya cargan pistola, cargan todo y ya, ora si tengo miedo y-a, tengo mucho miedo yo salir a la calle en la noche, aunque yo vea pelearse, aunque los vea que se están, ¡ay no!, yo ya no salgo, no salgo.

O mesmo se observa no seguinte fragmento, onde para algumas pessoas, o problema não é que bebam, mas sim a agressividade que acompanha esse ato.

Pues, lo veo mal porque son muy agresivos aquí la gente cuando toma aquí. De hecho en las fiestas, que toman, luego, luego pl-eito. De hecho, uno de mis hermanos es bien borracho, bien pleitista, y son unos, bueno yo he visto como agarran, se pel-ean, pss, son muy agresivos. (E10)

A fala seguinte enfatiza que a agressividade não é comum a todos, inclusive o marido dessa mulher não briga, embora reconheça que alguns são *escandalosos* quando bebem. No entanto, o seu relato ressalta a submissão da mulher ao denominar o marido como *meu senhor* numa conotação de domínio e propriedade.

... si le digo que, no hasta eso que mi señor no busca pleito, ese no es pleitista, como que hay varios ¿verdad? que toman y son bien escandalosillos, escandalosillos, sí. Y le digo, ese el problema, que toman y luego luego hacen escándalo, no es que se emborrachen y lleguen y se duerman, hay unos escandalosos. (E5)

A agressividade das pessoas que bebem, deriva em desavenças com vizinhos, resultando em perda de vínculos de amizade e consequências negativas (demandas judiciais e aprisionamento) perante a comunidade.

Con está persona que vivía aquí (junto), tuve problemas. En un principio llevábamos una buena relación..... Pero en una ocasión llovió mucho y entonces me inundé toda, [...] entonces mi niño, estaba más chiquito, se le hizo fácil tocarle al vecino, [...] pues bien amable vino y me estuvo ayudando [...] ya cuando paró y llegó su mujer,... le empezó a decir de cosas, [...] a través de ahí perdimos toda amistad, porque la señora me calumnió con su marido de que, de que yo andaba queriendo, o andaba con su marido, en realidad que era una obra de caridad lo que ese señor hizo conmigo. (E1)

¡No, yo no! El sí...con el vecino, bueno, yo no estaba con él, nos habíamos dejado y no se qu-e pleito tra-ían que le dijo de cosas al señor y le aventó piedras a su vidrio y le quitó el medidor [...] me dice que no andaba tan cerrado, que no andaba tan tomado, sino por pleitos que traían [...] ¡llamaron a la patrulla y si lo llevaron hasta el penal, [...] yo me enteré por otras personas y en el periódico que salió [...] el abogado me dijo de que... que como era la primera vez y no era mucho el delito, iba a salir [...] orita todavía están en careos. (E6)

Em concordância com o relato anterior, houve a manifestação de mulheres, referindo não terem nenhum problema com vizinhos, seja porque não têm vínculos de amizade com ninguém, porque os outros não reclamam ou porque o consumo de álcool não afeta o humor e comportamento do casal, no sentido de agressividade.

No, hasta, bueno, nunca que diga usted que me digan cosas o algo, no, no, nunca. (E3)

No, no casi aquí no hay pleito, o sea en vecinos no, entre vecinos no. (E5)

¡No! No, pus él casi no la lleva así con nadie, nada más con sus pr-imos, sus t-íos, nada más. (E7)

Embora, em alguns casos, como o seguinte, os problemas de agressividade ocorreram com elementos externos à comunidade próxima, isto é, pessoas que vinham de outras ruas da comunidade para *escandalizar*.

Aquí, aquí con los vecinos no tenemos problemas, aquí con los vecinos pa que es más que la verdad, no tenemos problemas. [...] pero otros nomás vienen a compromet-er porque uno vive pa-ca ellos viven pá-lla, porque uno también tiene su fam-ilia. A ver, uno esta dormido a las horas de la noche y ellos aí haciendo su teatro en la calle, pus como que eso no esta bien. (E)

No contexto familiar, as mulheres entrevistadas têm vivências relacionadas à agressividade do meio, pois a experimentaram em pais, irmãos, sobrinhos, cunhados, seja como elementos agredidos ou agressores, seja porque as situações violentas se deram tanto dentro como fora do lar.

Son jóvenes, a veces que están tomados, a veces que sale usted y están drogados. Est-e, mi hermana tuvo una experiencia con ellos que la mera verdad un día le pegaron a ella, le pegaron a su hijo [...] mi hermana vive por allá en otro lado y les echaron gases y todo eso, ¿usted cree que esos no es malo? Todo eso es malo, todo esos es muy feo, porque dice usted ni se si voy a pasar por ahí, ya de noche, no se que va a pasar, no se que me van a hacer. (E9)

...un sobrino que tienen él, todo el tiempo peleaba con su esp-osa, ese si todo el tiempo se dej-aban y ese si er-a, pus que llegaba muy agresivo con ella, aquí de vez en cuando pero no, así agresivo agresivo como unas cuatro ocasiones. (E11)

... luego ¡hay pleito! como ayer encontramos un borrachito que estaba todo sangriado (sangrado), yo creo le han de haber pegado [...] eso está mal ¿verdad? Esta mal eso.. y luego al ver, yo si me espanto cuando están así sangriados [...] lo encontraron por acá por la plaza y le digo, que se negocian que toman y luego buscan pleito.. eso no está bien. (E5)

Como se observa, a agressividade do meio se reflete nas interações que a mulher tem com sua família e a família de seu esposo. Nessa interação, a mulher não só é agredida mas há ocasiões em que se mostra ela também agressiva, como resposta a atitudes violentas de outro membro da família e também ao sentir que o marido não respondeu em favor dela, senão que se voltou para a sogra, como se observa no seguinte caso.

Mi suegra me empezó a decir que por que yo le ando diciendo de cosas a mi concuño, pero (él) me empezó a decir de cosas de mi papá, ¡que le importa! si anda allá mi papá haciendo cosas ok? Entonces, llegó mi señor (y) me encontró con los ojos llorando, me dijo -¿Qué tienes?-, es que me empezó a decir de cosas de mi papá y yo si me molesté, yo si me le fui a los trancazos y él me

descontó con una cachetada, entonces mi señor le iba a pegar, pero mi suegra se metió en medio de los dos y mi señor todavía me regañó, me dijo si yo le volvía a dirigir la palabra me iba a pegar. No le hizo nada, fue mi coraje. [...] Entonces yo si agarré y le hable a uno de mis hermanos, le dije que mandará a que le dieran una buena a este hombre, pero n-o, ya después dije ¿para qué?, le vaya a pasar algo malo y el cargo de conciencia que voy a traer yo. [...] de hecho, con mi señor también se ha pel-eado (bajando la voz) esa vez hasta a mí me pegaron tambi-én (voz baja), por yo defenderlo, hasta mi suegra también le pegaron ese día, fue ahí en la casa. Si le digo que ahí cada 8 día toman y mi concuño a mi cuñada le dice t-anta cosa y delante de su mamá y su mamá nomás le hace gracia. (E10)

• Redes sociais

Em sua convivência com o álcool, um elemento que sobressai é o estabelecimento de redes sociais, as quais jogam um papel ambivalente, pois, de um lado são um apoio perante situações críticas e, de outro, catalisadores de problemas relacionados com o uso e abuso de substâncias aditivas entre os membros da comunidade. De acordo com as expressões das entrevistadas, evidenciam-se as referências sobre as características da relação com sua família de origem, a família de seu esposo e a família que ela formou.

Nesse sentido, pode-se observar que não existe relação com sua família de origem, referindo que preferem que ela esteja à margem dos problemas que tem com seu companheiro, principalmente para evitar desgostos a pais enfermos,

... porque le digo que mi papá ya murió y mi mamá también, namás tengo mis hermanas y no se ellas que me puedan decir, ¿verdad? (E5)

... una de las razones es que tenía a mi papa y mi mamá todavía, y ellos estaban enfermos diabetes o sea, no quería preocuparlos, esa era una de las razones también (bajando la voz). (E3)

ou porque seus irmãos não estão em condições de apoiá-las, bem como para evitar problemas entre sua família e companheiro, pois elas não estão seguras de querer afastar-se do marido, isto é, não têm a segurança de querer concretizar uma separação física.

... procuro no buscarlo, porque digo, luego que tal si no me animo y ya nomás la regué (rie), si porque pus o sea, si voy y le digo a mi papá ¡fíjate que me pegó, que me discutió, que..! (con énfasis pero voz baja) y al rato me contento con él, pues mi papá se va crear un odio y al rato no va a querer verlo ni en pintura y que caso tiene. (E4)

No, nunca, nunca lo comenté con ellos, porque yo entre mi me decía, bueno pero para que le comento a mi h-ermano, si mi hermano es peor y entonces voy a

buscar problemas entre mi esposo y mis herm-anos y de todos modos, a lo mejor yo voy a seguir con él y uno feliz y ellos peleados. Por eso, n-unca comente con mis hermanos nuestra situación, no se porqué se lo estoy comentando a usted [...] Tengo una hermana que me dice, -bueno ¿tu por qué te enfermas? si tu marido es rebueno, tu marido no es mujeriego, tu marido no es borracho, porque no lo conocen, o sea, uno conoce más su pareja que otras personas ¿no? (E11)

Talvez não tenham força para tomar a decisão porque o meio próximo, às vezes, tem uma imagem do marido que não corresponde à realidade, porque elas mesmas ocultam os problemas. Assim, os motivos para não procurar apoio em sua família, seriam relacionamentos inadequados com os pais, devido ao abuso de álcool desses, ao abandono, ou por sentir que, como filha, não respondeu com as expectativas de seus progenitores.

... me acordaba que mi papá me decía en un principio cuando estaba más chica ¿por qué había sido mujer? porque el hubiera querido mejor un hombre mayor, para que lo ayudará con el trabajo. [...] y mi mamá namás me vio como una especie máquina de dinero, que todavía de casada todavía les daba..... y cuando el día deje de trabajar que ya no les dí, noté el cambio..... Por parte de ella yo no tenía una palabra..... amorosa. (E1)

... bueno, yo no tengo mamá, nomás contaba yo con papá. No tuve un papá de que -hija que te pasó, o ¿cómo estas! O ¿Cómo vives?- o cualquier cosa platicar uno, no. El se alejó de nosotros, porque éramos 4 mujere (y) hombres uno, y él se ladio más al hombre, no con el hombre si estuvo todo el tiempo [...] era una niña yo (y) despertaba a eso de las 4, 5 de la mañana y se me penetró mucho que yo escuchaba (a mi papá) que decía: -¿sabes que vieja?, las mujeres no deben estudiar, las mujeres no -¿pos por qué? -porque se van a casar y ¡¿para qué les va a servir?! Y a un hombre sí.- (E11)

Nos seus relatos também recordam a infância e agora tentam explicar a agressividade ou abandono da mãe como resultado das pressões do meio ou *por cansar-se da vida que levava com o marido*, pois agora vivenciam experiências similares. De certa maneira, parece que estão repetindo padrões de comportamento.

... mis papás son divorciados, mi mamá vive e-n Guanajuato, con su esposo. y mi papá pues vive por acá, o sea, no vengo de una familia pu-es ¡normal! [...] de hecho trabajo con mi papá y a mi mamá le hablo por teléfono pos nada más m-uy de vez en cuando [...] pues desde los 7 años que tuve uso de razón fueron golpes diario, diario, diario, diario, ¡diario, diario, diario! así de cajón, [...]Yo hasta la edad de 15 años decía que mi madre no era mi madre, [...] y-y ahora pus a lo mejor no justifico, pero entiendo a mi mamá, que las presiones del trabajo, las presiones como papás, los sueldos. (E4)

... es feo vivir con un alcohólico, es terrible y luego nosotros llorábamos y decíamos ¡ay pero por qué mi papá se porta así! Por que mi papá esto, mi papá lo otro, hasta que un día cansó a mi mamá, mi mamá agarró y lo dejó y ¿quién la pagó? ¡nosotros! [...] Todos mis hermanos estaban chiquillos y la pasamos muy mal porque haga de cuenta que éramos huérfanos ... porque a veces el papá necesita andar en esto (alcohol) para

consolar sus penas y ¡los demás! que se los lleve patas de catre (bajando la voz).(E9)

...

Como exposto nos parágrafos anteriores, as mulheres ao unirem-se com seu companheiro, também se vinculam à família deste. Praticamente todas as entrevistadas manifestaram iniciar sua vida como casal, vivendo na casa dos sogros, daí que uma das relações sociais mais referidas por elas é com a sogra.

... orita (a) su mamá ya no la tiene, su papá orita lo tiene bien mal y ya llega con más calma porque dirá pos ya no tengo quien me regañe, pienso que antes hasta lo hacia adrede porque su mamá siempre le llamaba la atención o le pegaba y-y él me imagino que lo hacia como capricho como que (decía) sí me pegan todavía así de grande, todavía... lo voy hacer adrede. (E2)

... yo no le comentaba ni a mis suegros cuando él se ponía pues terco, cuando andaba molesto, cuando nos enojábamos, p-orque yo no quería ese tipo de problemas, pero en la situación de que ellos son los padres de él, yo ora si les digo, [...] se los comento para que por lo menos estén al tanto, y en un dado caso de que yo lo corra, por lo menos ya estaban al tanto. (E4)

Neste sentido, a sogra como dona da casa e em seu caráter de mãe, pode chamar a atenção ou recriminar o filho (seu marido), os netos e a própria entrevistada.

... ella si lo regaña, le dice, ya no debes de tomar que no ves que tus hijos los tienes que ver que trab-ajen. Como, mi suegro y mi suegra pus ya, ya son señores grandes, de edad, (le dice) -que no nos piensas ver cuando ya estemos más viejecitos, porque te quieres morir ya- (voz baja última frase) Dice, -ya no debes de tomar, ya cada 8 días, ya nomás en eso te piensas, tomar y tomar- dice. (E7)

... cuando él me dijo, yo si me iba ir, ya después mi suegra dijo -que no, onde te vas ir-. Dije, a mi casa no me puedo ir porque mi papá no me habla desde la vez que me vine con él, es que yo me vine sin decirles nada [...] luego para que me ande echando de habladas allá o algo, o me le vayan a decir algo a mi niña. Ya por eso me dijo mi suegra, -no pus aquí quédate-. (E10)

O fato de morar, ou ter morado na casa dos sogros, torna-os integrantes dessa família e em momentos de crise econômica eles dão o suporte quando o marido ou ela não têm trabalho. Um dos principais apoios foi em espécie, isto é, compartilhar com eles os alimentos e proporcionar-lhes um lugar para habitar.

De hecho ya le dijo en una ocasión mi suegra -mira, ¡int-ernate,! hijo, yo ¡mantengo a tu familia!, total 3 meses que tanto son- (ríe), -arroz y frijoles no les faltaran (voz baja) [...] nos apoyamos mutuamente porque hay veces en que mi marido no trabaja y yo tampoco trabajo, de hecho me paso trabajando unos meses

y otros que no puedo trabajar por tiempo (embarazos) (voz muy baja y risas) porque ya digo si éste no trabaja seguido, pos debe de haber de algún lado. (E4)

...contaba con el apoyo de mi suegra, siempre, siempre, le decía que ya no tom-ara, que porque ese v-icio -va a destruir tu hogar, un día tu mujer te va a dejar por causa del alcohol-, dice, -y yo no creo que tu quieras eso. Luego me decía, -no te preocupes mujer, no te preocupes, yo te voy a ayudar, en caso de que él no te de para los muchachos, no te apures, no te apures, dice, este, yo te voy a ayudar-. (E9):

... pues si, si me dan cuando él no trabaja. Me ofrecen, o dicen agarra ahí hay esto, cuando ti-enes bien y cuando no pus no se tiene, pero si me echan la mano hasta eso, que si (bajando la voz). (E10)

Nesta convivência, a sogra também a apóia quando intervém junto ao marido e filhos para que deixem de usar bebidas alcoólicas ou outras drogas. Da mesma forma intervém quando existem brigas entre o casal, evitando que o marido a espanque.

... mi suegro, el casi no se mete para nada, ella tampoco. No, no, luego si va y dice psss, -¿Qué tienes?- dice – o ¿por qué te estas enojando?- pus y-a, le dice. Luego le dice, -¡nunca! le vayas a pegar-, ¡si! le dice - nunca le vayas a pegar, que no ves que eso no es bueno, pegarle a la mujer,- dice –habla tu con ella, que es lo que no te parece, lo que hace o no hace. (E7)

...yo tenía el apoyo de mi suegra, porque mi suegra nunca dejó que me golpeará, nunca dejo que me, que hiciera así algo. Lo único que le dice cuando llega tomado -¡no vayas a hacer pleito!- o ella ve que empieza a decirme, estarme regañando, va y se mete y lo regaña, como esta vez... ese día fue su cumpleaños, llegó[...]y yo ni me la esperaba, ya nomás llego y le dije ¡a-y ya vienes borracho! yo que te estoy esperando aquí para darte tu regalo, me respondió con un cachetadon, que hasta me volteó la cara así bien [...] entonces la s-obra se metió luego agarró y se metió su, su mamá. (E9)

Existe, contudo, uma postura ambígua da sogra em relação a aceitar que o alcoolismo seja um problema, possivelmente baseando-se na normalidade com que a comunidade encara o uso de bebidas alcoólicas. O mesmo não se aplica ao uso de drogas,

... luego también mi suegra luego se pone a platicar con ellos les dice – nunca, nunca vaya a hacer eso eh, si tu pá que fue tu pá (papá)-, nunca lo hizo- dice –ese si toma, pero nunc-a anduvo ahí oliendo jodideras – dice (risas). Por eso dice – nunca vayan a hacer eso, mejor trabajen dice-. (E7)

daí que, perante a possibilidade de *interná-lo* em algum centro de apoio, as sogras não concordem e argumentem que, nesses serviços, os maltratam. Segundo elas, deve-se esperar que seja ele quem peça a ajuda.

... mi suegra dice –es que no tiene caso, si lo internamos a fuerzas, se va a salir- y como él tiene la idea de que si lo internamos se ¡l-arga! y no lo volvemos a ver, obviamente su mamá no quiere una situación como esta, porque lo adora. [...] yo le digo pos ¡no se larga, hombre! a donde se va a largar (risas). –¡no es que, que ahí e-n tal lado si los golpean, que en tal lado los tratan mal!- o sea, según ella todo mundo los tratan mal [...] pero mi suegra es la que se lo comenta y ellos habían pregunt-ado pero yo nunca he visto que lo lleven a ningún lado ni que digan nombres, ni nada, pus según ellos, hasta que él no quiera. (E4)

No entanto, este apoio por parte da sogra em termos econômicos, de controle da agressividade do filho e de conselhos para os netos, pode implicar numa dependência da esposa em relação às ações da sogra, pelo fato de que, para seu companheiro, pode ter mais peso a figura materna do que a da esposa, mais ainda quando a relação conjugal se inicia sob a tutela dos sogros.

... porque mis suegros si se metían mucho en nuestra vida. [...] la primera vez que yo quise ir a visitar a mi familia me dijo, -¡es que tu te quisiste venir con m-ijo, ya tienes que estar con m-ijo, tu no tienes por que ir a visitar a tus papás! Y yo le decía, [...] yo quiero a su hijo, pero también quiero a mis papás, tengo que ir a visitarlos. -¡No que!- mi suegra era una persona que así palabras, maldiciones - ¡que voy a creer, que vienen aquí y se juntan c-on los hombres y ya después se quieren ir otra vez para su cas-a!- No, pero era una persona que no la hacía uno razonar [...] él me decía –no, pus si quieres ir a ver a tu fam-ilia, pues mejor diles que te regalen una foto y de aquí los ves-. Antes yo si la verdad, antes si me dejaba de todo lo que me decía, me ponía a llorar (bajando la voz). (E13)

Ahorita ya tien-e un año... que se fue. ¡bueno! es una historia demasiado l-arga, Él se dio un golpe aquí (señala la pierna... entonces se quejaba que le dolía y yo fui a avisarle a su mamá porque me dijo –ve a avisarle a mi mamá- como que yo notaba que no nos tenía la suficiente confianza, me ocultaba muchas cosas... ‘tonces vino la señora [...] y me lo llevé a su casa y [...] el doctor dijo que le iba amputar la pierna, pero mi suegra llorando le suplicó que hiciera todo lo posible. Y a raíz de ahí también mi suegra me ha agarrado odio, [...] porque como era posible que no me había importado mi marido, que lo había dejado en las condiciones que lo deje, y ahí estuvo con ella. [...] lograron este salvar la pierna. (E1)

A ingerência da sogra na relação conjugal, também denota seu posicionamento em relação a certos valores e costumes considerados como normais, o que favorece sua permanência. Exemplo disso são a expectativa do papel masculino e a divisão e gerenciamento do espaço quando se vive numa família extensa.

Le digo (al marido), dale un tiempo, un ratito a mi hija, ¡ju-ega con ella! agárrala un rat-ito, ayúdame con ella un ratito y luego mi suegra nomás dice -mi señor no le gustaba agarrar los niños, es que ellos no tienen ese don, ese sentimiento de estar agarrando niños, como que no les llama la atención- le digo, que clase de padres. (E10)

Claramente relatam a necessidade de ter seu espaço físico e emocional no qual tenham um papel definido, ou *status* reconhecido, que lhes permita expressar-se livremente.

Convivíamos en la misma casa (de su suegra) y nos quedábamos en la ¡sala!, entonces era incómodo. Yo soy muy quisquillosa ¡hay sí! (ríe) Y yo quiero tener mis cosas [...]uno anda a las carreras [...] y por lo menos [...] si no recojo nomás yo me entero (ríe) [...] yo quiero mi cancha, donde mis hijos grite y brinquen y hagan y deshagan, pero en lo particular no llevamos bien, nos apoyamos mutuamente. (E4)

Em alguns casos, os filhos as estimulam a manter uma vida normal com comentários de incentivo para melhorar sua auto-imagem.

No pos mis hijos si, incluso le digo que tengo las muchachas que dicen -¡mamá, arréglese, píntese su pelo, est-e, no ande fodonga (riendo) no ande fodonga, dicen las muchachas -ah les digo, ya estoy vieja -¡ah cual vieja, no pos usted arreglese!-. Ellas, ellas me han levantado el ánimo, mis hijas, en ellas en donde yo me apoyo, mis hijas. (E14)

Por outro lado, as participantes no estudo que têm filhos adolescentes ou adultos, manifestaram que esses, de alguma forma, se transformam no seu principal apoio, no controle da agressividade do pai e no aspecto econômico.

Mis hijos lo calman, mis hijas, luego le dice -mira papá eso no esta bien, mira papá no solo tú, también nos est-ás cargando algo de lo que te estás echando al morral. [...] Ora de que tu llegues aquí a maltratar a mamá pos yo creo que eso no está bien, pus mi mamá no anda cont-igo. Te vas a dar tus gustos, vienes aquí y quieres y golpear por nada, luego están apaciguando a su papá [...] en caso de que-él no me llegara a dar (dinero) pus mis hijos, (dicen) no te preocupes mamá. (E9)

...cada que sale ya llega oliendo a-a cerveza, le dicen las muchachas, -papi, vamonos a alcohólicos anónimos, yo te acompaño- y dice -¡no, pero ustedes están pendejas! , yo no soy alcohólico-, le digo, -¿pero que, que crees que eres entonces? -no, es que nomás me tomo una cerveza-, le digo, -la cerveza tiene alcohol, -no, no tiene alcohol. (E11)

Além de mostrar a intervenção dos filhos em defesa da mãe, a fala anterior também reflete o *desconhecimento* ou a justificativa que dá o marido para tomar cerveja, baseando-se bem mais em critérios culturais que tecnológicos de produção de um dado produto. Com base nisso, as mulheres têm a certeza de que, quando crescerem seus filhos, eles vão sustentá-las.

... le digo, le digo ya no debes de tomar, le digo, a ver si te llegas a, te llega a morir le digo, ¿qué voy a ser con esos niños? Todavía ni trabaj-an, dijeras ellos me van a mantener o ellos se van a mantener, de ¿dónde? (E7)

Tomam como referência o que elas mesmas percebem que acontece com suas mães e sogras, inclusive quando mencionam que, num dado momento, foram elas quem defenderam a sua mãe frente a seu pai.

Ao perguntar às entrevistadas sobre outros apoios para enfrentar os problemas relacionados ao alcoolismo do seu marido, elas indicam conhecer algumas organizações não governamentais como os AA, que têm locais instalados na comunidade, bem como alguns grupos de ajuda vinculados à igreja, mas, na maioria dos casos, não solicitam ajuda desses centros, inclusive os maridos se escondem quando alguma pessoa vai procurá-los com a intenção de introduzi-los nos grupos de auto-ajuda.

No he intentado llevarlo a algún tratamiento. (E7)

... hay una que existe... barrios unidos, no se si ha escuchado también en la tele, barrios unidos de... para ayudar a los drogadictos y alcohólicos y esa está también aquí en Santa María, y él, le platicamos que si quería cambiar, más por sus hijos, que si quería cambiar para seguir adelante, o si no, pus ya no iba a seguir con él. (E12)

Hubo muchas personas que le tendieron la mano... que venían aquí incluso a sacarlo de aquí de la casa para llevarlo a grupo de alcohólicos... pero el se enojaba, el decía que en el momento que el quisiera dejaba ese vicio, que no era necesario... yo digo que este tipo de personas son las que las aprecian, quieren que se superen, que dejen ese vicio, que no se abandonen más en ese pozo en que están, pero todo eso le servía de mol-estía, que fueran por él hasta se escondía, -si vienen por mí les dices que no estoy-. (E1)

Segundo já assinalado numa fala anterior, prevalece o preconceito sobre os lugares de atendimento de pessoas aditas, como local de maus-tratos ao alcoolista e isso serve como justificativa à família para não tentar uma aproximação a esses lugares. Também existe a convicção de que quem deve procurar ajuda e seu bem-estar é o próprio usuário, pelo qual assumem que não devem intervir até o momento em que a pessoa com problemas em sua forma de beber solicite ajuda.

Por isso, consideram não poder levar avante ações específicas, o que necessariamente conduz ao não tratamento do alcoolismo.

... él tiene la idea de que caso tiene ir ahí, -si nomás voy a estar fumando o tomando café, o sea, voy a cambiar de una cosa a otra, el cigarro casi no fuma, lo dejó, porque antes si fumaba, de esos alitas que supuestamente no hacían mal, café casi no toma (ríe), entonces no, que por un lado este, ¿saben que lo necesita!, pero por el otro le ponen pretexto hasta donde supuestamente hay la ayuda. (E4)

Si, si hay aquí grupos de alcohólicos,(pero) ¡no qui-ere! le decimos que vayamos a grupos anónimos y me dice -mira vieja, es que cuando yo digo, no quiero, ¡no quiero!- (E11).

O tema do alcoolismo e problemas familiares também não são percebidos como algo que diga respeito aos serviços de saúde, inclusive se mencionou que uma médica tentou realizar algumas sessões com psicólogas e as pessoas sentiram essa iniciativa como imposição.

... en un principio la doctora [...] tuvo muchos problemas porque la fueron a denunciar, la doctora prácticamente "obligaba" entre comilla que tomáramos esas cuestiones de las psicólogas, y hasta donde llegó la ignorancia de la comunidad, [...] la doctora quería que las que no sabían leer fueran a alfabetización y eso les sirvió de desagrado y la fueron a denunciar. (E1)

Incluso cuando ha habido juntas allá en el CS, una vez también fueron unas personas de eso, de ese grupo AA. Yo le di el papelito a mi esposo y él me dijo que -no quería ir a eso, que ¿para qué?, yo si quiero dejar de tomar deajo, no necesito que me enseñen esas personas [...] me dice que para qué, -que yo quien soy para que lo mande- (bajando la voz en la última frase). (E8)

Algumas participantes mencionaram a atuação de uma psicóloga que trabalhou temas de auto-estima na praça central da comunidade que lhes ajudou a ter outra percepção de si mesmas. Além disso, referiram-se a palestras relacionadas com o problema do uso de álcool, o qual lhes permitiu adquirir informação sobre o tema, embora pensem que a forma e conteúdo da informação não é a melhor, pois os casos não são apresentados de maneira realista, isto é, não lhes mostram provas do que ocorrerá com o alcoolista caso não deixe de beber.

...tuvimos pláticas con una psicóloga y pues si, si nos fue dando ánimos y todo. [...] hace como, un año un año y medio, creo. Nos dio plática ahí en la plaza donde era delegación. Y pu-es yo todas las platicas que nos dio pues yo si lo tomé bien (voz entre cortada), no, pues si es cierto todo lo que nos dice ella, que o sea, nos enseñó a-a querernos por nosotras mismas, y de ahí, a partir de ahí, yo ya no me fui dejando mucho. (E13)

He ido a muchos temas y yo digo, -¡si está bien todo! que te va a pasar (pero) ¡por qué no! presentan las pruebas así feas, feas, feas, [...] debían de presentarnos a un enfermo que desgraciadamente si está, ¡y que se vea! porque ellos no lo ven, y como no lo ven, a jellos no les va pasa nada... ellos se controlan y ellos saben hasta donde! [...] si sería bien crudo per-o sería una forma de que reaccionaran ¡algo!. (E4)

Relatam, ainda, que sentiam vergonha de comentar com o médico do Centro de Saúde os problemas que têm com o marido. Assim, não expõem seu sofrimento a ninguém, daí não ser de estranhar que identifiquem tais problemas como fatores desencadeantes de doenças nelas mesmas.

Le digo, de repente sent-í desmayo en mis man-os nomás y así y zaz me caí, ... en este embarazo, me perdí. [...] cuando voy (al CS) no les cuento eso porque me

da miedo decirles [...] dice el doctor qu-e, que también no debe ser eso porque uno deja, la respiración se va y el bebé es lo que, dice que está mal, dice que los corajes y todo eso.[...] Est-e, la verdad casi con el doctor casi como que no me presto para hablar, con Sonia si, este pero casi con el doctor como que me da no se como pena, miedo, o sabe como. Y así como si siento roror, así hablar con el doctor de las cosas que me pasan, con Sonia si, si hablo. (E10)

Lo que pasa que aquí, hay muchas personas que no valoran de que dicen (en el CS), vamos a dar pláticas en tal parte en beneficio de esto , pero no van, nada más sistimos como cinco personas o tres personas, pero yo pienso que deben hacer más este grupo para ayudar más que nada a sus hijos. (E12)

A partir da análise realizada em torno dos elementos constitutivos do mundo social entre as mulheres entrevistadas, elaborou-se o diagrama (figura 5), que mostra o sistema de redes sociais que se estabelecem quando se fala da situação do álcool na comunidade.

Figura 5 - Mundo social: “Conviver com o álcool”, sistema de relações sociais identificadas pelas mulheres entrevistadas em uma comunidade suburbana da ciudad de Querétaro, 2006-2007.

7.3 Viver o álcool (mundo subjetivo)

Durante a entrevista, foram feitas algumas perguntas as participantes sobre suas vivências com situações que envolviam o uso de álcool. Elas expressaram suas respostas em termos de sentimento, isto é, manifestando estados afetivos de ânimo produzidos por situações relacionadas com seu contexto social e familiar que as impressionaram, geralmente acontecimentos tristes e dolorosos, como se descreve a seguir.

- *Sentimentos para o consumo dos outros*

Entre as falas das mulheres, pôde-se identificar alguns sentimentos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas em membros de sua comunidade, sejam vizinhos ou familiares, um deles foi a pena, como expressão de compaixão e pesar ante o fato de que as pessoas que bebem atuam de forma que não corresponde às expectativas dos padrões de comportamento, são pessoas que perdem seus valores.

Pues me da como ¡lástima! (rie), [...] porque todos se ven bien ridículos, tanto hombres como mujeres. Me da tristeza verlas, porqu-e... hay personas qu-e pos hablan puras barbaridades y luego hast-a las manosean y se manosean entre parejas [...] porque me ha tocado verlas, eso no está bien, y luego delante de la gente que se hagan eso. (E2)

La gente joven a veces digo, me da lástima verdad, porque no saben valorar. (E11)

Na maioria dos casos o que prevaleceu foi o medo, muitas vezes derivado da observação de antecedentes de violência em pessoas que consomem bebidas alcoólicas. Essa percepção de risco não só a vivenciada devido aos eventos acontecidos em sua comunidade, mas também por eventos ocorridos em sua família, pois freqüentemente pais e filhos, sogros e genros se reúnem em ocasiões para beber e, geralmente, essas reuniões terminam em brigas.

... o sea, como que nada más salgo, veo a las otras personas y como que lo veo (y digo) ¡ay! esas personas no harán escándalo en su casa, porque uno de mis hermanos también toma mucho y se la agarra ¡uh! un montonal de días (y) está allí aleg-ando y reclam-ando cosas. (E6)

... me siento m-al, nomás estar pensando a que horas se van a pelear, a que horas... van a llegar. Cuand-o él no está en la casa y están tomando ahí mis tres concuños, no puedo salir del cuarto porque ya piensa que y-a estoy allí en la bola con ellos. (E10)

Pues, cuando beb-en m-is dos yernos, son tres yernos, pero dos son los que más se junta, pues si me siento tensa porque ya luego llega mi señor y empiezan a tomar los tres ... y yo pos si, a ver a que horas empiezan a, que a uno no le parezca lo que comenta el otro y empiezan a discutir. Y pos si me siento mal. (E14)

Esse medo parece relacionar-se a sentimentos de ira e irritação para com os outros, pois relembram suas vivências com o alcoolismo de familiares próximos e do marido, inclusive fazem associação (ou se questionam) se as esposas desses outros vivenciam agressões e temores como elas.

...siento coraje, porque me acuerdo cuando mi esposo llegaba borracho y digo, ¿cómo llegaron éstos también con sus familias? Y siento como una prepotencia (impotencia), no se ni como lo siento, pero recuerdo cuando mi esposo llegaba así y empezábamos a pelear y a discutir y por eso, no se que es lo que me pasa. (E11)

Me siento así, como a la vez con coraje pero a la vez como c-on mi-edo,... porque así digo yo, es que al ver ya lo que pas-ó y todo, pienso que las personas van a hacer lo mismo, van a seguir igual, y pues si la verdad me da coraje, ¡ay yo no se para que toman! Les digo yo ¡ay yo no se para que toman! o a lo mejor van a seguir tomando y al rato va a estar discutiendo, eso es lo que yo siento. (E13)

Outras são evasivas para estabelecerem diretamente opiniões ou posições, pois, apesar de mencionarem sentimentos como revolta e mal-estar, não fazem nenhum comentário nem se intrometem na forma de beber dos outros, por temor a possíveis represálias.

Umm... pues, mal.... Bueno, hasta, si se siente mal que beban delante de uno, porqu-e ya ve que dicen que no deben beber delante de los hijos para que no agarren el ejemplo,... pero mientras no haya así, gritos o discusiones, pues está bien (ríe). (E12)

Le digo me desespero porque, o sea, el olor de ese vino me marea, me separo de la persona, o sea, estamos aquí, si usted está tomando mejor agarro y me voy o, hago cualquier cosa, pero me desespera estar junto de una persona que toma. (E8)

Pus, (no) les digo nada porque me van a decir más cosas que no deberían (riendo). (E12)

Enquanto outras, possivelmente como um mecanismo de defesa ou como parte de uma adaptação diante de situações críticas, mas comuns no seu meio, referem não sentir nada a respeito e inclusive interpretam o fato como algo normal.

Não obstante, persiste nelas a inquietude quanto às conseqüências negativas de tais situações.

Mmm, ¿qué siento?... psss ¡nada! (rie). (E7)

Igual veo en la calle así que están tomando y digo, ¿llegaran a sus casas y harán escándalo o llegarán y se dormirán? o sea, (estas preguntas hechas en voz baja) como que luego si (digo) ¡a-y mugres viejos borrachos! pero ¡n-o! [...] de repente uno se acostumbra a lo mejor a ver las personas tomando. (E6)

Pues lo tomo normal, porque de hecho mis papás también tomaban, hacían sus fiestas, sus comidas sociales y todo, o sea, yo no veo tan malo que t-omen, sino en que cantidad tomen y si ya saben como se ponen para que toman más. De joven, de chiquilla si era yo de la idea de que si yo fuera presidenta iba a desaparecer el vino, pero que caso tiene, ya no hay quien lo haga. (E4)

O beber constitui uma atividade socialmente aceita, mas algumas expressões das mulheres encerram um verdadeiro desânimo, ante a possibilidade de obter mudanças no comportamento das pessoas que consomem bebidas alcoólicas num padrão abusivo.

He estado muy despierta, a pesar de lo que he visto, lo que he vivido no conmigo verdad, lo que he visto en otras personas, por eso me encorajina que otras personas sean muy calladas, [...] quisiera ser ¡yo! para hacer algo, pero, pus desgraciadamente no puedo, [...] me encorajino y se me queda. (E9)

Como que se siente mal ¿no? Verdad, me siento mal, así como raro, así como feo, como que me pongo así como de nervios... le digo mi papá también tomaba (y) como que me daba como coraje que tomara (voz baja). Pero ya ve, nunca lo dej-o ni porque le decimos que ya no tomara, que le iba a hacer mal y no lo dejó. (E5)

Do mesmo modo, aparece sua raiva e inconformidade frente à persistência desse hábito do companheiro.

- **Sentimentos referentes ao beber do companheiro**

Ao perguntar às mulheres como se sentiam diante do beber de seu companheiro, elas manifestaram sentimentos contraditórios, por um lado gostariam de separar-se dele, fazer sua própria vida e, de outro lado, as falas mostraram dependência em relação ao marido, derivada do compromisso estabelecido no decorrer dos anos de relação do casal.

Assim, há algumas mencionando que seu parceiro *é um quando bêbado e outro quando não*, daí seu desejo de separar-se deles, mas também a preocupação pelo que possa lhes acontecer. Outras propõem ao companheiro a procura de um

grupo AA, ou no seu desejo que se *mate rápido*, já que para elas, beber é uma morte lenta.

Siento como que me hace falta, que a veces quisiera salir corriendo a buscarlo, pero luego este, me pongo a pensar en sus malos tratos, o sea, son sentimientos encontrados, y le digo, todo esos se lo dije a la psicóloga, que son sentimientos encontrados y no los puedo descifrar, y también quiero sacarlos y-a (voz alta) o sea, que ya me deje en paz, pero no puedo, es superior a mí. (E1)

La mera verdad, usted se vive pens-ando ¿va llegar enojado, va llegar de buen humor o no se? Porque como le digo, en su juicio es uno, borracho es otro... Me siento con temor a veces, pero de ese temor también saco val-or, porque estamos en esta vida y tenemos que seguir adelante. (E9)

... por eso le digo, en alcohólicos te pueden ayudar algo [...] y no fue, [...] porque, dice –ay ya me voy a morir -, le digo, ¡sí! te quieres morir pero namás acabándote en eso, te vas muriendo muy lentamente, mejor ve y avientate en la carretera, más rápido. O seas, pues ¡vete! como te estás matando de que manera, despacito, despacito y aparte ve todos los ejemplos que das. (E6)

Nas falas evidencia-se o desespero das mulheres diante da impossibilidade de interromper o uso de álcool e terminar com a incerteza que isso lhes causa, pois conquanto falarem da conduta dos outros na comunidade, sua reflexão as leva a vincular a mesma com o comportamento do próprio companheiro.

Desse mesmo temor, no entanto, emerge a força para continuar, consolam-se reconhecendo nos outros situações semelhantes às vivenciadas por elas, e assumem que continuarão a vivê-las, pois, apesar de ter o desejo de que seu companheiro não beba, aceitam que isso não vai ocorrer e minimizam as vivências que têm ao denominá-las como *pequenos detalhes* que vão passando.

Entre mi decía ¡por que no es é-! el que está hablando ahí (un retiro), por que no será él el que está dando el diálogo, se siente bien bonito y a uno le dan ganas de llorar de todo lo que cuenta la gente, pus todo lo que ellas están pasando yo lo viví y a lo mejor lo seguiré viviendo [...] gritarme, a regañarme, no me gusta mucho, ¡por eso! es que ya no quiero que tome, también para evitar todo ese tipo de problemas. (E10)

... estoy pensando, va llegar, a qué horas va a llegar, o si irá a llegar bien, sin tomar ... hay muchas situaciones que uno dice, ¡ay no!“. [...] pos son muchos los detallitos que uno pasa. (E2)

Minimizar as ações do companheiro pode ser o resultado da incapacidade que sentem ao não alcançar os resultados esperados, quando pedem, ou *ordenam* ao marido que deixe de beber, com a intenção de modificar sua conduta

Siento desespero, porque ya no puedo hacer nada por él, porque no, ¡ya no entiende! me desespera meterlo en un centro de rehabilitación, donde quiera, pero no pone nada de su parte. (E8)

Siempre le ando diciendo ¡ya no tomes! [...] lo que has de hacer mejor es, abraza a tus hijos, diles te quiero y vamos a ser más felices, ¡ya trata de ser más feliz con nosotros! Ya no seas ¡tan b-urro! luego hasta le digo (riendo). (E11)

Já que seus pedidos não dão resultado (não têm a força *ilocusoria* necessária) possivelmente porque, sob os efeitos do álcool, não há uma linguagem inteligível entre ambos, daí a justificativa sobre a decisão de não encaminhá-los para algum tipo de tratamento, posto que é o alcoolista quem deve procurar ajuda (opinião compartilhada com a sogra).

... nomás de que no quiere cambiar, yo me siento así como que, ¡ah, pus total, pus ¿yo que puedo hacer? Si tú en verdad no quieres, así yo me la pase enojada, diciendo, buscando ayuda aquí, buscando, no se va a poder hacer nada, porque el principal eres tú. (E6)

¡Yo siento! (voz alta) simplemente que él no se dejo ayudar, siento que mi marido necesitaba una terapia para que sacara todo, todo que sufrió, en prisi-ón, solo él sabe dios y el sabe lo que sintió allá. (E1)

Perante a situação, uma resposta adaptativa coerente com sua relação é introjetar o beber abusivo como expressão de normalidade com base na visão do alcoolismo na sua comunidade, quando fala de seus sentimentos a respeito do marido. Expressões como *já me impus, se me parece normal, não me preocupa* ou *já não lhe faço caso*, refletem isso que, em última instância, são formas de diminuir ou espantar seus temores.

Pos yo creo que ya hasta me impuse, ya hasta me impuse que no le digo que no tome (ríe), no, así no me siento mal. (E5)

...él a veces toma aquí (casa) pero lo más en la calle, [...] a lo mejor lo vemos en la calle que está tomando, pasamos, (y) es como que ver cualquier persona tomando o drogándose, ya se hace normal. (E6)

Pero no, como que no me preocupa su tomadera, pus es cada 8 días. (E9)

No, pus casi no... no, (en voz baja y ríe nerviosa), No lo ha pensado. (E7)

... hasta que ya reaccioné, porque de hecho todo el tiempo estaba bien solita, bien, temblando por lo que él hacia [...] Ya no me dejé [...] No le hago caso hace como 15 años más o menos. (E2)

A forma como narram suas vivências (rir, baixar a voz) bem como a tolerância que dizem já ter em torno do álcool, mostram que não correspondem à gravidade da situação, além de dar a impressão de que é algo que querem expressar mas não deveriam.

Aparentemente foram desenvolvendo essa maneira de enfrentamento da situação, evitando ou minimizando seu impacto, com a expectativa de obter

tranquilidade, mas com base nas expressões de falas anteriores, parece que se trata mais de um desejo de tranquilidade do que de consegui-la de fato, inferência que se constata com maior ênfase na sequência.

- *Sentimentos sobre si mesma*

Ante a pergunta expressa de como *você se sente*, ou seja, uma pergunta em relação ao seu mundo subjetivo, as mulheres entrevistadas fazem pouca referência sobre si mesmas, ao falar suas vivências e expectativas, vinculam-se ao marido e ao seu beber e, novamente, manifestam seus temores e desalentos.

Pues nada nomás veo que se sale, porque es toda la noche, ya me quedo, se sale! por la desesperación que no aguanta. Se sale y como le digo ya bien temprano hay muchos por ahí, pos ya, no.. ¡estoy salada! (con admiración pero bajando la voz y riendo). (E3)

Si, luego hasta me pongo tensa, así como soy bien nervios-a, luego digo, ¡hay dios mío! Le digo ¡ay! por ni modo (voz muy baja) le digo, le gusta tomar ¿qué hago? (E7)

... psss, si he sentido mucho, pero le digo que de que sirve que yo lo sienta si él no lo siente. Yo, le platico mis problemas que tengo y él no me cree lo que es nada. (E8)

Face à sua situação de vida, algumas, num momento limite, pensam em enfrentar o companheiro dirigindo-lhe agressões verbais, como meio de obterem algum alívio da sua angústia.

N-o, en ese momento me daba mucho coraje, decía, nomás llega hubo un tiempo que hasta decía cuando llegue l-o voy a correr, o l-e voy a mentar la madre o le voy a decir tanta babosada, pero luego no llegaba toda la noche y me quedaba con las ganas de decirle cosas (ríe) (E11)

Na sua espera para enfrentá-lo, porém, refletindo ao caso *aborrecer-se* porque *eles sabem das conseqüências*, então é decisão do companheiro seguir bebendo, e dela é o cuidar de sua própria saúde. Assumem, pois, sua impotência.

... o sea, ya me siento así tranquila, [...], antes si me ponía así como ¡ay, y-a va a tomar! como que me daba coraje, pero ahora ya no, porque le digo, [...] ellos bien tranquilos y uno así aunque uno se enoje, no hace nada ni remedia nada, entons' trato de calmarme y total, que se acaben si quieren acabar tomando, ya saben lo que les va a pasar de todo eso ya saben, pus, adelante. (E6)

E quando essas mulheres conseguem expor os seus sentimentos, suas expressões denotam valoração negativa de si mesmas. Todas elas se perguntam,

por que suportam o alcoolismo do companheiro e suas conseqüências. E elas mesmas se respondem utilizando inclusive, palavras ofensivas, ao mencionar que aceitam que as tratem como um *objeto* e que não têm coragem de enfrentar a situação *por tonta*. A baixa auto-estima que sentem, levam-nas a externar seu medo para enfrentar o mundo sozinhas e se auto definem como *covardes*.

Pues si le digo, ora si que, como que el nomás me quería tener nomás com-o un objeto ahí nomás arrumbado, así que nomás él mirara, como por ejemplo esa tacita bonita ¿verdad? Pero pues, uno se siente apachurr-ado y todo eso. (E14)

... es lo que le digo, que, que no se porque yo aguanté esto. ¡Es que no entiendo, no entiendo! A mí misma yo no me entiendo porque [...] o sea por ¡m-ensa!, no se, como estaría eso. Yo así pienso. (E3)

¡A-y! yo si me siento mal, desde que él es así, siento que no soy feliz realmente, será por todo lo que me pasó con él (bajando la voz). Hay veces que me pongo a pensar ¡dios mío! ¿cómo no tengo el valor de dejarlo?, porque hay veces que si hasta lloro. [...] Cuando él me hace enoj-ar, digo me voy a ir, se me pasa el coraje y se me olvida. Quisiera saber ¿por qu-é no lo puedo dejar?! La verdad me da miedo salir adelante sola, me da miedo salir con mis hijos adelante, soy muy cobarde, la verdad. (E10)

De alguma forma, a solidão que referem em sua relação conjugal, expressa-se nos fragmentos abaixo, onde predominam os sentimentos de tristeza, nostalgia e desânimo para fazer mudanças na sua vida. Sentimentos que parecem emergir como um reflexo do abandono ao qual se vêem submetidas, já que não têm a possibilidade de compartilhar seus sentimentos com ninguém.

Mientras estoy ocupada ... este.... mientras me mantengo así trabajando en otras cosas, como que no tengo tiempo de pensar en mis problemas, pero cuando estoy sola me llega ... una tristeza... una nostalgia... no se como le podría decir.... a pesar de que mi marido me hizo lo que me hizo, pero no puedo pensar bien (voz baja). (E1)

Luego estoy viendo la tele y nomás se me salen mis lágrimas de que quiero desahogarme de todo lo que traigo, pero me desahogo yo sola o a veces con mi mamá pero le digo, hay veces que ya no le quiero comentar nada, porque luego se pone triste. (E10)

... cuando anduve trabajando así en trabajos donde piden como mínimo la secundaria, digo, ay si es cierto, si hace falta aunque sea la secundaria siquiera para este trabajo o el otro así, pero a la vez a veces yo sola me desanimo y digo ¡ay no!, ¿ya para que? (E13)

Lidar com esses sentimentos, buscando meios mais ou menos saudáveis para suportar as frustrações, pode ter como resultado a reprodução de comportamentos hostis em direção a outros tão inofensivos quanto que elas são, em relação ao companheiro. Nesse sentido, só uma das entrevistadas mencionou sentir-

se culpada por seu comportamento ser agressivo com sua filha, e o explicou pelo desamor e os maus-tratos que viveu quando era menina.

Este, yo le dije a la psicóloga que si me aceptaba en su grupo porqu-e desde que tuve uso de razón fueron golpes diario,!... me sentía mal porque yo con la niña(que) tenía como un año y medio ¡ya te ensuciaste! y eran tres o cuatro nalgadas, ya después recapacitaba pero ya se las había metido, y ya decía, mi hija que culpa tiene (bajando la voz), que viva lo que ¡yo viví! porque es del infierno. (E4)

Tanto que essa participante externou seu temor de tornar-se alcoolista pela situação em que vive cotidianamente.

Ojala y dios quiera que yo no vaya a estar en esa situación, que me vaya a volver alcohólica. Luego digo yo, ¿qué se, que se siente andar borracho? Pos nomás como que el alcohol anima, el alcohol me ayuda a matar una person-a, pero otro día señora, son las consecuencia, por eso digo que si esta muy mal eso del alcohol. (E9)

Mencionam ainda crenças sobre os efeitos das bebidas alcoólicas, derivadas de seu meio, e o saber cultural que tem como produto a interação com seu mundo social, sobre as consequências do seu consumo, cujas repercussões, no final, atingem o próprio usuário.

- ***Sua vida sem o álcool***

Nas diferentes expressões relativas aos sentimentos no tocante ao álcool, implícita ou explicitamente, adotam postura de rejeição desse hábito tanto no seu meio social como familiar, por isso, frente à pergunta, como seria sua vida sem o álcool? A resposta da maioria foi *feliz* basicamente porque viveriam sem ter que *lidar com uma pessoa embriagada* que apresenta comportamentos imprevisíveis.

Feliz.. O sea, estos meses que hemos estado alejados de él, ha habido días que a veces no tenemos que comer ... pero este nos comemos un plato de frijoles a gusto, porque a veces estábamos con el temor de que ¡ahí viene! [...] en lugar de comer, nos bebíamos nuestras lágrimas. (E1)

Más, más alegre, porque como le digo, yo sacaría m-hijo a divertirse, ya no llegaría ¿sabes qué? a lidiar con un borracho. -¿Qué por qué llegates a estas horas? ¿Qué quién te dejo ir? Y ya. (E8)

Em geral, relacionam a vida sem o álcool a conceitos de melhora na unidade e convivência familiar.

¡Uy! Yo creo qu-e (suspira) muy bien, sería una familia feliz, me imagino porque ya sin alcohol, sin nada... yo pienso que conviviríamos mejor [...] me imagino que estaría bien, más tranquila, pues andamos juntos, no hay nada que temer. (E2)

Pues, bien más, yo me imagino que más unida, que con el alcohol porque le digo que antes casi nomás llegaba borracho y a dormirse, hay veces que alegaba. (E3)

... porque el tiempo que no tomó se siente uno como más tranquila, porque, como que uno esta más así de que, pueden hacerle algo o puede hacer algo, [...] he visto que se están tomando, aventándose, peleándose y me ponen así como de nervios. (E6)

Viver sem o álcool também significa, para elas, ausência de problemas econômicos em sua relação conjugal, ou de doenças provocadas pelo alcoolismo no companheiro.

... le he dicho, tu lo único que te estorban son tus vicios, si, entonces, eso es lo único, porque cuando no andas tomado, procuras mejor buscar el trabajo. (E4)

¿Cómo imagino mi vida sin alcohol? (bajando la voz), pues yo creo que muy diferente, pienso que si mi esposo no (se) hubiera hecho alcohólico, porque yo si le llamo alcohólico, se hubiera dedicado más a nosotros, a sus hijos, que no les falte nada. Porque yo he vistos parejas que sus esposos no son alcohólicos (y) buscan un trabajito por aquí otro trabajito por allá y otro más allá, y se van nivelando y siempre esto del alcohol es, como le dijera es como muy mal para un matrimonio. (E11)

No pues, que maravilloso sería.. sin el alcohol. Vivir bi-en, tranquilamente, convivir y sanamente, porque pues, sin alcohol uno está sano y todo. Ninguna enfermedad, ¡a lo mejor alguna otra enfermedad! pero no provocada por el alcohol y yo así me a imaginaria ¡muy bonita! (sonrie). (E13)

• Sentimentos e expectativas no tocante aos filhos

Através das respostas que manifestam as mulheres entrevistadas, ressaltam os sentimentos de impotência e temor pela forma de beber do companheiro, exteriorizam seu desejo de separação.

Yo lo que quisiera es que dejara de tomar o que nos separáramos, porque a mi no me gustaría que al rato vaya agarrar ese vicio m-hijo. (E8)

Admitem não se sentir valorizadas por ele e se mostram apreensivas ante a idéia de que os filhos sigam os passos do pai.

Yo si quisiera que cambiara, que fuera diferente, que dejara es-e vicio, que dejara a los amigos un rato porque, es lo que le digo, puro tiempo para ellos y nada para su hija. Luego la niña quiere jugar con él y pus - ay pus ya me voy porque voy a ir allá atrás, un rato- [...] siempre tus amigos, siempre ellos, primero son ellos y luego uno. (E10)

Estes sentimentos, no entanto, não são tão fortes para tomar a decisão de afastar-se do companheiro, ou para superar o sentimento de que viver em casal confere respeito tanto a ela como a seus filhos, pois, segundo sua compreensão, os filhos querem conviver com o progenitor. Argumento ambíguo, tendo em mente que expuseram seu temor de que sigam o exemplo do pai. Parecem não perceber que manter a imagem do pai, tal qual se apresenta, sem oposição, pode ser um reforço para que os filhos assimilem o padrão de comportamento do pai como normal.

Pues más preocupación, porque a veces digo sale y no se si va a regresar [...] pus ya me llené de hijos y de todos modos ven su padre aquí, a lo mejor es un respeto para ellos, yo nunca les decía tu padre es esto, tu padre es lo otro, nunca, nunca se los he echado encima pos que sería de él de todos modos, desprecio de sus hijos y todo. (E11)

As diferentes expressões de seu mundo subjetivo que fizeram as mulheres participantes do estudo falam de sentimentos como ansiedade, baixa auto-estima, ansiedade, coragem e inclusive teve quem referiu problemas de personalidade e depressão, todos eles considerados envolvimento da violência na saúde mental. A partir dessa análise, elaborou-se um esquema que mostra os cinco componentes identificados e que conformam para este contexto o como essas mulheres vivem o álcool (Figura 6).

Figura 6 - Mundo subjetivo, “Viver o álcool”, sentimentos e expectativas das mulheres entrevistadas em uma comunidade suburbana da cidade de Querétaro, 2006-2007

7.4 Viver com o alcoolista (mundo objetivo)

O mundo objetivo é definido como a totalidade das entidades sobre as quais é possível formular enunciados verdadeiros, isto é, que podem ser verificados pelos outros integrantes do processo de comunicação. Neste caso, trata-se dos enunciados que elas elaboram para descrever sua convivência diária com o alcoolista, considerando os antecedentes de alcoolismo do companheiro, trabalho e álcool, violência e conseqüências de uso e abuso do álcool.

Baixa auto-estima

Tristeza

Sentimento si mesm

- *Antecedentes de alcoolismo do companheiro*

Só duas mulheres comentaram que o marido começou a beber depois da união, o que sugere um padrão de início na adolescência precoce, isto é, entre os 11 e 14 anos,

Cuando el era soltero, yo veía que tomaba. (E1)

Umm, dice que bebe desde que tenía 14 años (E5)

Pero y siento que es un vicio que ya tienen así como ya bi-n arraigado, o sea como bien difícil de quitar, empezó a tomar como desde los 11, 12 años. (E6)

No pues el toda su vida ha tomado, porque cuando yo me junté con él decía su mamá que él hast-a no llegaba en noches porque se quedaba por ahí tirado tomado. (E14)

e, na maioria dos casos, os companheiros incrementaram seu consumo depois da união.

No, pos de hecho yo ya sabía él que tomaba, tomaba pero no era a-sí constante, era así, de vez en cuando, pero ya después de que me junté con él, pus si era de casi cada ocho días luego a veces tres, dos días a la semana, y finalmente hasta tres o cuatro días. (E13)

Da mesma forma que descrevem o padrão e frequência de consumo do companheiro, a convivência diária lhes proporciona elementos para *saber* se houve, num dado momento, somente o consumo de álcool ou se fizeram uso de alguma outra substância.

Mmm, si, si se las toma pero no llega t-an mariad-o, pero si se siente esa cerveza es como m-uy, escandalosa, se siente luego luego. (E11)

Cuando trabaja pues no se pone borracho, no inhala nada, lo que si no deja es la mariguana [...] como le dije desde el principio, se va uno acostumbrando, como no se nota que sea mucho el cambio en ellos, aparentemente, pues dice, no esta malo, porque el alcohol pos (los) pone lentecitos, (con) la inhalación se ponen débiles o de la fregada, o agresivos también. (E4)

Realmente mi esposo si ti toma, pero no digamos cada ocho día, toma ai cada en cuando, supongamos que tome domingo, sábado, pero hay veces que si se trastorna, hay veces que si llega muy trastorn-ado [...] cuando toma tequila y cerveza como que si se aloca. (E9)

Da mesma forma, a partir desses elementos, tratam de explicar aos filhos as possíveis consequências do consumo de substâncias psicoativas, com frases como *morre algo no cérebro, andam como loquinhos* ou *o corpo vai minguando*,

o que remete à forma como ela objetiva o problema e manifesta os efeitos das drogas, com a intenção de evitar que seus filhos se aproximem delas.

...mis hijos ven muchos señores con sus monas, entonces les digo, ve ahí lo que te va a pasar se les muere algo de su cerebro, hay personas aquí que también andan así como loquitos, ve, ira, ellos empiezan así y luego ve se van, se van haciendo bien flaquitos, como que se va chupando su cuerpo, porque no comen, no les da hambre ¡nada! ya cuando se les muere su cerebro, se quedan loquitos, ya no saben bien donde vive, sí saben poquito. (E6)

Em suas narrações mencionam qual é o comportamento ou as condições em que se encontra seu companheiro de acordo com o que consumiu, bem como os sinais da deterioração física e psíquica, derivada do uso contínuo de álcool e inclusive outras drogas.

- **Trabalho e álcool**

Uma situação particular que se enuncia nas entrevistas, é o fato de que o companheiro ingere bebidas alcoólicas aos sábados e domingos e, para elas, isso parece não representar problemas, desde que, na segunda-feira, se integre ao seu trabalho, pois, inclusive, quando se fez o convite às mulheres para participar deste estudo, aquelas que não aceitaram argumentaram que seus maridos só *tomavam nos fins de semana*, portanto, não identificavam seu beber como abusivo.

... si tom-aba, pero era nada más de un día, sábados o domingos, y el día lunes se iba a trabajar. (E1)

...¡él si toma!, nada más que, él para tomar son los domingos y sábados, ya el día lunes ora si se va a trabajar, si. (E7)

...mi señor desgraciadamente nunca está en la casa, llega de trabajar ¡a la calle!, sábados y domingos ¡a la calle! tom-ando (baja la voz) no trabaja, y cuando trabaja, toma también. (E10)

A situação se complica, quando a frequência de consumo se incrementa e começa a afetar a atividade laboral do companheiro, com as conseqüentes perdas econômicas.

A veces ya hasta luego ya ni iba a trabajar por lo mismo, y ya no nada más tomaba, ya últimamente se drogaba. (E13)

En la semana ya tomaba... ya empezó agarrarla de dos días de tres días y fue abandonando el trabajo [...] habíamos puesto un negocito, lo trabajaba junto con uno de mis cuñados. Nos costaba mucho trabajo juntar, pero lo sacábamos, nos estábamos levantando pero así, mire, ¡rápido!, pero se empezó a tirar, a tirar y todo se vino al traste. (E1)

Em razão disso, enfrentam a situação acreditando que o parceiro considera que tem o direito de gastar o dinheiro, naquilo que ele quer, pois, trabalha. Frente a tal argumento ela opta por aceitar a situação.

Cuando le digo que ya no tome, luego él se ofende... [...] Me dice, -¡déjame!, así ya me gusta, ya no lo puedo dejar-. Si se ofende así cuando le digo, luego me dice -¿qué tu me lo estás comprando?! Yo estoy trabajando para comprarlo- ya aí que quiere le diga yo, me quedo callada, mejor ya no le digo nada. (E5)

Assim, paradoxalmente, o fato de que o marido vá ao trabalho, não é garantia para que não beba durante ou depois da jornada laboral, pois nas respostas das mulheres entrevistadas, evidencia-se que os lugares de trabalho também são de reunião com amigos, o que estabelece cenário propício para o consumo de bebidas alcoólicas.

...porque a ¡diario cerveza! porque aunque no se llene, diario toma [...] parte trabajando, dice que le ponen dos o tres caguamas [...] pos es albañil... y cada que está trabajando pos van los de las construcciones, los dueños van y les ponen ah-í cervezas pos diario está tomado. (E2)

...trabajaba ahí en el rancho, pus ahí como ve que ahí se con-ocen, que amigos y así, pus ya empiezan a tomar. (E7)

El lunes de la otra semana ya no tenía nada de dinero, me dijo -voy a ver si me dan unos elotes para vend-erlos, tengo que traer mínimo 150 pesos para dijo, que coman. [...], pues se fue t-oda la mañana, vendieron los el-otes, a mí no me dio nada y llegó super borracho y bien lleno de ese pvc. (E10)

Conforme apresentado na caracterização da população, os trabalhos que realizam os companheiros são informais, basicamente do tipo braçal como alvenaria, pintura e agricultura, o que implica horários flexíveis.

Pus, lo que pasa es que no tien-e, ni horario fijo ni nada, anda así de pint-or, pasta y todo eso, como una semana no trabaja, como una sí, como entra a las 10 puede entrar a las 7, o sea, varia mucho en eso, entons' no se ni a que horas va a estar. Por ejemplo, se supone que todos estos días tenía ni tenía que haber estado ya llego ¡y ahí está! (E6)

Pus, si, de que quiere trabaja y de que no, no. Luego a veces se va un día, dos días y nomás para que tome. (E8)

... su trabajo es temporal, porque cuando hay trabajo ahí pus ya, es 3 o 4 meses y de que no hay dice, -ay me voy a echar un mes de vacaciones-. (E10)

A flexibilidade no horário de trabalho e das normas, dentro do âmbito do trabalho, gera tempos livres, que são utilizados pelos homens para reunir-se em

espaços próprios com os amigos, sendo o consumo de bebidas alcoólicas um dos mecanismos de interação entre homens, constituindo mais um exemplo de permissividade do meio ante a situação de uso abusivo de álcool na comunidade de estudo.

- *Violência intrafamiliar*

Dentro desse conceito, se incluem as ações ou omissões que afetam a integridade física, psicológica ou a liberdade de desenvolvimento, incluindo evidências de negligência perpetradas por membros da família e pela própria mulher, além de situações de violência sexual, geradas pelo companheiro, cujo relato será apresentado em seguida.

A infidelidade do marido influiu negativamente na relação, provocando brigas com familiares e entre o próprio casal, incluindo dano a auto-estima da mulher. Desde sua visão a infidelidade do marido as colocou numa posição de vulnerabilidade, já que as relações extraconjugais eram com pessoas da própria comunidade. A infidelidade foi um fenômeno mencionado abertamente:

... yo se la pas-é, lo perdon-é y todo, pero teníamos pequeñas broncas así... después de otros años, ya mis hijos andaban en el Zinder, él se metió con otr-a niña... chamaquilla y mi marido ya tenía 35 años, la chamaca tenía 15 o 16, vivía a tres casas de, de mi casa (llora). (E 1

yo le decía que andaba con otra persona y si, andaba con otra persona, por eso venía conmigo las agresiones y todo, per-o a base de eso y-o le tenía mucho rencor. (E12)

ou veladamente:

... le dije, ¿por qué has cambiado mucho conm-igo o tienes otra? Yo si le llegué a decir que si tenía otra mujer, -no, yo no tengo otra mujer [...] una de mis hermanas se echo un pleito con él porque ella lo vio cuando estaba mi niña internada en el hospital. Yo estaba allá y él bailando con una mujer y según esto andaban agarrados de la mano, [...]. Si me ha dicho, vente para acá déjalo, que no te conviene, pero la verdad no se ni que hacer (bajando la voz), si dejarlo o no. (E10)

... no lo niego, hay m-uchas ¡personas! así sean casados, sean solteros, nos hablan, nos dicen, a lo mejor no se con que intención, si con intención de que una se junte con ellos o nada más se puede decir para pasar el rato. (E13)

O fato de que a infidelidade se repetisse em diferentes momentos da vida das mulheres, no entanto, não foi motivo suficiente para estimular a separação do companheiro. Pelo contrário, tentam justificá-lo argumentando que *são as mulheres*

(mesmo quando em alguns casos se tratava de menores de idade) *quem os procuram* e que essas relações são *passatempos* para eles. Com esses argumentos, evitam enfrentar a realidade, não aceitando que o marido tenha outra relação conjugal com outra mulher, nem mesmo quando são familiares próximos quem as informa sobre tal fato.

... después me empezó a engañar...hubo mujeres que lo empezaron a sacar, porque veían qu-e...a mí no, no me faltaba lo necesario [...] por donde yo vivía había dos personas que eran unas mujeres s-in criterio, sin pizca de educación [...] Lo empezaron a buscar, y o sea, a mí sí me daba coraje, pero lo disimulaba, no le daba importancia, pero sí son pasatiempos...(E1)

... Pu-es, mis hermanos si me han dicho, déjalo porque ese hombre no te conviene, de hecho lo han visto con mujeres, mi mamá l-o ha visto con una mujer y yo la verdad no se si cre-er o no. (E10)

Mesmo assim, essa tolerância da infidelidade do companheiro não está isenta de sentimentos de decepção e raiva.

Comportamentos de controle por parte do marido, como o ***machismo e os ciúmes***, foram expressos como um padrão recorrente entre as participantes do estudo. Observa-se o domínio que o homem exerce sobre a mulher desde o momento que o chamam como *meu senhor* no sentido de pertença; outro comportamento externado foi o isolamento forçado ao qual estão expostas, pois lhes são dados indícios claros de que a mulher “*deve estar em sua casa*”, implicando em estar disponíveis para cobrir as necessidades do companheiro no momento em que solicite e justificam essa a situação como resultante de um contexto rural, como evidenciado expressões abaixo.

Este si le digo que, no hasta eso que mi señor no busca pleito, ese no es pleitista, como que hay varios ¿verdad? (E5)

Imagínese, la vez que me alivié, yo no tuve mis 40 días, luego decía, ¡ay dios mío!, vieras como me duele, si tu supieras y el dolor que yo siento, operada y pararme [...] porque no sabe ni calentar una tortilla, le digo, imagínate, un día me llega a pasar un accidente que va a hacer, y dice - no pus consigo otra mujer- (carraspea). (E10)

Él era muy machist-a, estil-o rancho [...] El no era de la idea de que una mujer trabajara, él decía que una mujer debería de estar en su casa, que esté en su hogar. (E1)

Outro comportamento sugestivo de controle indicado pelas entrevistadas foi o ***isolamento***, pois o companheiro não lhes permite comunicar-se com familiares e, menos ainda, ter algum tipo de amizade.

...él me decía –no, pus si quieres ir a ver a tu familia, pues mejor diles que te regalen una foto y de aquí los ves-. Antes yo si la verdad, antes si me dejaba de todo lo que me decía, me ponía a llorar (bajando la voz). (E13)

No tengo amigas, no me deja que tenga amigas. Tenía muchas amigas, muchísimas, pero ya no tengo ninguna. (E10)

O isolamento resultante desse poder do qual fazem uso os homens, leva-as a refletir e descrever seus companheiros como dominantes e ciumentos.

...él era una persona muy posesiva en ese aspecto, bien celosa, que no me dejaba salir a la calle para nada. No quería que yo tuviera comunicación con nadie... yo estaba encerrada todo el tiempo en mi casa. (E1)

Hay discusiones, porque cuando llego de trabajar y él está tomado –¿por que hasta orita?!, con ¿quién te fuites a revolcar?! yo trabajo en la noche, y ya nomás le digo, ¿sabes qué? para no estar alegando, sí, si te engaño con una persona y que... y ya, ya con eso se calla, porque si no le contesto o no le digo nada, me sigue dice y dice. (E8)

Essa suspeita ou inquietude mostrada pelos homens, e o temor sentido de que elas mantenham alguma relação extraconjugal e, no caso de gravidez, manifestam dúvidas sobre a paternidade dos filhos, o que se reflete em frases como *se é meu, voltamos*, ou *de quem é essa criança?*, gerando nas mulheres sentimentos contraditórios com respeito a seu filho durante a etapa de gestação

Yo le pensaba negar que, o sea, yo quería ocultar que yo estaba embarazada. [...] pero mi cuñada me dijo, si tu quieres hacer las cosas de esa manera porque ya no quieres nada con él, incluso inicié los trámites del divorcio, me dijo, ¿sabes qué? al rato la perjudicada vas a ser tú, al rato te van agredir [...] mejor, búscalo y avísale que estas embarazada... y así lo hice... y me dijo si es mío, entonces vamos de vuelta a la casa, ya no quiero estar aquí. (E1)

Cuando me embaracé ¡ay dios me libre! (en voz baja), cada rato me decía t-anta cosa, [...] yo tardé cuatro años para poderme embarazar y no me cuidaba con nada. Él creía que él no podía tener hijos, por eso cuando me embaracé fueron los pleitos, - ¿Qué de quién es esa cría?, que tú nomás entrastes a trabajar saliste panz-ona [...] Yo la verdad, hasta maldecía entre mí, por todo lo que él decía, maldecía yo a mi niño decía, ¡ay por qué, porque, yo no te pedí! ¡no le pedí a diosito que viniera! Ya después me arrepentí mucho, mi hijo no tiene la culpa en nada. (E10)

Os **ciúmes** são uma constante em todas as relações independentemente do tempo de convivência, pois mencionam ter vivido essa situação desde o início da relação e ao longo da mesma. As narrações têm em comum atribuírem ciúmes do companheiro aos comentários feitos por pessoas da comunidade, dentre eles os amigos do marido.

(3 años de convivencia) *llegó un poco violento, quebró un montón de cosas y todo ¡porque andaba muy enojado! y según esto son los celos, y yo le digo que no se que diablos le dijeron, el chiste es que yo creo se la creyó y llegó bastante enoj-ado y bastante este mal. (E4)*

(6 años de convivencia) *Hay veces de que le cuentan cosas en la calle y como ¡que ando con hombres, que me ven en la calle! que de hecho de que este hijo no es de él. Hubo un tiempo que, un chavo amigo de él, me estuvo metiendo en chismes, de hecho él (pareja) hasta me pegaba, me cacheteaba, no me bajaba d-e, lo peor. (E10)*

(32 años de convivencia) *Porque yo no salía, no podía salir a la calle porque pos era muy celoso, pero ahora digo, pos... si antes era celoso... (bajando la voz) yo de todos modos ... me voy a empezar a arregla y fue cuando empezaron más su celos y más su agresión. (E14)*

(37 años de convivencia) *no supe ni como fue que me hizo enojar, pero me dio mucho coraje, llegó diciéndome de un fulano, yo sabía que no era verdad y me dio mucho coraje. (E9)*

Inclusive, algumas das mulheres associam machismo e ciúmes a um padrão de comportamento que seus companheiros devem cumprir, ante a pressão de seus amigos, isto é, devem demonstrar que são homens, bebendo, controlando a forma de vestir ou as ações de sua mulher, inclusive não permitindo que ela trabalhe. Daí, infere-se que neles se mantêm o conceito do homem como provedor.

... yo pienso que aquí es todavía mucho machismo, todavía, pues este, es lo que los hace que hagan esto, pues piensan que si no toman o no hacen esto o lo otro, pues no son ¡hombres! Se puede decir". (E12)

... él es como muy celoso [...] se junta con unas personas como bien machistas (que le dicen) ¿cómo que va a trabajar tu vieja?, ¿de qué como se viste así tu vieja? [...] y siempre le he dicho ¡ay! tu eres igual que esos, se sienten así muy hombrecitos, [...] los muchachos con que se juntan (dicen) que sus esposas usen una falda gr-andota que porque y-a es una señora, porque hacen sentir que como que ¡ya no te queda! porque ya eres una señora, al principio, así me hacía sentir. (E6)

Cabe mencionar, que expressões como *vêem coisas da sua imaginação* ou *vai ficar louco* podem dar a pauta para falar dos ciúmes, como um distúrbio psiquiátrico derivado do consumo crônico de álcool, presente na comunidade estudada, e não como um mero comportamento com conotações culturais.

... ven cosas en su imaginación que no va. Me ofendía, me decía que yo andaba con.. otras personas, me agredía, o sea para él yo era lo peor. (E1)

... le digo, imagínate, de que te sirve tomar y y esa cosa que compra, ¡deja eso! siquiera hazlo por la niña por mí no lo h-agas, por la niña y por ti porque un dí-a dios no lo quiera hasta te vas a volver l-oco"[...] porque un día ya hasta me dijo que andaba con uno de mis concuñ-os, nomás por estar ahí platicando. (E10)

Conforme descrito em narrações anteriores, há uma inter-relação dos comportamentos de controle por parte do marido com a violência. Nesse aspecto, optou-se por realizar uma análise separadamente dos diferentes tipos de violência, isto é, de situações de agressão vivenciadas pelas entrevistadas durante sua relação conjugal.

Em várias ocasiões as mulheres comentaram saber que seu companheiro se deixava levar facilmente pela ira, seja porque tinha um histórico de brigas na rua, ou por comportamentos apreendidos do pai.

... cuando me vine con él, me casé con él, pues sí era una persona muy violenta [...] tenía reacciones muy violentas, onde quiera se estaba peleando, el tiene muchas cicatr-ices, en todos lados, en su espalda, en su cabeza ¡en sus pies!, están pero bien cicatrizados, pero todo esto fue a consecuencia de los golpes que le daban. (E2)

... era muy feo con uno, antes, o sea, ¡ilegab-a, gritaba, nos quería peg-ar! Luego nos pegaba, bueno, me pegaba y es que su papá así le hacía" [...] , y así, luego muchos problemas que tenía. (E3)

Da mesma forma, manifestaram conhecer previamente a sua agressividade para com a mulher presente em outras uniões. No entanto elas mesmas minimizam o fato dele bater e justificam a ação do homem, ao dizerem que a companheira anterior merecia pelo seu comportamento. Outras vezes, é a sogra quem justifica o filho ao informar à entrevistada que ela *está no céu*, porque a outra mulher ele até *a sangrava* e que a mesma o abandonou por uma *briguinha*. Com esse argumento, ela indica à atual mulher, que não deveria ter queixas.

Allá en Estados Unidos, se junto con una chamaca, era gringa de allá... se casaron según ante la ley de no sé qué, pero esta mujer era alcohólica, le gustaba irse a los bares para estar con hombres... entonces me comentó que dos o tres veces la fue a sacar de los bares [...] y la golpeaba... en una de las últimas ocasiones dice que la bañó en sangre [...] pero lo denunció la mujer [...] y se vino mejor para acá y aquí duró un tiempo, fue cuando él me conoció a mí aquí. (E1)

Él vivió 5 años con una mujer y según su mamá se la metieron a la fu-erza porque un día no llegó la muchacha, entonces la hacía de una l-ástima, le pegaba feo, la bañaba en sangre. (Mi segra) dice que a esa muchacha s-i la maltrataba bien feo, luego hay veces que me dice - no, si tu estas en la gloria, que a ti no te hace así-, [...] entonces agarra y dice, -también por un pleitecito cualquiera se fue la muchacha. (E10)

Esta banalização da violência física coloca a mulher em risco inclusive de morte, como se verifica no caso seguinte, em que a participante foi hospitalizada e precisou de reanimação cardiopulmonar. Tal ação ainda está tão presente nela, que

se lembra do lugar onde lhe colocaram as paletas do equipamento de cardioversão, afirmando que o local ainda está dolorido.

Si, si (bajando la voz) una vez, creo que llegue a dar al hospital porque me hizo enojar, creo que ese día no estaba yo para aguantar y me dio u-n, como forma de un ataque, pero ya no me di cuenta. Según, me llevaron pero yo no me di cuenta de nada hasta que al otro día ya estaba morada de aquí (señalando el pecho) mi hija fue la que me dijo, -mamá, te pusiste bien mal, me dijo el doctor que ya no respirabas y te hacían así como con unas planchitas aquí en el pecho y tu no podías volver, y el doctor me hecho pá fuera [...]Yo no me di cu-enta de nada, pero toda morada de aquí (señala nuevamente el pecho) hasta la fecha que cree que me duele. (E9)

A violência física do companheiro, por vezes, não é só contra a mulher, mas também com outros membros da família, fomentando atitudes agressivas dos filhos contra o pai, talvez imitando o comportamento da mãe quando ele chega bêbado.

... o sea, nos hemos peleado y nos han visto los niños... porque ahora si ni cr-eas, porque al fin y al cabo a ti te vale que las niñas vean entonces a mi también, por lo menos que vean que no hay que dejarse (ríe). (E6)

... cuando llega los sábados y cuando h-abla suelta el olor, entonces la niña agarra y le pega, le dice que así no. Dice -no es que tu le dices que ella me diga-, [...] pues yo sin decirle, la niña lo traía a pura cachetada, a trancazos y jalón de cabellos, porque le decía que así no. Luego dijo, -¡si hija pégame, pégame al cabo que tu p-inche madre ya te metió cizaña conmigo!-, le digo ay, yo ni en cuenta. (E10)

Também pode ser uma postura de defesa talvez o comportamento esperado, pois elas mesmas expressaram ter defendido, no passado, em algum momento, a própria mãe.

no entiendo por qué mi hija es así. Total, no quiero que me defienda, pero quiero que me comprenda, porque pos yo defendía mucho a mi mamá en ese sentido de que mi papá la insultaba por cualquier cosa que ni lo debía y y-o hablaba con mi mamá, porque ella era la que ¡si se dejaba! ella no hablaba nada por temor a que mi papá l-a iba a insultar. (E13)

Alguns depoimentos falam de morte ao outro envolvido na situação violenta, isto é, o filho ao pai ou o marido à mulher.

Hubo una ocasión, bueno si varias, pero la más fuerte fue un día, ya era noche, [...] oí que tronó que iba a entrar y [...] luego llegó y me pateó, pero yo no me deje, yo me defendí, o sea, no me deje que me pegara, entonces el segundo de mis hijos [...] tendría como 7 años, vio que me pateó y se le fue encima y le dijo, ¡a mi mami no le pegues porque te voy a matar! (E2)

Porque dijo que primero me mataba a mi y luego se mataba él. Entonces como todas estábamos ahí y estábamos discutiendo y ya al último se agarró la navaja y quiso encajársela. (E14)

Nesse sentido, o alcoolismo do companheiro, coloca a família em situações que fazem com que seus integrantes se aborreçam, daí que a agressão física não se dá unicamente do homem para a mulher, senão em ocasiões as brigas entre o casal têm os filhos como espectadores.

...le digo que llegab-a diciendo tantas cosas, queriendo peg-ar, aventando las cosas, nomás un desastre. Una vez que me acuerdo que, [...] me correteó con un machete... su papá, agarró una silla y se lo tumbó, pero no, nomás viera (llorando). (E3)

... por ejemplo cada que anda tomado, [...] a lo mejor uno hizo algo y no lo dicen en su momento, sino que andan borrachos y como que lo malo lo van guardando y ya como que en ese momento empiezan a reclamar que porqu-e, y si llegaste tarde y así a cuestionar, o sea y si nos hemos pegado y es lo que ellos han visto. (E6)

Apesar de conscientes da agressividade e do ambiente tenso em que vivem com os filhos, no entanto, são poucas as mulheres que manifestam ter estabelecido limites, enfrentando-o sugerindo que busque outro na rua para bater e ameaçando-o de se defender caso ele a agrida.

Mira le digo, no me estés fregando, yo no te obligo de que te emborraches, de que andes con tus amigos, nunca te evito eso, no me friegues, vete a la calle y búscate una persona ¡y partete la madre con él! le digo, a mi no me friegues, estoy con mis hijos. (E11)

... pero y ya más adelante ya no me volví a dejar son cosas que ya le dije, si tu me pegas, yo ya me defiendo. (E2)

Os casos que tomaram a decisão de pôr limites e separar-se do marido (embora não de maneira permanente), o fizeram por lembrar-se do comportamento não violento de seu pai para com elas, ou porque tinham o apoio de seus pais.

... y yo si le he dicho, ¡el d-ía que me haga así, que me dé una golp-iza así!, yo si voy y lo demando, si porque mi papá nunca me pegó, para que un hombre me venga a pegar nomás. (E10)

Pues llegaba y me gritaba... muchas cosas (baja la voz), o sea, me hacía una persona que no valía, este, me decía.... Puta y-y me pegaba, varias veces que me pegó y esos si es lo que yo no si aguante. El que primero me puso una mano, dije si esta es la primera, ya no. Por eso es cuando reaccioné y me fui para la casa de mi papá. (E12)

... no me dicen nada, simplemente llegó ¿saben que? nos vamos a dejar. O sea, nos dejamos y ya, que te pueden decir, o sea, me iba para allá atrás con mi [...] mi papá si me ha dicho, si te vas a dejar de una vez divórciate, que caso tiene que estén así casados. (E6)

Sob essa perspectiva, o fato de o companheiro continuar a beber, mas não ser tão violento, especialmente com elas, já era um avanço. Ao mesmo tempo,

evitam colocar-se em situação de risco, seja evadindo-se de discussões, afastando-se dele ou mostrando indiferença quando está bêbado.

...cuando llega así namás se duerme, él nunca, así que nos peleamos no, él llega y se duerme y-a, al otro día se va a trabajar.[...] ¡No!, por orita no, gracias a dios, así que ya ve que luego ll-egan (y) le pegan a la mujer, no, casi no, él así no es (bajando la voz en la última frase). (E7)

N-o l-o he agredido tanto, pero sí me he defendido poquito, no le decía maldiciones, pero a veces sí le digo, si quieres partirte la madre con alguien, búscate alguien en la calle, ¡yo no tengo tiempo! tengo flojera. Pos total, esas eran nuestras discusiones de siempre. (E11)

Pues que a veces quiere golpiarn-os, pero pus no nos vamos a dejar verdad, que nos agreda. Lo calmamos, le hacemos ver tantas cosas que a lo mejor de su alcohol si entiende, y si no, pus lo dejamos hablando solo, pa que no estemos más locos nosotros que él, ay lo dejamos hablando solo y nos salemos y lo dejamos. (E9)

Mas são as mais jovens quem, num dado momento, denunciaram perante as autoridades a agressão do marido, ainda que, de acordo com a percepção da mulher, essas instâncias não podem fazer nada contra o companheiro. Além disso, percebem que essa instância legal não lhes proporcionou a informação necessária para atuar nos momentos de agressividade do marido e garantir-lhes seu bem-estar físico.

...(le digo) ya tuviste antecedentes d-e golpes y todo, porque si hubo dos ocasiones qu-e fui y puse una denuncia... pero si, así casi de hecho toda mi vida ha sido así siempre. (E13)

Una vez si lo demandé, ellos vieron y todo pero que no, que no podían hacer nada, lo citaron y todo pero pus no. (E6)

Colocar limites e procurar a ajuda de autoridades legais mostram a presença de mudanças na forma como essas mulheres interpretam o saber cultural, e tentam estabelecer novos padrões de comportamento para enfrentar a situação de agressão do companheiro.

Algumas outras têm pensado no divórcio, mas argumentam não concretizar essa iniciativa, pois consideram que a separação afetará os filhos.

La verdad ya estoy cansada de él, en la forma que ¡me ha venido tratando! Pus es lo que pensaba (separarse), pero ora sí que como dice - es que tú por el niño- si por el niño, porque yo no quiero que al rato me vaya echar en cara -¡que tú por mi papá esto, que tú lo otro!- (E8)

Yo querí-a ocultar que estaba embarazada, del chiquito, [...] pues incluso inicié los trámites del divorcio, me dijo, pero mi cuñada me dijo -¿sabes qué? al rato la

perjudicada vas a ser tú y ese hijo, porque van a decir ¿por qué te estas separando? (E1)

... pues ahorita para mis hijos yo si veo que es un mal ejemplo, pero (voz baja) pos no puedo hacer otra cosa más que nada más como me dicen, - tu ve y pon una demanda de divorcio y ah-í se decide con quien tus hijos quieren estar y con quien no- Le digo, pues sí, yo creo que es lo que voy a hacer porque para saber yo también ¡ya! (E13)

A possibilidade de solicitar o divórcio surgiu ainda como uma forma de controle do marido, pois considera que ele já diminuiu *lhe baixou um pouco*, além do que *já está amarelo*, levando a crer que ela já o alertou, além do que ele está doente e caso ele não se comporte ela decidiria pela separação.

... le he dicho es que yo me quiero divorciar de ti, en tu juicio, entiéndeme, así. Esta vez se lo dije ¡si se fue! y agarró sus cosas y todo" [...] y ¡volvió a regresar! [...] si le ha bajado un poco, ya no se ha puesto así, le he dicho que ya está e-n amarilla, porque fue lo último que le toleré. (E4)

Ao analisar as falas relacionadas com o divórcio, entretanto, esse não é uma opção válida para a mulher, nesta comunidade, pois, das três mulheres que vivem separadas de seu companheiro, nenhuma atuou no sentido de levar a cabo os trâmites necessários para desfazer o vínculo legal, inclusive uma delas manifestou que seu estado civil era casada, mas, nesse momento, não vivia mais com o marido.

A não aceitação do divorcio fundamenta-se na crença de ser um mau exemplo para os filhos, argumentando que, no futuro, eles poderiam afirmar que ela estava *se afogando num copo de água*, e ajudam na construção de um sentido negativo do divorcio ao dizer que *é feio*. Além disso, em algumas permanece a esperança de que o companheiro *tenha remédio*, isto é, deixe de beber. Aparece aqui uma vez mais a influência cultural e o peso das obrigações sociais interiorizadas nessas mulheres.

Dijo el dicho, si se puede separar uno por la tomadera de ellos, pero los que la pagan son los hijos, por eso trato de llevármela tranquila. [...] ¡Lo puede hacer uno! Simplemente que dice usted, pss por el mal ejemplo que les doy a ellos, al rato me van a decir –¡ay mamá! en un vaso de agua te ahogabas-, porque ya al divorcio es muy feo, a la mejor al rato él tiene remedio, a la mejor él se compone, y volverse a juntar ya no sería lo mismo. (E9)

Ao falar sobre a violência conjugal e com a família, houve a predominância das manifestações relacionadas com agressões físicas (inclusive dos filhos). Pareceu que, sendo algo comum a elas, foi mais fácil expor, pois suas experiências contaram também o que ocorreu a outras mulheres da comunidade.

... yo tengo una hermana qu-e, su esposo no está con ella (y) trato de abrirle los ojos, que no se deje de sus hijos, no se, no pensamos igual y hay veces que el miedo nos agobia [...] como que ella es m-uy tímida y sus hijos se le van encima. (E11)

... no voy tan lejos, aquí una vecina, su marido es... pero si el mío era malo, aquel es peor, esa pobre mujer está ¡enclaustra, enclaustrada!, [...] un día la estaba azotando contra la pared [...] gritaba ayúdenme, la azotaba así contra la pared. (E1)

Uma delas denominou o comportamento relatado como *violência intrafamiliar*, para definir a situação de pessoas que ela conhecia, o que leva a pensar na incorporação de alguns conceitos do mundo sistêmico, nesse caso, dos termos utilizados nos serviços de saúde e judiciais.

...hay muchas personas que son violenta, conozco personas que tienen un tipo de violencia intrafamiliar, y el señor nomás es tomarse una cuba y ya con eso tiene para violentarse en su casa y llegan hasta el grado de amenazarlas con cuchillo (voz baja, última palabra) (E2)

O mesmo não ocorreu em relação à violência psicológica, pois poucas manifestaram explicitamente essa espécie de violência, na qual, as ações das mulheres são criticadas pelo marido, levando-as à desvalorização pessoal e a considerar o parceiro como *uma tábua de salvação*, apesar da relação problemática.

Pues...yo me hacia est-e... una persona de que a veces decía ¡si valgo o no valgo! O sea, yo no me valoraba por mi misma, porque él me lo hacia sentir de que no valgo nada. (E12)

... me agarraba de una tabla de salvación que era mi marido, yo quería amor, yo quería comprensión, yo quería que alguien me tendiera la mano y me dijera ¡no te preocupes, aquí estoy yo! Y nunca tenía ese apoyo. (E1)

Entretanto, para algumas, em certos momentos, esse tipo de violência é mais doloroso do que as pancadas.

... ya no nada más era que discutir, luego ya me, m-e golpeaba, me llegaba hasta correr d-e la casa donde estábamos. ¡o sea, sí! Insultos fuertes que ha mi me dolieron más qu-e que los golpes que me daba a veces. (E13)

Duas das mulheres referiram eventos com violência durante a gestação. No primeiro caso, houve a interrupção de uma gravidez de quatro meses (ainda que ela o chame aborto), e a manutenção por mais de 20 anos de um sentimento de vazio e culpa ao pensar que a perda do bebe deu-se mais em função da raiva que ela experimentou na situação do que pela ação violenta do marido.

Al principio de mi matrimonio me embarace y tuve un aborto y pues me daba mucho coraje, pero así, ¡cor-aje! [...] yo siento que si fue coraje porqu-e, pues el llegó borracho esa noche y llegaba otra mujer ahí, [...] le digo ¿A dónde vas a ir? –qué te importa- , si no me dices no te voy a planchar tu camisa o me llevas contigo y me dice -no o voy a ir solo y no te importa, ¡plánchame mi camisa!-, y ¿sabe que hice?, en vez de plancharle la camisa agarre y la pise, de coraje, entonces entra él y me aventó en la cama, que sentí que me tronó el abdomen, sentí como que me tronó algo, oí com-o que algo se rompió [...] Eso sucedió como a las 11 de la mañana, y ya como a las 5 de la tarde se me tiró toda el agua, tenía 4 meses, [...] y por eso no ha habido es-e, ese pedacito de carne que se murió. (E11)

No segundo caso, a mulher manifestou os temores que viveu durante a gravidez, pois seu marido era consumidor de várias substâncias, e o médico mencionou a possibilidade de nascimento de filho com malformações. Isso ocasionou sua depressão e a responsabilização do marido pelas condições de nascimento do bebê.

De mi niña me ponía bien mal, me decían que si mi marido le ponía alguna droga, antes sí, a la famosa piedra, la cocaína y esa cosa, ese bote. Entonces agarran y me dijeron que a lo mejor mi niño salía mal por eso. Yo si le echaba la culpa a él y se espantó un ti-empo, dejó de ponerle a la cocaína y, fue así... Yo me llevaba en puro llorar porque me decían que en el ultrasonido no se le veían sus manos, que no tenía pie. Le digo no se porque él se hace así. (E10)

Algumas participantes do estudo expressaram indiretamente situações de violência sexual; uma delas fazendo referência a um comentário que escutou de uma doutora do Centro de Saúde, a partir do qual a mesma afirmou haver violência do marido *quando ele faz de uma maneira que a mulher não aceite*. Outro relato diz respeito a uma experiência em que o marido *chega bêbado e néscio* e então ela cede por obrigação.

... la doctora (dijo) no vuelvo a meter las manos hagan lo que quieran, nomas no quiero que vengan mi marido me pegó, mi marido esto que lo otro, mi marido me violó, porque ¡hay violaciones! entre los matrimonios, dígame si no, había ocasiones en que el marido llega y no quieres tener relaciones con él y te obliga y te hace de una manera que tu no quieres, es lo que dijo la doctora. (E1)

Ora deste (embarazo), la verdad no se cómo pasó, yo no me cuidaba con nada porque él se cuidaba, no se como (voz baja), o sea, él dice que vaciaba afuera antes de que [...] lo que pasa es que un día, me acuerdo que llegó medio borrachillo y por decir bien necio, que hasta me jalonea, entonces esa vez yo dije bueno ¡pus ya! (voz baja) con tal de que no esté jodiendo... y yo si sentí que si se vació un poquito y con eso fue. (E10)

O último depoimento refere-se ao *cuidado* para evitar gravidezes a partir do método do coito interrompido, método que tem subjacente submissão feminina,

enfatizando-se o papel de receptora e, finalmente, sua ineficiência quando uma das pessoas envolvidas está sob a influência de substância psicoativa.

Somente uma das entrevistadas expressou violência em todas suas dimensões (ainda que isso não queira dizer que outras não o tenham vivenciado), pois seu relato indica a agressão física quando expõe uma relação pautada por brigas; a violência sexual, ao mencionar que *ele a usava na cama* e psicológica quando a repreende e esbraveja, desvalorizando-a, afirmando que ninguém mais a poderia querer.

Pues le digo que... pu-es puros problemas, pleitos, regaños, insultos hasta donde ya no, humillarme hasta donde se puede humillar más a una mujer, se pude decir. Pu-es,... me usaba en la cama, ya después me, me decía que yo no valía nada, que yo era una... así con palabras groseras... que yo era una chingadera, qu-e... bueno, cosas hasta donde ya no. (voz entrecortada) Me decía que él me iba usar hasta donde y-a no, para que cuando yo me encontrara a otra persona ya me encontrara toda usada y ya no me quisiera. Que a mí quién me iba a querer y pior con tantos hijos. Yo, yo ni sabía lo que yo le decía a veces tampoco. Yo le respondía, pues eso tu dices, que nadie me va a querer, más alguien me va a querer y hasta con mis hijos, le decía yo nada más por n-o dejarme. (E13)

As **privações** vividas pela família fazem a mulher perceber, que o aumento no consumo de bebidas alcoólicas do marido há desperdício de dinheiro, pois outras necessidades no lar não são atendidas, porque para o parceiro alcoolista é mais importante suas coisas do que os seus filhos, e esses sofrem carências.

Pos si lo veo mal, porque pos en la casa si nos hace falta lo que desperdicia, porque dejarnos luego así, sin gasto, porque luego por ahí se termina su dinero y llega sin dinero aquí. Me la he visto duras en cuestiones económicas, muchas veces no tenemos ni que agarrar para la comida y más que nada por mis hijos, porque ellos son los que acarrear las consecuencias de sufrir por el vicio de él. (E2)

En mi caso mis hijos si sufrieron, eso del alcohol, porqu-e a veces andaban con sus chanclitas arrastr-ando y como a mi siempre me ha gustado aunque sea una ropa viejita acomodárleslos, se los acomodaba yo para que no anduvieran con todo a raíz. (E11)

Pues si también, pero el me decía que e-ran sus cosas, el siempre me decía, aunque yo hacia la lucha por pagar y no se -¡no que todo esto que tenemos aquí es mío!-, le decía si quieres llévate tu televisión, tu cama, ¡todo llévatelo, no me interesa!, siempre ¡discusión! y siempre salían sus cosas, siempre salían sus cosas pues decía que le importaba más lo material, qu-e que sus hijos. (sollozando). (E13)

Nessas condições o nascimento de um novo filho significa para elas novos gastos não têm segurança de poderem dar conta, pois o dinheiro que o companheiro ganha ele o gasta com os amigos. Cabe então a elas justificar essas

ações aos filhos, já para que compreendam a razão pelo qual todas suas necessidades não são atendidas.

“Con una de mis cuñadas estábamos platicando sobre mi niña que la estoy llevando al (hospital) Niño y la mujer por su desnutrición, entonces él dijo -¡ay está bien caro eso! – dijo, entonces mi cuñada - ¡y lo que te espera! - ya con el otro que viene-. [...] y por el embarazo se me antojaban las cosas y yo sin din-ero y, si se siente feo por uno, y luego mi niña que todo me pide. (E10)

... le digo, mira hija, le digo, es que tu no sabes nuestros problemas, a veces el problema es que tu papá se gasta el dinero, lo poquito le digo que a veces le queda, y pon bien cuidado le digo, cuando tu papá tiene poquito dinero va y se lo gasta con sus amigos tons' yo aquí que voy a hacer. (E11)

Em face de essa situação, as mulheres se inserem em atividades remuneradas também do setor informal, em trabalhos domésticos, ou como a maioria manifestou, vendendo *tortillas* e *gorditas*, já que essa última atividade lhes é favorecida pelo fato de que a comunidade está rodeada por milharais, muitos deles propriedade de familiares.

Pues ahorita ya empecé a trabajar yo, porque antes nada más me dedicaba a hacer mis tortillas y con eso sostenía a mis hijos, pero era muy raquítica la ganancia, entonces, este y bueno, un día encontré un trabajo y ya empecé a trabajar, ahorita tengo como dos meses trabajando y es trabajar. (E1)

Uy, ya tengo harto tiempo, ¿cómo cuanto tendré? (voz baja esta última pergunta) Como unos 15 años, por hay o hasta más Antes le ayudaba a una señora a vender cerámica [...] Orita ya no, porque él piensa que ya no vendo, le digo, ¿pero cómo no quieres que venda?, luego hay veces que para el viernes, jueves, ¡ya no tengo ni para tortillas! Ya por lo menos me dan un abono y ya lo agarro y ya nomás guardo lo que voy a pagar. (E3)

Yo he visto que es constante, la mayoría de las mujeres sacan adelante a la familia, porque echan tortillas, porque venden gordas, porque hacen tacos y la mayoría.. (de los maridos) ¡toman!. (E4)

Embora muitas delas realizem essa atividade desde os primeiros anos de sua relação conjugal, e o dinheiro obtido dessa forma tenha contribuído para cobrir os gastos do lar, na sua visão, tais atividades não são trabalho, mas um apoio à economia, pois quem provê é o homem, conforme exposto na narrativa abaixo.

... me preocupa porqu-e pos, yo que voy a hacer s-i, si es el único que trabaja y yo que puedo hacer si él se enferma, de hecho aquí tengo un negocio d-e, de barbacoa pero pus él es mi apoyo, él es el que me ayuda a todo. (E2)

De todas as participantes, no tocante às carências econômicas, só uma das entrevistadas referiu não ter tido esse problema devido ao apoio que teve de sua sogra.

(Mi suegra) todo el tiempo me apoyaba, por eso ¡pus nunca sufrí! Tocante a eso que diga usted me he quedado sin comer o algo así, n-o (voz baja última palabra) Y el aunque toma y vuelve a tomar, no le voy a decir que es desobligado, él siempre me da su raya [...] pero ¡nunca!, he vivido una experiencia que diga, no tengo que comer, él borrachito como sea, pero es bien cumplidor. (E9)

Esses relatos mostram a violência doméstica que, em suas diferentes modalidades, vivenciam as mulheres participantes do estudo, além de ausência de referências a espaços institucionais em seu contexto social que lhes permitam expressar as condições em que se encontram, e que, ao mesmo tempo, lhes propiciem informação e apoio para enfrentar situações de crises em sua relação conjugal com um usuário de álcool.

- *Conseqüências do uso e abuso do álcool*

Além dos problemas cotidianos derivados de sua convivência com o alcoolista e as interações com seu contexto imediato, as mulheres expressaram algumas outras situações que se enquadraram sob o título *conseqüências do uso e abuso do álcool*. Como já mencionado anteriormente, o companheiro tem antecedentes de uso de álcool, com padrão de início na adolescência, inclusive em algumas ocasiões combinando o álcool com outras substâncias, principalmente inalantes.

Obviamente, ao ser o álcool uma substância aditiva, seu uso de forma repetida cria tolerância e, portanto, a necessidade de ir incrementando a quantidade e frequência de consumo, tornando-se como mencionam nas entrevistas, citando um uso ocasional, depois é praticamente diário. A experiência confere às mulheres o saber de que *o corpo pede, mas como já lhes agradou, a pequena dose é pouco e perdem o controle*, isto é, já não podem parar.

Tomaba entre semana, este, agarraba sábado, domingo, lunes, martes.... de que había problemas sí, por lo del vicio, que caen en él y vienen contra uno. (E12)

Nada más creen que, cuando toman se ponen a golpear a los demás y ya. Porque no solamente dañan a los que estamos a un lado de ellos, aunque principalmente se está dañando ellos, cada vez la r-esistencia! de ellos, o de su cuerpo, pues como lo dicen es una adicción, ya no es que les encante o les fascine, sino que el cuerpo lo pide aunque sea en pequeñas dosis, pero como ya les gustó la pequeña dosis se les hace p-oco y se van de filo. (E4)

Os problemas gerados pelo uso ou abuso do álcool, finalmente, também afetam a relação do casal e da família, em termos de problemas com as autoridades, e o uso da própria substância entre os filhos e doenças.

Num momento dado, os companheiros das entrevistadas tiveram **problemas com a polícia**, que inclusive os aprisionou, tal procedimento é tão freqüente que uma das entrevistadas considera que praticamente a metade de Santa María se encontra no cárcere, porque vende drogas, rouba ou assalta.

...aquí todo mundo sabe quien, donde venden y todo, y pues a lo mejor si se han llevado mucha gente de aquí que están encerrados, porque luego le digo, la mitad de Santa María están allá [...] de personas que venden droga, son los que tienen más años o de que han mat-ado o asalt-ado o sea, normal, normal. (E6)

... después se volvió a ir y lo agarraron preso, pero creo que porque se había peleado con el primo en una cantina, ¡jamás me dijo! no se si lo mató o lo dejó apuñaleado, pero el que le buscó el pleito fue el otro. (E1)

... porque le digo cuand-o no tenía la niña, él le ayudaba a los que vendían la droga a venderla, le digo nomás los agarran ahí, nomás les ca-en, los agarran, vas en bola, –no, pero que yo no estoy haciendo nada-, ellos no van a creer eso, por eso le digo, ¡ay no! (bajando la voz). (E10)

Nos enunciados seguintes, também se reflete a objetivação da permissividade social, quando se justifica que o marido beba dentro da casa já que se encontra mais seguro do que na rua, onde está exposto a agressões e acidentes que põem em perigo sua vida.

... nada más una solitita vez se lo llevaron (a la cárcel) porque lo hallaron tomando, si solo una solitita vez, pero ya tiene bien arto, es que luego nomás toma aquí adentro de su casa. (E5)

... porque mi marido tenía su camionetita, ¡ya viejita pero lo arrastraba! La sacaba, se perdía, se atravesaba a media calle, los camiones le silbaban, se quedaba dormido, luego se daba un fregadazo por ahí en el poste, con alguna otra persona, luego venía por acá así, con el riesgo de chocar o de atropellar a alguien, gracias a dios nunca pasó. (E1)

... porque hay veces que ¡no piensan! prefieren morirse, prefieren ¡morirse!. Cuantos y cuantos no se han muerto verdad, bueno, de los que yo he visto que se han muerto en el alcohol, pues todo por no entender, ya que los mata el tren, ya que se caen al canal y todo eso. (E9)

Sob o conceito de problemas com a autoridade, observa-se claramente o momento que um comportamento social é objetivado pelas entrevistadas, isto é,

quando o padrão de comportamento social se apresenta no marido, reproduzindo violência e permissividade dentro do lar.

O uso de álcool entre seus filhos, descrito na análise do mundo subjetivo como um temor das mulheres participantes do estudo, torna-se realidade para algumas delas, pois já têm a certeza de que seus filhos consomem álcool e algumas outras substâncias psicoativas. Consideram que a causa de que seus filhos bebam está relacionado ao exemplo que recebem do pai, apesar de argumentarem que o marido, em algumas ocasiões repreende e põe limites aos filhos, ou seja, novamente se apresenta uma situação ambígua sobre o que deve e não deve ser a relação com o álcool.

Pues... hijolé.... ahí si ya también lo veo mal, porque... ellos ya quieren empezar a tomar cerveza junto con él [...] son los tres muchachos más grandes, también ellos pues dicen dame un traguito... lo ven que tiene una cerveza y le dicen pues ¡dame! Y él dice, nomás un traguito, pero nada más. [...] a mí no me parece, yo todo el tiempo le ando diciendo a él, con nadie más recalo que contigo porque [...] ¡o sea, que yo dijera! Llegaron borrachos de la calle pues ahí si los regaño a ellos, pero tú les permites que tomen. (E2)

... un hijo, el que está trabajando también le gusta tomar... y es lo que no me gusta, ahorita van unos tres, un mes, que ya no ha tomado, o sea, los sábados se salía, se salía temprano y me llegaba hasta las 6 de la mañana 5 de la mañana, y bien lleno, pos su papá si lo regaño, no porque él hizo eso, también él (hijo) lo a hacer, estuvo ahí alegando con él, parece que ha entendido, quien sabe, primero dios. (E3)

Nos filhos se reproduz o padrão de agressividade para com ela e a família, inclusive levando-a a solicitar a ajuda da polícia para solucionar momentaneamente o problema. No seguinte caso, verifica-se a experiência de uma mulher que, contando com o apoio de uma de suas filhas, julgando que seu filho usuário *requeria uma lição*, permitiu que fosse levado preso, como forma de estabelecer limites.

Que le puedo decir, tengo uno hijo que toma también, se había vuelto muy agresivo, esa vez ya no lo soporté y una de mis hijas le dijo, -tu no tienes que darle problemas a mi mam-á, así que mandó traer una patrulla porque no vamos estar escuchando tus locuras, porque que espera mi mamá, gritos de mi papá cuando está tomado, gritos tuyos. Vinieron los señores y él dijo que ya no volvía a hacer que les dijéramos que se fueran y yo muy enojada le dije ¡no! Y no lo fui a sacar.

[...] Como que ya ha entendido, ya no es como era antes, las cosas cambiaron, todo en paz pero ja veces quieren un escarmiento! [...]he llegado a saber que hasta les p-egan a los papás y todo porque solapamos a nuestra familia, nuestra familia necesita mano durita a veces. (E9)

Algumas outras mencionam não só o uso de álcool, senão de substâncias inalantes como o pvc (inalante), demonstrando sua preocupação ao não comer, não

dormir e sair à procura do filho pelas noites. A não aceitação do consumo de drogas pelo filho gerou atitudes de negação e sentimentos de ansiedade. Inclusive, nesse caso, o esposo interveio, mas o filho interpretou o cuidado como uma intromissão em sua vida

... el segundo de mis muchachos se empezó a drogar, pero yo anduve ¡tras de él y tras de él!, y no lo yo dejaba salir, y le digo si posible yo voy a vigilarte a la escuela(voz baja última palabra), pero con amigos que te induzcan a eso, yo ya no te dejo, fue mucha mi preocupación, porque cuando me enteré no comía, no dormía, no comía, no tenía hambre, nomás estaba yo pensando, ¡nomás tenía eso en la cabeza! Y decía, ¿pero por qué mi hijo, por qué él?

[...]Su papá le decía –no te me duermas tirado en la calle, no te dejo- pero porqué, hasta se pegaba en la pared –¿pero por qué no me dejan, no me dejan vivir? – Yo me sentía, pero ¡horrible!, sentía una cosa aquí en el pecho horrible, [...]¡yo tenía esa ansia! pero yo nunca pensé que estaba en las drogas. (E2)

Na fala seguinte, além do comportamento e sentimentos manifestados por essa mulher, ela se mostrou revoltada pelo filho ser usuário de inalantes, mas, contraditoriamente, tolera o uso de álcool quando lhe diz *até aceito que chegues um pouquinho embriagado*. Fala de sua luta, ainda que não de detalhes, mas segundo seu parecer, o fato de ser *inalador recente* o ajudou a não seguir. Refletindo sobre a situação, diz que as mães não querem ver *fazendo-se de bobas* e isso impede ajudá-los a deixarem a droga.

Porque mi muchacho si duró dos meses que sí se indució a eso, a la droga, absorbía como se llama, pvc, [...] fue la primera noche que no me llegó, tenía 16 años, ya va a cumplir 18 y pos yo si m-e espante, me desesperé y fui a buscarlo y si me dijeron sus amigos se lo llevaron las patrullas. Me dijeron, - es que lo detuvimos porque andaba tomado y apart-e ingerió sustancias pues pvc- si me dio coraje y hasta le pegue ese día, le digo, te paso un trago porque ya le digo no lo voy a detener verdad a que no tome, te paso a que llegues un poquito tomado, pero lo otro si no te paso, aunque ya estás grandecito pero eso ya no te lo paso.

[...] Y pues si le hice la lucha y pues si bendito sea Dios que si orita, espero que no vuelva a recaer porque ya ve qu-e, o sea, no tenía m-ucho absorbiendo, como unos dos meses nomás, per-o, y yo lo notaba, luego como dicen uno de madre también se hace pues tonto verdad, pues no pos mi hijo, eso es lo que deberíamos ver la mayoría de las mamás que están ahí parados con sus cosas en las manos, le había de hacer la lucha de que salgan de eso, pero no. (E14)

Perante o uso de substâncias psicoativas, a mulher novamente volta a fazer uso da informação que tem, e suas ações são similares às que adota com o marido, isto é, ações com um forte conteúdo *ilocucionario* dirigido a tentar modificar o comportamento de seu filho, com a diferença que, num dado momento, elas têm a autoridade, coisa que não ocorre com o marido. Daí que atitudes de agressão, raiva, pôr limites aos filhos por parte da mulher podem ser uma circunstância propícia para

que os serviços de saúde, numa tentativa de prevenir e controlar as adições, trabalhassem em conjunto com as mães, já que, ao que parece, manifestam maiores expectativas e temores pela forma de beber do filho, que do companheiro.

Praticamente todas as mulheres referiram que seu marido tem ou teve alguma doença que elas relacionam com o uso abusivo do álcool. As situações que mencionam foram intoxicação etílica, as quais definiram como *encher-se*, doenças crônicas e acidentes, todas elas requereram hospitalização.

E2: yo si le digo que ya no tome que es por eso, porque ¡diario cerveza, diario, diario! Porque aunque no se llene, diario toma. (E2)

E3: siempre que tomaba, ya se componía, ya casi, ya para morirse, sentí-a, lo tenían que llevar al hospit-al porque hay veces que nomás me lo trajeron todo así como si estuviera ya, muerto, todo así tieso, como loquito, me lo llevaron de que estaba tirado por allá. Porque ese era de las personas que se tiraba, se llenaba, se tiraba. (E3)

E10: Anduvo tomando con su bolota de amigotes, ¡sabrá dios en donde! Y de hecho una vez, también, le metieron un sustazo [...] chocaron en la carretera rumbo a Celaya, no fue de frente si no se hubieran matado ahí, dice que nomás los sacaron de la carretera. ¡Imagínate! cuando le conté a su mamá hasta lloró. El dijo, -¡ay hija, ya no te iba volver a ver! Le digo, ¡qué pensamientos tontos son esos! por tu desm-adre. ¡Hazlo, por tu madre por tu hija! ya por mí no lo hagas, por mí ¡vete a ver a donde! Porque su mamá está enferma de la presión, imagínate ahí te hubieras matado. (E10)

Após essas intervenções, o marido deixava de tomar um tempo, mas depois começava novamente, o que gera nelas inquietude por não saberem como será o futuro.

... ya tuvo una enfermedad de su hígado y eso si me preocupa porque se le pudo atacar a tiempo, [...] le dijeron que tenía como arenita en su hígado, y yo la mera verdad no se si, si sea cirrosis o no sea, per-o fue muy a tiempo y si se compuso, pero seguido se anda quejando de esto y a mí si me preocupa, le digo que ya no tome. (E2)

E9: Le dio gastritis creo de la tomadera, estuvo internado como 4 días en el Hospital General y pus se vio malito [...] de ahí dejo el alcohol pero devuelta volvió a tomar. Orita no se ha visto mal, pero pus, ojala no se vuelva a poner, ¿verdad? porque si no va estar en chino. (E9)

Por outro lado, as doenças causadas pelo consumo de álcool não são identificadas por completo, pois uma das entrevistadas mencionou a ausência de doenças até o momento presente, ainda que depois se corrigisse afirmando que, de fato o companheiro tivera uma paralisia facial. Em outro caso, o marido sofre de hipertensão e interpreta os sintomas baseada na sua experiência do que é ter essa doença (querer vomitar ou não ter apetite), como isso não ocorre em seu esposo, duvida da presença da doença no companheiro.

De enfermedad fijese que hasta que hasta eso que no, bu-eno, hace com-o 3 años le dio un parálisis facial. (E11)

...me dijo (mi hija), mamá llegó mi papá y traía su presión alta. Pero aquí lo raro que me caí es que mire, si uno está enfermo, le duele el estomago, lo digo por mi, tengo gastritis me duele mucho el estómago, no puedo comer y vomito, entonces él tiene la presión alta, entonces cuando uno tiene la presión alta también ya ve que uno tiene ganas de vomitar y no tiene ganas de comer, pero el come mucho, o sea, no se le va el hambre, entonces digo, si es enfermedad, pus no, no se, bueno, el piensa que yo no me doy cuenta pero yo se que a lo mejor eso es lo que pasa. (E14)

Outras entrevistadas manifestaram que chegam a não acreditar na doença do marido, ou os responsabilizam pelo que têm e pelas suas condições, talvez como forma de enfrentamento dos temores suscitados pela situação de doença.

... sus crudas de dos, tres, cinco (días), ya luego se ve bien mal. [...] una vez lo lleve porque ya no podía respirar cuando le dio pulmonía, me dijo es que me duele, le dije, ¡ay ni es cierto! Luego cuando lo veo así, [...] me dice -¡ay eres bien mala! Le digo pero también ¡tú sabe lo que te va a pasar! ¡tú sabes lo que sientes! [...] luego a veces si lo dejo, pero esa vez si ya no podía respirar por eso, igual lo lleve. (E6)

Si, de... del corazón, le dio, le iba a dar como un paro, o sea tiene como,,, apenas tenía como tres o cuatro meses mi niño chiquito y entro en la noche, pero ya tenía días que me decía que se le apretaba mucho, y- pero es que también fumaba mucho cuando andaba tomando fumaba mucho, y me dijeron que esa era la consecuencia. Pero le quitaron eso del cigarro y el alcohol. (E12)

O depoimento de uma das mulheres mencionou os sintomas que apresentava o marido, interpretando-os como *espanto*, por isso o *curaram* com ervas que se conseguem no mercado. No fim, decidiu utilizar os serviços do setor saúde, cuja interpretação obtida através do diagnóstico médico foi que estava *tudo estropiado*.

Se puso bie-n, como le dijera, bie-n desmay-ado, como m-uy descolorido, como él es moreno se puso como muy amarillo. Y le, decían, yo creo que está espantado, lo curamos de todo [...] con una hierba (rie) que se consigue [...] allí en el mercado. Lo llevamos con un doctor y nos dijo, -no esto est-á, grave, si no se lo llevan orita, y-a...- lo que pasa es que, ahí le sacaron todo lo que traiba mal o sea, ya traía todo desecho, le hicieron est-udios y estudios [...] (estuvo) internado hace como unos 5 años. (E8)

O uso de medicina alternativa mostrou-se como possibilidade para o atendimento de doenças, nesse caso, de doenças consideradas como causadas pelo álcool, em que a fé na pessoa que pode “curá-los” é determinante. No caso a

seguir a mulher culpabiliza pelas suas *bobeiras*, ou seja, pelo escasso entendimento, assumindo que era sua obrigação ter continuado com o *tratamento*, e como a pessoa que atendia seus familiares faleceu, de certa forma, considera que ela é responsável por eles continuarem a beber.

... Pues no s-é, me ayudó un señor pero ya acaba de morir, hace como tres semanas que murió el señor, yo le tenía mucha fe. [...] y me llevé a mi hijo, me lleve a mi esposo, porque le digo, también a mi esposo.... pues si vi que de borracho pues si se pasa, d-e agresivo sobretodo, pero no a la cuestión de golpearse hasta solo. Entonces yo si agarre y dije, vamos con el señor, y el señor no les daba nada, nada más les pasaba la mano, incluso me dijo que lo llevara otra vez per-o, la tontes mía que ya no lo lleve y ya el señor acaba de fallecer. (E14)

De acordo com as narrações anteriores, pôde-se identificar conceitos específicos para esse grupo de mulheres, em que os diagnósticos, sintomas e tratamentos utilizados pela população estão determinados pelas experiências de grupo e maior aproximação às terapias alternativas. Os serviços de saúde são utilizados como último recurso, doenças que as mulheres reconheceram como vinculadas ao consumo de álcool, ainda que não se observe continuidade da evolução do problema e inclusive da própria doença, como evidenciado na fala a seguir:

... es que está enfermo d-e, tien-e.. ay ¿cómo se llama?... tiene diabe, ah, está diabético, le digo, ya se te hizo [...] ya tiene mucho, porque ahí onde trabaja tienen enfermeras y luego se lo hicieron (el estudio) allí y le dijo la doctora -¿sabe que?, tiene la diabetes- Y luego él se quedó con la duda dice, -¿a poco si la tengo?- ya luego le dijo la doctora, -¿pá que no se quede con la duda, ahora hágaselo en el Seguro- como el tiene seguro, -hágaselo en el Seguro y allí le van a decir s-i me equivoque aquí, o ya le van a decir si la tiene o no-. Y si, si se la hicieron y si le salió otra vez, le salió.
[...] está en tratamiento, toma medicina. Por eso es le que digo que ya no debe de tom-ar, luego pior que dice mi su-egra que esta adelgazando muy pronto, y eso que si, si come bien, luego aunque yo le haiga dado y ya le da su mamá otra vez. No pero si, si come mucho, pero yo creo, yo digo que a lo mejor será por la misma enfermedad, por eso está adelgazando. [...] lo están controlando aquí en el Sguero, ahí le empezaron a dar medicina. Le dijo el doctor – pus aquí se la vamos a controlar-, dice, cuando se le acabe la medicina venga por más y no si va por más. Pero le están dando medicina, y (no se) si la medicina y el alcohol van. (E7)

Outra preocupação que manifestaram foi o fato de que seus companheiros apresentassem problemas de memória e já estivessem em tratamento de episódios de ansiedade, o que pode levar a pensar na presença de conseqüências psíquicas relacionadas ao uso crônico e abusivo de álcool, sendo perceptível em alguns casos a deterioração cognitiva do parceiro.

¡Fíjese! qu-e hay un-a cosa también que me preocupa, porque dice que hay-ratitos que, que pierde (voz baja esta palabra) la memoria, como que no piens-a y se queda así como ido, y no se en que le está perjudicando. (E2)

... le da pastilla... luego para dormir para que no se sienta desesperad-o, bueno, no le hacen nada las pastillas, porque se las toma y él se siente igual, y anda caminando y caminando (baja la voz en esta última palabra) [...] Pues nada nomás veo que se sale, porque es toda la noche. (E3)

Tal como manifestaram que seus esposos têm ou tinham tido alguma doença como resultado do consumo de álcool, elas também manifestaram problemas de saúde que associam à sua convivência diária com o alcoolista. Com base nas interpretações obtidas nos relatos que fazem, essas mulheres apresentam doenças como *hipertensão, enxaqueca, diabete*.

E11: el coraje... pus a mi se me qu-eda y se me sube la presión, el azúcar y todo y le digo ¡se me queda a mi! porqu-e, orita ellos ya crecieron y lo que quiero es no discutir con él, porque borracho pus no lo hago entender, pos para qué discutir con él si no entiende [ujum], mejor aí lo dejo. (baja la voz). (E11)

...pues si me ocasionó, se puede decir est-e, pues si secuelas por lo mismo , porque y-a a partir de todo esto, yo padezco mucho de dolor de cabeza y pues hasta orita me dicen que es migraña, por lo mismo, porque así por tanta, se puede decir, presión de estar pensando ¿por qué es así? ¿por qué no cambia? (E13)

Ainda que também manifestassem problemas de tipo psicológico, usando inclusive termos médicos, como depressão ou problemas de personalidade, que atribuem como resultado da falta de apoio e interesse por parte de seu companheiro.

... le digo, yo caí en unas depresiones horribles [...] a mí no me importaba nada, ¡no me importaba nada! “andaba yo a veces como un zombi, venía y hacia mis tortillas, terminaba de hacer mis tortillas iba y me tiraba en la cama.... Yo duraba una semana sin bañarme, no me cambiaba, o se-a, no me arreglaba, no me peinaba, eran unas depresiones terribles., porque yo sentía la necesidad de que alguien estuviera a mi lado apoyándome, pero nunca tenía a nadie. (E1)

Problemas pues, de mi personalidad, de las enfermedades que he pas-ado, le digo esto, le digo lo otro [...] de muchas c-osas, no de él sino de mí. O sea, como por ejemplo vamos a suponer que yo tengo una enfermedad. Le digo, sabes que, que me pasa esto, me pasa lo otro, de nada le intereso, porque me dice –¡hay que tu estás esto, que estas lo-tro!,tu lo que me quieres sacar dinero – es lo único que me dice, nada más. (E8)

A fala anterior refere-se ao contato que têm com o setor saúde, de maneira individual, quando se apresentam com uma doença e não quando se trata de prevenção ou, nesse caso, quando o uso abusivo do álcool é reconhecido como causa de outras doenças, mas não uma doença em si mesma. Daí que a representação da doença derivada do álcool, segundo sua interpretação e a de seu

meio, não é a mesma que para a literatura médica especializada; o saber cultural é um e o científico, outro.

Talvez essa possa ser uma possível resposta aos motivados serviços de saúde não aparecerem como uma rede de apoio na prevenção e tratamento inicial do alcoolismo; outra pode ser que o pessoal de saúde não se encontre capacitado para interagir com essas mulheres e suas famílias em aspectos preventivos relacionados com o tema do álcool e as drogas, porque, como manifestaram algumas entrevistadas, foi muito marcante para elas o trabalho realizado por uma psicóloga, seja por ter dado informação grupal sobre auto-imagem ou pelas sessões individuais de terapia. Cabe ressaltar o fato de que algumas delas comentaram que a entrevista que deram no desenvolvimento deste estudo serviu-lhes de desabafo.

- *Ella y las drogas*

Só uma das mulheres manifestou ter consumido álcool e drogas durante sua juventude, quando vivia com sua mãe (consumia cocaína), depois já com seu companheiro utilizavam o dinheiro para consumir coisas.

Cuando yo estaba soltera también le metía mucho a la droga, bastante. Hay veces, cuando no tenía a mi niña, él me daba casi 1000 pesos y todo nos lo echábamos en cosas. De hecho él me empezó a picar, yo no le metía. Bueno cuando estaba con mi mamá y andaba en el relajo y le metía a la pura cocaína, ya después me junté con é y estuvimos rentando. (E10)

A mesma faz narração muito pontual da forma que seu companheiro a iniciou no consumo da cocaína e a forma de prepará-la. Ressalte-se que indicou que, na ocasião, andava *meio embriagada*, evidenciando que, sob o efeito de uma substância psicoativa, a pessoa pode ficar vulnerável ao uso de outras.

Un 29 de septiembre, hubo una fiesta en Carrillo y me dice -irá, prueba esta-, [...] yo andaba medio tomada, ¡nombre! me dio un cacho bien grandote, entonces en un bote de lata con unos hoyitos y ceniza se le pone esa cosa ahí, según esto era cocaína con no se que tanto menjurje, nomás se prende y se inhala en el hoyito para que no de fresco, ¡no pus hasta se le baja la borrachera, el sueño se le va quitando! Sin mentirle, esa vez me eche t-odo lo de mi raya, eran 800 pero es que no pagaba yo ni la renta, por eso. (E10)

As razões que manifestou para deixar o consumo de drogas foram *ter a sua filha*, estar consciente dos danos que estava fazendo ao seu corpo e das possíveis conseqüências que isso acarretaria, bem como o gasto que implicava sua adição, razão pela qual pediu a seu companheiro que deixasse de usar, embora até

o momento, não tivesse sucesso. A noção das obrigações sociais implícitas no papel de mãe constituíram-se em controle para impedir a continuidade do uso de drogas

“¿Por qué lo deje? Pues más que nada, vi como me gastaba el dinero y más que nada ahorita por mi hija... porqu-e dije, imagínate el daño que me está haciendo en mi cuerpo todo ese h-umo, todo eso y dije ¡no! (bajando la voz), para que me pase otra cosa más adelante, más fea, mejor prefiero dejar ese vicio. Es lo que yo le digo a él, ¡déjalo! (E10)

Com base na análise realizada dos componentes identificados para o mundo objetivo, elaborou-se o seguinte esquema, onde se representou como é o conviver com o alcoolista desde a perspectiva das mulheres entrevistadas. (Figura 7)

Figura 7 – Mundo objetivo, “Viver com o alcoolista”. Objetivação do fenômeno em mulheres de uma comunidade suburbana da cidade de Querétaro, México. 2006-2007

8 Discussão: O mundo da vida como sistema de referência

8.1 Interrelação dos mundos

A separação dos mundos é fictícia, pois as experiências, vivências, sentimentos e ações do ser humano são indissociáveis, no entanto, para o entendimento dos fenômenos se faz necessária sua fragmentação. Nesse sentido, ao realizar a análise dos dados apresentaram-se narrações que justamente mostraram a dificuldade em fazer tal separação, levando em conta os critérios que se estabeleceram para esse fim, a saber, se o trecho do texto selecionado continha enunciados que se referiam a situações vividas no contexto próximo de sua comunidade e das relações interpessoais estabelecidas (social), ou vivências e sentimentos sobre o álcool (subjetivo) ou, finalmente, se essas falas mostravam fatos concretos de seu cotidiano com um companheiro que faz uso abusivo de álcool (objetivo).

Retomando a proposta de Habermas (2002, p.171), esse menciona que, na ação comunicativa, os tipos puros de ação orientados ao entendimento representam casos limite, já que, na realidade, as manifestações comunicativas estão inseridas ao mesmo tempo em diversas relações do mundo, como expressado na seguinte citação:

La acción comunicativa se basa en un proceso cooperativo de interpretación en que los participantes se refieren simultáneamente a algo en el mundo objetivo, en el mundo social y en el mundo subjetivo, aún cuando en sus manifestación solo subrayen temáticamente uno de estos tres componentes.

[...] Hablantes y oyentes emplean el sistema de referencias que constituyen los tres mundos como marco de interpretación dentro del cual elaboran las definiciones comunes de su situación de acción. No hacen referencia sin más a algo en un mundo, sino que relativizan su manifestación contando con la posibilidad de que su validez quede puesta en tela de juicio por otro actor.

Nesse sentido, a análise e resultados até o momento apresentados para cada um dos mundos, foram realizados a partir da identificação de palavras ou frases que davam maior preponderância a um desses mundos. Daí que, segundo Habermas (2002), pode-se identificar, dentro das falas, enunciados propositivos que expressavam o estado de coisas em relação ao uso abusivo de álcool pelo companheiro (objetivo), enunciados realizativos que se pode entender como preceitos, isto é, que expressassem o “dever ser” (social), e enunciados expressivos, ou seja, sentimentos, expectativas e desejos, os quais não se pode questionar porque pertencem ao âmbito privilegiado do ator (subjetivo). Isso não quer dizer que

nos enunciados codificados de acordo a cada âmbito do mundo da vida, não contenham referências aos outros dois mundos, apenas ressaltavam um mundo em particular.

Mas, como já mencionado, nem sempre em todos os trechos selecionados foi possível localizá-los num dos mundos, porque, no momento de fazer a leitura e marcar os recortes no texto, o enunciado evidenciava a interação dos mundos, daí a decisão de localizá-los sob a rubrica da ação. Cabe destacar, que embora a proposta de Habermas fale de quatro tipos de ações: a teleológica, as regidas por normas, a dramatúrgica e a comunicativa, apenas se apresentam os dados a partir de três delas, já que os conteúdos normativos permearam praticamente todos os enunciados, pois, de acordo com a proposta de Habermas, o processo de socialização é a base para definir os parâmetros de mensuração do sucesso, a forma em que se interiorizam e objetivam os fenômenos.

A ação teleológica se manifestou quando expressaram os meios de como chegar a um objetivo, isto é, escolhem alternativas orientadas e apoiadas no que conhecem da situação para conseguir o que consideram seria “seu sucesso”. Nesses enunciados as mulheres ressaltavam plenamente aspectos de seu mundo social e subjetivo.

Nesse sentido, um dos pontos centrais no discurso das mulheres entrevistadas foi o tema dos filhos, quando mencionaram seus temores de que eles consumissem algum tipo de drogas, ao mesmo tempo em que foi uma justificativa para manter sua relação conjugal. Daí que a expressão criar os filhos resume suas expectativas futuras.

Yo les he dicho a mis hijos, que ellos tienen que ser alguien en la vida y demostrarles que no necesitamos a su padre. Le digo que el día de mañana yo quiero que ustedes...tengan un estudio, cosa que yo no lo pude tener, yo les estoy dando ahorita lo poco que yo les puedo dar, que lo aprovechen (E1)

... cuando discuten) ... que yo no hago nada malo ni nada, imagínate de borracha por ahí con mis amigas, menos te parecer-ía, pero yo siempre ¡ah mis niños!, porque tengo que hacer de comer o algo, siempre es lo primero que sale [...] no se ni que va a pasar con mis hijos verdad, pero ahí como que digo ¡ni modo! hay cada quien los educa como cree que esta bien ¿verdad? (E6)

Yo siento, como le dijera, quisiera sacar a mi niño, que no estuviera aquí, sacarlo, que se distraiga, porque teniéndolo aquí encerrado, o sea, no va, a ser nada al rato”. (E8)

Em suas falas, ressaltam uma norma social que lhes indica que os filhos devem estudar e ser alguém na vida, e a vinculam com um dos poucos sentimentos

positivos que manifestaram, isto é, sentir que conseguiram em seus filhos o que ela nem seu esposo tiveram.

Tengo 2 (hijos) en la Universidad Tecnológica, una se me tituló ayer y la otra se me titula como para el mes que entra, ya van a salir y la de aquí del CETIS también ya salió y otro que pasó a tercero y el chiquito en la primaria, pasó a quinto, como que siento que ya voy saliendo (ríe), a jal-ones y estir-ones y discusiones pero hay vamos, hay vamos. (E11)

Yo he visto que es constante, la mayoría de las mujeres sacan adelante a la familia, porque echan tortillas, porque venden gordas, porque hacen tacos y la mayoría (de los maridos) ¡toman! (E4)

O esforço e trabalho delas serviu para sustentar os filhos e manter o custo de sua educação. Não obstante, a interiorização desse fato não impede o aparecimento de temor ante a possibilidade de que o marido falte, evidenciando o conceito do homem como provedor, como se ele fosse o único responsável pela manutenção do lar. Pode-se dizer que continua presente nelas a baixa auto-estima e submissão ao marido, desenvolvidas no decorrer de sua relação conjugal.

“Le digo, ya no debes de tomar, luego peor que ¡sí! me pongo a pensar, ¡ay dios mío, este señor que ya no entiende! ¿Qué tal si un día nos llega a faltar? Le digo, quien es la que los va a sacar por delante, sino yo. También mi suegra dice -a poco esa señora, esa mujer va tener valor de sacarlos por delante, si no es ella ¿de dónde? si todavía están chicos-. (E7)

No entanto, finalmente assumem o fato de que por seus filhos trabalharam e continuarão trabalhando, apesar do cansaço decorrente da diversidade de atividades que realizam, inclusive mencionaram haver adoecido e *que se acabaram*, mas com a satisfação de estar cumprindo com o comportamento que socialmente se espera delas.

Si estoy cumpliendo, aunque ahora ya me duela toda la espalda, me duelen los brazos, me duele todo el cuerpo, y ahora ya soy diabética, hipertensa y todo eso ya me ha acabado [...] traté de que ustedes salieran adelante y ora pus yo siento que ya me acabé. (E11)

O sea que de hecho le digo, yo a veces les digo a mis amigas, yo no tengo miedo en trabajar, yo se trabajar se puede decir de cualquier cosa, est-e lo que pasa será que por lo mismo ya de tanto trabajar, a veces si ya me canso, le digo, a veces y-a ya no doy a veces para más, y hasta orita yo ahí trabajo con la señora, me da ropa a planchar y me la llevo a la casa, otra maestra que conozco también se plancho r-opa así igual. Le digo, así pues no me estoy haciendo rica ni nada, pero cuando menos que salga para salir adelante. (E3)

Criar os filhos se constitui então numa expectativa, e conseguir isso significa sucesso para ela, apesar do marido.

Outro conceito que emergiu fortemente durante a entrevista foi o **jurar**, entendido esse como a promessa que faz o companheiro de não beber por um tempo determinado, para o qual põe como testemunha Deus, inclusive, em algum momento as participantes colocam essa decisão fora do marido quando dizem *Deus quis jurá-lo*, nas situações em que ele não queria, mas apesar disso parou de beber.

Yo siempre lo invitaba al templo de la Cruz porque me dicen que allá les ayudan mucho con pláticas y pueden, pues se puede decir que hacen un juramento ante Dios, para que en un tiempo largo, dejen un tiempo el vicio, y ver si poco a poco lo van dejando, nunca quiso tampoco (bajando la voz). (E13)

Juró un año y medio... porque se sentía mal siempre [...], orita gracias a Dios ... creo que Dios nos ha ayudado que quiso jurarlo, ¡qué el no quería!... la primera se hecho un año y cumplió, orita un año y medio, ya lleva un año. (E3)

Jurar é um ato voluntário que se faz mediante a palavra, mas que por sua conotação de compromisso com um ser superior, tem caráter de obrigatoriedade. Pelo qual as mulheres manifestaram que pediram ao marido que jurasse, mas eles nem sempre aceitam, pode inferir-se, segundo as falas, que os companheiros temem o compromisso, pois elas se propõem a acompanhá-los, estabelecem datas, mas, ao chegar nesse momento não se apresentam, porque estão bebendo ou por desistirem de jurar. Uma das entrevistadas manifestou que seu marido considera que *jurar é uma tolice*.

Ahh (suspirando) no, él nada más decía, -es qu-e voy a ir a jurar, acompáñame- pus vamos, luego dice, -no es que, no mejor no-. Un día me dijo, -pasando el año nuevo... voy a jurar-, que fue hace dos años y n-o, como qu-e, no qui-ere. (E10)

:Yo siempre le decía ¡vamos, vamos, te llevo, vamos! Y él me decía -si llévame- aparte de que si me pedía ayuda a veces, -sí, si llévame, vamos- y ya cuando él me decía, vamos a ir tal día y llegaba el día y ya no llegaba de trabajar, se seguía en su vicio. (E13)

Él dice -los que van a jurar al templo, es una tontería! Le digo, pero ¿por qué crees que es tontería? -porque yo digo nomás, ¡no quiero y no quiero! (E11)

O *jurar* é a única ação que num momento dado permite ao marido deixar de beber, ainda que de maneira recorrente, não se cumpra no tempo estipulado, e isso provoque inquietação nelas, pois, na realidade, a qualquer momento pode voltar a beber com as conseqüências que isso traz consigo, isto é, volta do consumo intenso com duração variada que, de acordo com o expressado por elas, pode ir de três a quinze dias.

Cuando jura, un año. Igual ha rompido uno de tres meses, o sea van como dos juramentos que no ha podido de tres meses [...] y el día que la rompe ya se la agarra 2 días, 3 días, o sea, lo más que se ha agarrado, 5 días. (E6)

Él me dice, -te prometo que ya jno voy a tomar y que voy ir a jurar! Y rompe sus juramentos. [...] Ha jurado como 5 veces, luego a veces, jura 5 meses y sólo cumple 1 mes, dos meses y ya. [...] cuando vuelve a empezar luego dura 2, 3 días y por decir, empieza con una tecate y sigue, sigue, hasta que, termina con ese, ¿cómo se llama? ¡un vino que venden corriente, ese dicho villano, así lo conozco. (E8)

Mi esposo si bebía mucho, como le dijera, cada 8 días, hay veces que se agarraba hasta 8 días, 15 días... Orita nomás porque "juro" no ha tomado pero ¡ya mero cumple! ya hasta nomás lo pienso [...] De seguro una peda, de veras que sí, se echara una semana o dos.. y haber si dios quiere que de vuelta vaya a, a jurar, porque solo así lo he visto que cumpla, de otra forma no. (E3)

De acordo com algumas das entrevistadas, a decisão de jurar por parte do marido é precedida por problemas de saúde severos, relacionados o seu hábito de beber.

Porque se sentía mal siempre, o sea, siempre que tomaba, ya se componía, ya casi, ya para morirse sentí-a, lo tenían que llevar al hospít-al. (E3)

Mmm, porque pus cuando ya se siente yo creo muy mal de que ya, luego esta de que, - hay me duele aquí, me duele allá. (E6)

No obstante, jurar pode ser utilizado também como argumento para pedir perdão à mulher ou à família depois de uma ação violenta, como se observa nas seguintes falas.

Él ya no viene (a la iglesia) por lo mismo que sabe que se ha portado ¡m-uy! mal (ríe) De hecho, la vez que me dio dos cachetadas tan fuerte, llegó a ¡jurar! nomás fue y se confesó y tardó mucho (riendo) [...] pero no juro, seg-ún, a mi me dijo que sí, ya como a la semana lo vi tomando y le digo ¡que pasó!... dijo -¡No sé! Yo estaba tratando de aguantarme las ganas ¡y s-olito!- Le digo, más te vale que sea cierto. (E4)

...empezó a jur-ar y empezó a buscar el solito los medios par-a estar en paz y todo eso, porque se imagina ¡n-o! la vida de un borracho es tremenda, la vida de un borracho es tremenda, bueno, yo en esa forma así lo veo, que es muy mal, un borracho no hace cosas buenas. (E9)

Apesar da motivação que tem o companheiro para jurar, esse período significa mudança na vida da mulher, pois começam a fazer coisas em comum e fazerem-se presentes na comunidade, conforme manifestou uma das entrevistadas, *diziam-me que se não tinha senhor, porque eu sempre estava só*, além do que é uma época de tranquilidade para a família.

Cuando no toma me siento bien, porque por ejemplo una de las cosas que nunca hacia, luego hay veces que me lleva a comprar mi mandado y antes nunca, yo

siempre sola y me decían que si no tenía señor porque yo siempre sola, ahora me dice (su marido) –no vas a ir a traer tu mandado, te llevo- y ya, me iba, me llevaba, ya luego nos compraba una fr-uta lo que ante nunca, nunca, de veras. (E3)

Pues lo que pasa es que hay veces que el solito, jura. 2, 3 meses, 4 meses 5 meses, que se yo. Pero el solito va midiéndose. Luego lo hace tres veces al año y todo en paz, vuelve a tomar pero ya no es lo mismo, no se, trastorna. Yo creo que, cuando toman seguido [...] el alcohólico se trastorna más, ¡deja! de tomar, pues se compone [...] nosotros lo hemos visto, cuando no toma llega en paz y se duerme. (E9)

Para alguns dos homens, o jurar os mantém num controle relativo de consumo, por isso fazem vários *juramentos* ao ano, dado que garante sob sua perspectiva, uma melhor qualidade de vida.

A ação de jurar do marido, ante um ser superior, para não consumir bebidas alcoólicas leva essas mulheres a procurar apoio em organizações não-governamentais (centros de reabilitação AA) ou grupos relacionados com a igreja, onde encontram informação em relação ao consumo de drogas e a algumas ações que podem realizar em conjunto, para tentar modificação no hábito de uso abusivo de álcool por parte de seu companheiro, daí que se constata a função dos dois apoios, o divino e o terreno.

Esa vez que fuim-os como a una plática en ese anexo, (dijeron) que es una enfermedad, que es difícil, que ellos tienen que poner mucho de su parte, y uno com-o persona que convive, también tiene que apoyarlo y todo eso, o sea, que es difícil, por eso le digo, a lo mejor y si ¿verdad? Pero luego le digo a él así cuando ¡ay, pero ya cada ocho días! ¡qué no te puedes aguantarte! Porque igual, ha jurado y se ha aguantado. (E6)

De hecho yo tuve hace tres años un tipo retiro, un encuentro, fui y habl-é con los organizadores y les dije que si no podían de ¡fav-or! hablar con él, pero se niega, dice que le han dicho señoras -¡deja eso por tu hija!-. Le digo, ve a un retiro, es bien bonito [...] en ese encuentro se habló... de todo, de drogas, del maltrato a las familias, de las violaciones, de los abortos, o sea, de todo. (E10)

Uma dessas mulheres, inclusive, considera que a religião pode ser uma estratégia para se afastar das drogas, pois teve a experiência com um menino vizinho consumidor de drogas, apoiado por uma pessoa de *outra religião* que lhe proporcionou alguns elementos para realizar práticas recreativas, segundo ela estas atividades podem afastar os meninos de quem os induz ao consumo de drogas.

...por ejemplo otro niño [...] se iba bien l-egos y todo (baja la voz en última palabra), un muchacho de aquí que era de otra religión lo vio que andaba así y le compro un balón y lo sacaba así como que se lo llevaba al centro [...] y como siento que lo hizo con la idea de que mejor se ponga a jugar con su balón en vez de que se ande juntando con los otros muchachos ahí-drog-ándose o cosas así, por-eso le digo que como que siento muy importante que e-s, eso de que hagan algo. (E6)

De tal sorte, *o jurar* é a única estratégia de interrupção do uso abusivo de álcool entre os homens dessa comunidade. É uma saída que eles adotam tendo como base um valor social sustentado numa prática religiosa que é respeitada, inclusive pelos próprios membros homens, já que *os amigos o animam*, e se respeita o período que marcam para não beber, pois constitui uma norma aceita socialmente e que deve ser cumprida em função do compromisso assumido.

No, no, es que hay veces que, hubo un año que fue según a jurar, que lo animaron sus amigos, y- no lo cumplió, y le digo, que chiste tiene que vayas a jurar, si yo de veras quiero no tomar y me propongo tantas veces lo hago, y así lo hace. (E12)

Neste sentido, é evidente a falta de apoio social institucionalizado para o atendimento de pessoas que têm problemas com sua forma de beber e explicitamente fazem referência aos centros de atendimento de AA, manifestando que podem ter alguma eficácia já que existem e seguem funcionando, o problema que manifestam é que há uma inadequada informação do que aí se faz. Justificam sua existência fazendo uma analogia com o que ocorre nas famílias *que seguem com bêbados e dependentes, porque, não todos os tempos se comportam mal*. Entretanto, quando saem das clínicas dos AA, algumas pessoas referem maus tratos, e mesmo não mencionando o comportamento dos companheiros quando internados, receber pancadas é uma forma inadmissível de tratamento.

Y yo digo, que si hay centros y siguen esos centros es que no a todos los trataron mal, posiblemente, porque si a 10 que internan a 10 los golpean, pos cuando salgan esos 10 van a publicar día y noche que no y que no entren y hasta se forma ahí, porque así son, es como en muchas familias, porque siguen las familias con borrachos, con drogadictos, porque no todo el tiempo se portan ¡mal!. Entonces a mí si me gustaría que hubiera un poquito más de información (voz baja), porque muchas veces uno este, por sus recursos o por la falta del mismo conocimiento, no sabe uno ni a donde ir a preguntar, obviamente yo lo quiero y no me gustaría que lo trataran mal, porque si lo tratan mal, a lugar de ayudarlo, les perjudican y entonces es lo malo que si a veces no se sabe uno ¿Qué es el manejo? ¿cómo lo maneja? la dinámica o lo que llevan, lo que significa (voz baja). Si me gustaría que hubiera un poco más de información respecto a eso. (E4)

A falta de recursos econômicos para pagar o tratamento, o desconhecimento frente às ações realizadas nos centros de recuperação “*não sabe o que fazer nem a quem perguntar*”, evidenciam mais uma vez, a omissão da saúde pública em relação a este problema.

Em outros casos, a vinculação social e objetiva tem como centro de referência os filhos, no sentido do normativamente esperado deles e as atitudes e comportamentos diversos que adotam ante o uso abusivo de álcool pelo pai,

problemas de agressividade na escola, ou em relação à adoção de papéis que não lhe correspondem, ou questionando a conduta de várias gerações de homens na família.

...pero mi hijo, el que le digo que tiene 15 años, hubo ocasiones que llegaron a decir en la escuela, de que mi hijo..... y-a ya casi.... ha hablado golpear al papá, porque mi marid-o golpeaba a mi hijo porque se metían a defenderme, que fue demasiado triste, ha sido demasiado fuerte la situación. (E1)

A veces m-hijo a parte de que tiene esa edad (5 años), ya tiene com-o una experiencia de un hombre más grande, luego me dice - ¿oye mamá, por qué mi papá toma, por qué mi abuelito toma, por qué mis tíos toman?- yo si le dije ..puede apagar su grabadora porque va una mala palabra (ríe). (E8)

Essa última entrevistada pediu para desligar o gravador, e em respeito à sua vontade, assim se fez. Cabe mencionar que a mesma somente se expressou em relação ao marido em termos pejorativos.

Como manifestação da **Ação dramática**, considerou-se os enunciados que expressavam suas intenções e expectativas, daí a exposição de enunciados sobre os mundos objetivo e subjetivo, como apresentado a seguir.

Em relação à **solicitação de apoio a ONGs** como no caso de AA, esse recurso é percebido como uma possibilidade para *solucionar o problema* já que é uma organização reconhecida socialmente, mas tem maior peso os comentários negativos que fazem sobre eles as mesmas pessoas que tiveram alguma vivência dentro do grupo, pois comentaram que nas reuniões *só se falavam puras porcarias*.

... a mi papá lo llevaron los tres meses cuando estaba tomado y todo, pero a él (marido) no, yo le dije y él estaba conciente y ya fue y ¡si se quedó!, per-o, como a los 20 días me dejaron verlo y empezó a decirme - ¡que no, que no le gustaba ahí, que no estaba bien, que la comid-a, que no se que! - o sea, un montón de pretextos (suspira), después fui con sus tíos, les dije que me ayudaran, lo que pasa es tienen que estar llevando despensas y aparte yo trabajo y gano poquito y no me alcanzaba porque cuando se interna también se pagan, ya fueron y el señor habló con él, le dijo que hay se tenía que estar, que era por su bien que ¡entendiera! Y no, el siguió –que sácame porque si no me voy a sal-ir, que no se que- y así no, y ya, le digo entonces, ¡salte! (E6)

Pues como dos o tres veces el fue a alcohólicos anónimos, pero no le gusto, [...] yo pienso que si, que deberíamos ver, de buscar la manera de cómo solucionar el problema pero ¡si el no quiere!” [...] oí un comentario con su hermano [...] porque él también fue, y le dijo que hablaban de puras cochinas, no sé que tipo de, de pláticas tengan”. (E2)

Novamente surge o problema da falta de recursos econômicos para sustentar o *tratamento* nos centros de recuperação do A.A, pois a despeito de não

terem fins lucrativos, é pedida uma contribuição para as despesas de manutenção dos internos. Refletindo, essa entrevistada considera que os centros não dão mau atendimento, mas concorda com a outra que falta informação que sirva de ajuda tanto à pessoa que bebe como à sua família, pois comenta que *noticias más têm asas* no sentido de que as pessoas internadas expressam que os tratam mal, mas expondo as razões desse tratamento. No entanto, ela dá ênfase à agressividade do companheiro, além de assinalar a possibilidade de que no momento em que ocorreram esses fatos, ele pudesse estar sob a influência de alguma substância aditiva.

Entonces si me gustaría que se tratara más a fondo, se da ayudas en esto, (cuando) la persona cuando él tiene ganas (de dejar de tomar), porque hay veces en que sí, +dicen ellos que hay días en que están hasta aquí y pareci-era que están muy decididos, pero precisamente con información porque ya sabe que las noticias malas, si cierto que tienen alas ¡que a fulano lo golpearon! ¡que a fulano lo castigaron! Pero el fulano ¡nunca dijo! ¡es que yo les mente la mamacita! me puse agresivo, o llevaba guardada mi marihuana y me puse bien loco o yo los golpie, esos no lo dicen, el dicen lo que le hicieron pero nunca dicen ¿por qué? (E4)

Enquanto outra das entrevistadas menciona que o problema está no fato de que quem bebe não reconhece ser *alcoólico*, e, apesar de dizer que tem o controle, ela afirma *que não é verdade* e manifesta em concordância com o saber científico *que não pode controlar-se se antes não reconhece* sua dependência.

...me han dicho mucho que hay personas que no aceptan ayuda porque no reconocen que son alcohólicos, que necesitan ayuda, que solos no van a poder, [...]mi hermano si ha-dicho, - ay, yo cuando quiera lo voy a dejar, yo el día que no quiera no tomo - y muchas personas igual, pero no es cierto, no pueden controlarse [...] y él no, él si lo ha dicho, - lo acepto de que soy alcohólico, soy drogadicto, soy esto y lo otro - le digo, ¡por lo menos lo reconoces!, porque antes decía - no, no, no, no -, le digo, acéptalo, acéptalo y no vas a poder salir (bajando la voz en la última frase). (E6)

Por um lado, pedem à pessoa que bebe que aceite que é um alcoólico, enquanto conceito tomado do contexto social, mas ao mesmo tempo manifestam *pena ao que vão dizer* isto é, por uma condição externa a ela o condiciona a um isolamento social e à exposição pública, porque para ela *não tem importância*, já que afinal, tem com seu companheiro *um médio jogo* de aceitação e colocar limites, que no fim impedem à mulher “fazer escândalo” evidenciando a condição de consumo abusivo de seu parceiro.

Tengo mucha pena al que dirán, soy de las personas que prefiero no hacer un problema grande, no soy de las que discuten en la calle, ni que gritan mucho porque todo mundo volte a vernos, entonces, realmente cuando m-e pasó aquello en la casa de mi suegra (la golpeó), no me (salí) porque dije, si se me pone así de bruncudo yo solita con él no voy a poder, entonces es medio juego, porque para que yo me contente con él no tiene caso haber hecho un escándalo de la nada. (E4)

Esse jogo e o sentimento de pena frente ao que vão dizer, são condições prévias que marcam nos filhos o que deve ser uma relação homem-mulher, bem como o padrão de interações que se estabelece entre pai e filhos, manifestando a falta de relação entre eles, com prejuízos, em alguns casos, da condição emocional dos filhos.

... mi hija si.. yo, yo, yo noto, porque luego por ejemplo tenemos un radio viejito ahí.... Y este... a veces ponen música que le gustaba a mi marido, y la veo, o sea, ahora ya casi no, pero a veces ponían un cassette y se tapaba la cabeza con una almohada y la veía llorar, le decía yo que tenía, me acuerdo, porque para eso, ella fue la primera..... y le mostró mucho amor. (E1)

El niño se da cuenta ya de todo, de todo. Me, voy a trabajar y por decir, el sábado, no fue el domingo que llegó tomado, me fui a trabajar y mi hijo se quedó con él. Lo que me preocupa (es) que el señor se queda sentado, se duerme y mi hijo tiene que lidiar mucho con él para que se meta a la casa, o sea, apenas escucha que la patrulla mi hijo no quiere, (voz poco perceptible) que se-lo-vayan a llevar y –vamos por mi papá y vamos por mi papá- Le digo, no hijo, yo le evito a mi hijo mucho eso, porque le digo, no quiero que al rato vaya a agarrar ese vicio [...] porque, e a apenas empiezan a agarrar la botellita y ya. (E8)

Les das malos ej-emplos, porque lo ven tom-ado, por que o sea, [...] por un lado de que uno esta sólo ... que crecen sin su papá y que por eso (toman), y si uno está con ellos, que porque lo ven tomado, que malos ejemplos, o sea, luego ya no sabe ni cual está bien. (E6)

...como mis cuñados también toman, [...] luego me dicen -le damos cerveza (al niño)- ¡no!, no le den si de por sí ven que ya tiene los genes, (esta)¡predispuesto! La van a agarrar y no la van a soltar, (es) de ves en cuando, pero lo malo es que así empiezan con su de vez en cuando. (E4)

Segundo se verifica, em todas as falas aparecem normas ou deveres sociais, vinculados com emoções e sentimentos, em torno da situação do álcool na comunidade e em seu próprio lar.

A **Ação comunicativa**, para Habermas, constitui o momento onde os atores expressam um entendimento voluntário e a forma de cooperar, isto é, o momento em que as mulheres expressam num enunciado aspectos relevantes dos três mundos e gerando tomaram uma posição, fazendo-se responsáveis dos seus atos, e inclusive, realizando algumas propostas para modificar a situação do álcool

na comunidade. Isso não significa que elas o fariam, senão que o propõem como uma alternativa que, mediante sua experiência, colocam à disposição de outras mulheres que igualmente vivem e convivem com o álcool.

Novamente o centro da atenção são os filhos e consideram uma vitória o fato de que permaneçam com ela, pois conseguem conservar seu carinho e esperam prosperar adiante, juntos, coisa que não ocorre com o marido já que ele *portou-se mal*.

Ahorita yo siento eso, y me lo ha dicho a mi marido, que, que yo lo veo con un orgullo, y sí, yo lo veo con un orgullo porque le digo que yo tengo el cariño de mis hijos, estoy con mis hijos,... él está solo sin que nadie le de una pizca de cariño, por qué?, porque lo mal que se ha portado.Entonces para mi es un orgullo decir, que estoy al lado de mis hijos, o sea ¡sí tenemos problema! [...] pero nos adoramos, y yo se que mis hijos van a salir adelante. (E1)

Es triste y más cuando son así, qu-e dicen tantas cosas y quieren peg-ar o que p-egan... porque los perjudicados son los hijos. (E3)

Tal mau comportamento pode referir-se a atos violentos do pai dentro da casa, inclusive ameaçando com armas perfurocortantes. Isso sob sua perspectiva, pode ser a referência para que filhos adotem o mesmo padrão de comportamento, com o qual ela não concorda.

Hay muchas personas que son violenta, el señor nomás es tomarse una cuba y ya con eso tiene para violentarse en su casa y llegan hasta el grado de amenazarlas con cuchillo (voz baja, última palabra), y eso tampoco. A mi no me gustaría pasar por esa situación, más que nada con mis hijos los chiquitos, los grandes más que nada ya entienden, (pero) ya tendrían esa idea de que si mi papi es así por que yo no. No estoy de acuerdo con las personas que son así. (E2)

Não percebem redes de apoio institucionais para os problemas que têm com seu companheiro, assim a seguinte entrevistada expõe em sua narrativa que o pessoal de saúde vai ajudá-las, mas suas orientações não são eficientes: os psicólogos trazem temas importantes, mas não fazem mais nada. Além disso, existe a dificuldade de pensar na separação, pois, em sua visão, é como uma fuga, e também não o faria por temor à reação de seu parceiro. Embora tenha informação de lugares onde recebem as mulheres com seus filhos, porém está consciente de que essa seria uma estadia curta.

Siempre dicen, se te va a ayudar con doctores, se te va ayudar, pero nunca especifican a que grado o cómo lo manejan, con psicólogos, sí, va uno a pláticas en familia, terapeutas, te manejan ciertos temas porque me imagino que tiene ciertos temas base, pero hasta ahí se queda, y también cuando uno ya se quiere

separar de la pareja, tampoco le dicen,, uno sabe que se las va a ver crueles, porque como le digo, el día que (me) quise separar es porque se puso agresivo, pero si yo me separo a donde voy a ir a dar, que me pudiera esconder de él en ese momento, porque uno siente miedo, temor, pero me va a deshacer (E4)

[...] y básicamente uno no busca la información, por pena, por temor, pero cuando van a dar la información la dan a grandes rasgos y no tan a profundidad (voz más baja) y dice uno, si voy porque si este hombre me trata mal, pues no lo van a permitir! ... he oído que hay centros donde pos va uno y se queda con sus hijos, y volvemos a lo mismo si yo no tengo trabajo de ¿que los voy a mantener después! Porque usted me puede tener dos, tres días ahí y después que voy hacer (voz baja), porque muchas veces uno no tiene casa, la casa es del marido, yo bendito dios la casa es de mi mamá pero ¡igual y se mete!

Há, ainda, o problema econômico, pois, não ter trabalho ou uma casa, limita possibilidade para separar-se do marido.

O temor pelas atitudes violentas do companheiro e a falta de apoio das redes sociais têm consequências no aspecto emocional da mulher como mostrado na seguinte narração, em que a agressão física é encoberta pela família do marido frente ao temor de que ele possa ser preso, embora ele mesmo pedisse para chamar o médico para atender sua mulher, que, de acordo com a narração, correu risco de vida.

Soy de coraje fuerte muy sensible, cuando el me regañ-aba, me grit-aba, hay veces que sí, que una vez sí me llegó a pegar, jalon-earme, entonces no me aguantaba el coraje y me desmayaba, o sea, me perdía completamente, de mi hija me llegaron a internar así inconciente. Esa vez hasta me dijeron ¿qué porque había sido el problema? mi suegra dijo -es que se puso m-ala- y el doctor dijo -si no la hubieran traído en unos minutos, le habría dado un paro cardiaco, un infarto-. [...] él si se espantó, bu-eno (bajando la voz), dice mi suegra que si se espantó, lo regañaron, hasta estaba llorando. yo nomás veía todo oscuro, oscuro, sinceramente así tardé como unas 3 horas perdida, ya cuando desperté ¡s-i! con bien arto sentimiento, yo si me puse a llorar, entonces dice mi suegra dijo -hasta se le cortó la borrachera- que él decía que me llevaran al doctor -llévenla al doctor- y que le decían, no, no te conviene porque orita te van a encerrar y que decía -no le hace, llévenme- este, o sea, si se esp-anta, pero le digo, nomás cuando hace las cosas. (E10)

Depois de uma situação violenta como a relatada por essa mulher, o marido lhe pediu perdão e atua de maneira mais moderada, mas não modificou seu hábito de beber.

As experiências de sua convivência diária com o parceiro, e num contexto social onde é permitido e *normal* os maus-tratos e o uso e abuso de álcool, algumas das mulheres entrevistadas consideraram ter reagido frente à situação e marcaram limites. Em sua reflexão, mencionam que já é tempo de não **se deixar**, pois têm a crença que, quando estabeleceram limites ao marido, esse modificou, então, externam seu desejo de que outras pessoas tenham essa mesma atitude.

Yo pasé por tanto maltrato, miedo y ya no quiero volver a pasarlo y yo digo que cada mujer debemos de reaccionar y enfrentar la situación, para no dejarnos, no dejarnos de las personas que son así, porque yo digo que ya no esta para dejarnos, antes a lo mejor yo estaba ciega o no se que me pasaba, pero ya en un momento dado yo reaccioné y dije hasta aquí, ya no tengo ni porque dejarme, y pos yo creo que eso también lo hizo reaccionar a él, pensar que si ve que ya no me dejo, pos ya, ya no maltratarme [...]Y eso es lo que también yo quisiera con las demás personas que no se dejen, hay muchas aquí, muchas. (E2)

Un día le dije, yo estoy hasta donde agu-ante, pero el día que ya no aguante tus loc-uras, me desafano para si-empre, no vas a saber ni donde, pero yo, me voy con todos mis hijos[...] se lo dije cuando él empezó a tomar mucho, yo le dije, si de aquí pá delante no te pones un alto sólo, yo estoy dispuesta a dejarte. Ojos que no ven, corazón que no siente, le dije, quieres andar dándote tus gustos en el vino, llenándote de alcohol hasta las manitas, te puedes llenar, por mi no hay problema, el daño te los estás haciendo tu, pero eso si te lo advierto, le digo, pero ¡yo! me voy a llevar a mis hijos y jamás los vuelves a ver, porque yo siempre había tenido eso en la cabeza de no dejar mis hijos, [...] pa que causen lástimas. Me voy a poner a trabajar, r-ento mi casa, les hago de comer a mis hijos, y ¡felices mis hijos! Y el que me quiera seguir que me siga [...] Y como le digo, solito se ha puesto un alto, le doy gracias a dios que él recapacitó, pues pienso que ¡vivir! con un borracho es como vivir... con una person-a, que está demente. (E9)

Pôr limites e de certa forma, utilizar os filhos como um meio de coação perante o marido é, outra estratégia que manifestou uma das mulheres para tentar modificar o comportamento do marido, pois em suas palavras *viver com um bêbado, é como viver com um demente*. De todas as mulheres entrevistadas, apenas três conseguiram atuar dessa maneira (duas jovens e uma idosa), e o fizeram depois de episódios de violência tão fortes que quase morreram.

Outra das mulheres mencionou que, ao contrário do esperado, ela se tornou mais agressiva visando que as coisas acontecem à sua maneira, ainda mais depois do nascimento de um filho *homem*. Como se esse fosse um dever cumprido, então, agora corresponde ao marido *agüentar e deixar de beber*. Novamente se apresenta a ação de utilizar os filhos como um meio de coação para o marido, pois se não modificar seu comportamento, ela ameaça ir embora com seus filhos, e até sair do Estado.

... como le digo va cambiando uno y va viendo muchas veces la gente se va volviendo más comprensiva y yo no, yo he visto que me he vuelto más agresiva, ah (risas) en el sentido de que las cosas tienen que ser así, y es que yo se lo dije, ¡nació un hijo! a ti te andaba porque fuera varón pues ¡ora te me aguantas, pues como es varón! Yo no quiero que tenga mal ejemplo y si lo va a tener aquí en la casa, pues como le digo que no lo haga. Entonces, es ¡ahora! cuando tienes que bajarle y que dejarlo... y le puse un tiempo límite (y) ya le quedan como 6 meses (risas) Mucho mundo decía -¡no ya no lo dejas! y si lo dejo, se que no es fácil, pero ya le dije que si en un momento dado me tengo que largar hasta del estado, me largo del estado, porque es por mis hijos, porque no quiero que vivan en esto (voz baja), si van a ver el efecto, pero si no lo ven tan cerquita. (E4)

Assim, algumas delas manifestaram de maneira explícita as mudanças que experimentaram durante o tempo de conviver com seu companheiro, negando-se a abandonar a casa, pois ela, *sua mulher*, tem um *status* a preservar. Outra das mulheres manifestou que antes não aceitava falar do problema de seu marido por pena ou vergonha e medo do que iriam dizer, mas, com o tempo, e, sobretudo aos filhos, explica o problema que o seu marido tem com o álcool. Segundo ela, isso deu origem a questionamentos de pessoas da comunidade, pois está trasgredindo a norma social de manter *a imagem do pai*.

Después de que caí en el hospital mi hija no quería que viniera para acá, me dijo -vamos a rentar una casa, vamos a salirnos de ahí- y le digo no, yo no tengo por que salirme, él no tiene porque echarme fuera. ¡soy su mujer! no soy su amiga, ¡soy su mujer! y de aquí pá delante me va a respetar o a ver como le vamos a hacer, me va a respetar. Ya de ahí cambió todo, me pidió perdón, me dijo que estaba l-oco y no sabía lo que hac-ia, y pus mire, estamos bien, y ahora vivimos muy bien, estamos más tranquilos. (E9)

Fijese orita ya es menos (pero), a mí me cuesta mucho hablar de él, como que siempre sentía ¡a-y! no me gustaba que me estuvieran pregunt-ando, ya después poco a poco se me fue quitando[...] me decían, hay a poco a tus niños les dices... no es que ¡yo! les diga, si ellos lo están viendo yo no les puedo decir, ¡no hijo tu papá no toma, no hijo su papa no se droga (esta última palabra casi imperceptible), no tu papá no se qué, porque yo siento que quedo p-eor con los niños que van a decir, - mi mamá es bien mentirosa, si yo lo estoy viendo -, o sea, ¡no puedo taparle! lo que ellos están viendo. (E6)

Finalmente, uma dessas mulheres expôs a razão de não tomar bebidas alcoólicas apesar de conviver num ambiente permissivo para o álcool e ter vivido uma série de experiências de agressão e privações. Sua explicação centra-se na força de vontade que a pessoa tem para dizer não ante as pressões do meio, bem como ter a percepção de que o “*álcool é uma doença*” e ela acredita que o próprio indivíduo procura essa doença.

Pues pienso que todo esta en uno, porque a mi me ha pasado, que tiene que yo esté entre la bola de los que están tomando, ¡nomás no quiero! y nadie me va a dar a fuerzas la botella en la boc-a, pero sí, ora sí que yo pongo algo de mi parte y quiero, pos también voy a tomar. O si estoy en una bolita de que se estén drog-ando y si me van a dar su estopa a oler y si yo, yo no quiero, no va a ser a fuerza, [...] por eso hay veces que digo yo, el alcohol muchas veces dicen que es una enfermed-ad, ¡no es una enfermedad!, el alcohol es uno mismo que lo está apeteciendo, ya se va pasando uno más y más y es como uno se está haciendo alcohólico, es como uno solito busca su enfermedad. (E9)

Tendo como base os relatos das mulheres, e seguindo a proposta de análise em torno do mundo da vida, elaborou-se um esquema, integrando as interações dos mundos mais fortemente vinculadas (**Figura 8**).

Figura 8 - Interações no mundo da vida, em relação ao tema do álcool e situações relevantes, entre mulheres numa comunidade suburbana da cidade de Querétaro, 2006-2007.

Sem esquecer que, de acordo com Habermas, a situação se desloca através de um horizonte, onde as experiências vividas pelos atores, bem como o momento histórico e o cenário onde se localizam, podem mostrar maior relevância para alguns aspectos particulares, nesse caso, aqueles relacionados com o tema do álcool.

As interações relevantes no momento em que se fez o estudo *criar os filhos*, e *não se deixar*, foram expressões que sintetizam o mundo da vida destas mulheres, enquanto se observa a aproximação às instituições de saúde não governamentais em busca de apoio seja do tipo AA ou relacionados com a igreja, desde que *jurar* é uma ação externa a ela, mas para a qual é necessário procurar tanto a ajuda terrena como a divina.

O que estas mulheres percebem é uma falta de apoio institucional, chamem-se serviços de saúde, educativos ou judiciários, para enfrentar de maneira articulada a situação do uso de álcool tanto em nível familiar como comunitário.

8.2 Normalização e fatalismo na convivência com o álcool: viver, sentir e não atuar.

No *Modelo de Comunicação Lingüística* de J. Habermas (2001), as orações gramaticalmente corretas estão inseridas através das pretensões de validade em três âmbitos da realidade, de tal sorte que adotam as correspondentes funções pragmáticas de exposição do estado de coisas (mundo objetivo), de estabelecimento de relações interpessoais (mundo social) e de auto-apresentação (mundo subjetivo), em que a linguagem inteligível se constitui meio para a *coordenação da ação e a socialização dos indivíduos*.

No mundo social, a *retitude* é a pretensão de validade subjacente ao conceito de *normatividade*. Essas normas são mais ou menos legítimas na medida em que são aceitas pelos integrantes de um grupo social. O conceito de *ação regulada por normas* não se refere ao comportamento de um ator, em princípio solitário, que se encontre em seu meio com outros atores, senão a membros de um grupo social que orientam sua ação por valores comuns. O ator particular segue uma norma (ou a transgride) caso existam as condições as quais a norma se aplica, portanto, as normas expressam um acordo vigente para um grupo social, então, a observação de uma norma significa o cumprimento de uma expectativa generalizada de comportamento, daí que o modelo normativo de ação é subjacente à teoria de papel social (HABERMAS, 2001).

De acordo com essa proposta, ao analisar o âmbito social que se denominou **Conviver com o álcool**, identifico-se seis componentes comuns nos enunciados expressos pelas participantes do estudo, o que permitiu identificar algumas normas de comportamento esperadas e aceitas pelos integrantes do grupo social ao qual elas pertencem.

Esses seis componentes possibilitaram a aproximação no tocante ao consumo de álcool, a partir da visão dessas mulheres que convivem dia-a-dia com tal situação. A cotidianidade do fenômeno converte-o num comportamento não desejado, mas esperado, especialmente entre os homens dessa comunidade, o qual recentemente se incorporou pessoas jovens do sexo feminino. Essa visão do habitual do consumo se contrapõe à dos serviços de saúde, e a população espera ser atendida, pelos efeitos próprios do uso, bem como pelas conseqüências

relacionadas ao mesmo. Embora, na realidade, isso seja mais um discurso institucional do que prática de ações concretas.

Segundo a fala das entrevistadas, na comunidade existe uma grande **disponibilidade** de bebidas alcoólicas, tanto para pessoas que já apresentaram consumo crônico como para os jovens que o iniciam. O fato de o consumo de bebidas alcoólicas ser *forte* na comunidade condicionou sua oferta também em lugares sem permissão para sua comercialização, daí considerar-se essa prática como *clandestina*, pois mencionaram que lojas e domicílios particulares são utilizados como lugares de consumo, independentemente da hora e pessoa que queira compra.

O sentido que dão ao conceito clandestino, é o de transgressão da lei, pois têm consciência de ser uma ação errada devido a uma série de normas relacionadas com a venda de bebidas alcoólicas, em relação às características dos lugares e horários, mas, sobretudo, da proibição do consumo na via pública e venda aos menores de idade.

Em relação ao seguimento de uma norma por parte de um grupo de atores Habermas (2002; p. 57-58) menciona que

la norma de acción, se refiere a la regulación colectiva del arbitrio de los participantes en la interacción, los cuales coordinan sus acciones a través de imperativos sancionados y de la satisfacción recíproca de intereses, [...] tiene un carácter de obligatoriedad.

As normas em relação ao consumo de álcool geradas no mundo sistêmico e que deveriam reger sua disponibilidade e uso, no entanto, não são seguidas. Através dos enunciados das mulheres, observa-se a não aceitação dessas condutas, isto é, evidenciam a transgressão de uma norma e ao mesmo tempo, exteriorizam desânimo por não poderem fazer nada ante a tolerância que existe com respeito ao consumo de álcool.

O fato de que sejam permitidas, pelos membros da comunidade, transgressões das normas referentes ao tema do álcool remete ao conceito de **permissividade** evidenciando um contexto favorável para o uso e abuso de álcool, onde membros da comunidade e família se acostumam e aceitam a forma de ser das pessoas que bebem, inclusive manifestaram que é possível permitir que bebam desde que não sejam agressivos. De alguma forma, esse desânimo e impotência

que as mulheres expressaram ante a disponibilidade e tolerância do consumo de álcool vai transformando-se a partir das interações sociais numa situação *normal*, modificando a percepção que têm da realidade e, portanto, sua forma de atuar.

Habermas (2005; p.389-390) refere que

las oraciones de intención sólo reciben un papel ilocucionario cuando se transforman en *declaraciones de intención* [...] al quedar vinculadas a pretensiones de validez susceptibles de crítica y mediante la base de validez de una comunicación lingüística tiende de por sí al entendimiento, la capacidad de mover al oyente a la aceptación de la oferta que un acto de habla entraña, pudiendo con ello resultar eficaces como mecanismo de coordinación de las acciones.

Nesse sentido, as mulheres terem interiorizado a normalidade do fenômeno, de alguma forma, indica que nos diferentes processos de comunicação estabelecidos com pessoas de sua comunidade a constante é falar em termos de *todo mundo faz*, daí que não se problematize a situação e não se realizem ações que tendam a modificá-la, ao contrário, tratam de coordenar ações que lhes facilitem a convivência com o álcool em sua comunidade.

Um elemento identificado a partir dos dados foi o de *Tradições e mudanças no consumo de álcool*, em que se combinam comportamentos já existentes com novos. Elas consideram o uso de álcool como um hábito entre os homens, apreendido de pais a filhos, que condiciona um padrão de comportamento reconhecido e esperado pelos membros do grupo. No entanto, expressam mudanças ao mencionar que instituições como a família, a escola ou o poder judicial estão perdendo sua função de controle social, pois, sob sua perspectiva, relaxaram-se as normas, o que levou a um início cada vez mais precoce no consumo de substâncias aditivas, bem como o aumento de mulheres que bebem, como fenômeno que antes não se apresentava e que ainda hoje não é aceito.

Com base nisso, o modo de controle junto a uma tradição cultural está mudando, e os indivíduos estão se adaptando a um novo sistema de normas próprias para esse grupo social, afirmação que pode ser explicada pelo seguinte texto de Habermas (2002; pag. 61):

Sólo cuando el poder de la tradición ha quedado quebrado hasta el punto de que la legitimidad de los órdenes vigentes puede ser considerada a la luz de alternativas hipotéticas pueden preguntarse los miembros de un grupo, que como grupo, dependen de la cooperación, es decir, del esfuerzo común para la consecución de fines colectivos, si las normas en cuestión regulan

de tal modo el arbitrio de los afectados, que cada uno de ellos puede ver salvaguardado su interés.

De acordo com algumas entrevistadas, essa perda de controle, especialmente no âmbito familiar, no qual ainda é possível *dominar os filhos* para que não consumam substâncias psicoativas, mais a falta de informação sobre o álcool e suas conseqüências, indica a necessidade de elaborar alternativas de ação conjuntas entre os serviços de saúde e a comunidade, estabelecendo como um fim coletivo a diminuição do consumo de álcool e vinculá-lo a prevenção de consumo de drogas, que, para elas, nesse momento, é um problema.

Aqui é pertinente fazer uma consideração sobre o fato de que as mulheres entrevistadas mencionam o uso de álcool e drogas como se o primeiro não fosse também uma substância de adição, cabendo refletir se o fenômeno da banalização do consumo do álcool não está relacionado e condicionado pelo processo comunicativo que se dá através dos meios de comunicação, em que ele não está inserido no contexto das drogas psicoativas.

Outra consideração que se depreende é a transferência do tema sobre o consumo de álcool do marido ao consumo de álcool e drogas dos filhos, isto é, quando a problemática se relaciona com os filhos, esse adquire um especial interesse para as mulheres e possibilita a predisposição para atuar, portanto, nesse momento pode-se constituir o que Habermas (202; p.60) coloca:

A diferencia de los imperativos socialmente generalizados, las instituciones poseen una validez que proviene del reconocimiento intersubjetivo, [...] entonces el control social depende del grado en que los individuos de una sociedad son capaces de asumir la actitud de los demás que se encuentran implicados con ellos en empresas comunes.

Daí que quando a atitude da mulher modifique não de maneira isolada, mas enquanto grupo social, será possível que elas tomem uma posição específica em relação a ações que são as mais adequadas para enfrentar o fenômeno do consumo abusivo de álcool.

Por outro lado, face à perda de controle dos pais e das instituições educativas em temas relacionados com o alcoolismo, é importante ressaltar o conceito *Pressão de pares*, que surgiu a partir dos textos analisados, e desde a interpretação que se realizou, entende-se como a interação que se estabelece entre

um grupo de indivíduos e no qual são gerados uma série de normas de comportamento, (entre jovens, amigos do marido e das mesmas mulheres), que nesse contexto, incentivam o consumo de álcool e outras substâncias aditivas como sinônimo de ser homem, demonstração de força e independência da figura feminina, entre outras.

De igual forma, a imitação de comportamentos na adolescência especialmente entre jovens, leva-os a experimentar substâncias aditivas que, segundo os depoimentos das entrevistadas, agora já não é só álcool, mas cada vez mais estão iniciando com um padrão de uso combinado, como parte das normas vigentes entre os grupos de jovens, pode-se estabelecer que, de acordo com Habermas (2002; p. 59) “los individuos aprenden un patrón de comportamiento interiorizando las sanciones que aguardan a la violación de un imperativo generalizado y con ello internalizando el poder con que el grupo social respalda ese imperativo”

Daí que é importante considerar, sob a perspectiva a saúde, que as condutas de risco que esses jovens assumem são indicativas de incremento do ônus na demanda dos serviços de saúde, bem como a possibilidade de doenças crônicas e mortes relacionadas a esse uso.

A **agressividade** aparece como um aspecto das relações interpessoais que para muitas das mulheres, é normal embora não aceita, é procuram afastar-se de situações violentas, ainda que com pouco sucesso, já que freqüentemente se encontram presentes em suas relações com o companheiro, familiares e em seu contexto social.

Na maioria das entrevistas apareceu a agressão física especialmente do homem para com a mulher, como um comportamento cotidiano, inclusive com parâmetros de comparação entre elas, afirmando haver mulheres em piores situações, justificando o consumo de álcool quando o parceiro não demonstrava muita agressividade. A explicação dessa normalização da agressão poderia derivar do seguinte texto de Habermas (2002; p.59)

En el proceso de socialización, el patrón generalizado de comportamiento cobra para el individuo la autoridad de un “debes” (y no sólo como imperativo), y con ello, el tipo de validez normativa en virtud del cual tienen las normas fuerza vinculante.

Isto é, o processo de socialização que se estabelece a partir da aprendizagem de um padrão de comportamento, validado pelas normas vigentes, e que se amoldou conforme o contexto e tempo específico permitiram reconhecer os principais personagens que servem como referência e apoio para a mulher do usuário dependente de álcool, ou seja, as **redes sociais** presentes em seu contexto.

Nesse sentido, foi constante na fala das entrevistadas o afastamento de sua família de origem, numa tentativa de protegê-la ou evitar fazê-la participante de seus problemas, levando-as a viverem praticamente em isolamento e atuarem em função das necessidades do marido.

Em conformidade com o expressado por Habermas, em relação ao papel que cada integrante de uma comunidade assume, essas mulheres estabeleceram uma rede de interação, reguladas por norma, podendo conduzi-las a atuar com temor e submissão, pois suas narrações refletem majoritariamente o domínio autoritário do companheiro, o que se traduz na obrigação de servir *a seu senhor*.

Além de viver uma relação de casal baseada na submissão e acatamento das normas estabelecidas socialmente, encontra-se frente a uma figura de referência em grupos sociais como o estudado, *a sogra*. Ao que parece, dentro dessa comunidade, a mulher, ao unir-se ao marido, também fica sob a tutela da família deste, é a sogra a *dona da casa* e tem poder de decisão sobre sua família e na família dos filhos que moram com ela.

Portanto, as mulheres entrevistadas se integram como um membro a mais de uma família extensa, onde existe um sistema hierárquico de tomada de decisões e no qual ela não é proprietária do espaço físico nem emocional do que deveria ser o seu lar. Obviamente, frente a essa ordem das coisas, a mulher tem que esperar chegar o seu tempo de ser *a sogra* e ter o comando da casa, ou o momento de sair da casa paterna do esposo para estabelecer seu próprio espaço, ainda que isso não signifique necessariamente desprender-se por completo dessa influência.

Daí que o posicionamento preponderante da sogra dentro da esfera doméstica é um padrão aceito pelos membros da comunidade, sendo que as ações e comportamentos esperados das mulheres entrevistadas têm forte referência na figura e papel social da sogra, pois de acordo com Habermas (2002; p.41)

se puede establecer que el rol social va a ser determinante en el tipo de acción que lleven a cabo los individuos en una situación particular, con base a las normas legítimamente reguladas, a partir de la cual los miembros de una comunidad desarrollan una identidad social que sentará las bases para la conformación de su mundo subjetivo.

Do exposto, depreende-se que a identidade social assumida por essas mulheres é mais a *nora de*, do que *esposa de*, pois, em algumas ocasiões manifestam depender praticamente da sogra, que as apoiavam com comida e moradia nos momentos em que o marido ou ela não tinham trabalho, ou quando ele utilizava o dinheiro para beber.

É uma situação ambígua a que vive a mulher frente à sogra, pois essa é um apoio, mas, ao mesmo tempo, pode ser uma interferência em sua relação com o marido e os filhos, ao manter e privilegiar comportamentos de controle masculino tais como o isolamento da família de origem e de amigos, controle de suas atividades e tempos, ciúmes, entre outros.

Essa hierarquia implícita na qual o marido é o *homem da casa*, mas a *sogra é quem toma as decisões ou sugere ações e comportamentos desejáveis*, tanto da nora como dos netos, leva a considerar que a mulher apreende ou adota a atitude da sogra e provavelmente a reproduz no momento em que ela assume tal papel, sendo que Habermas (2002; p.53) menciona

La complementariedad de acciones tienen como consecuencia la satisfacción mutua de intereses, cuando se producen por vía del cumplimiento de expectativas recíprocas de comportamiento donde un A puede aprender adoptando la actitud del otro y se cumplen las expectativas de ambos; el concepto de *patrón o pauta de comportamiento* que liga condicionalmente las expectativas de comportamiento de A y B, son complementarias la una de la otra.

Isso se constitui num padrão ou pauta de comportamento que favorece a reprodução de situações e ações as quais tendem a manter uma ordem hierárquica na comunidade, e que se reflete no interior do lar.

A mesma normalização do fenômeno incorpora-se ao **Mundo Subjetivo** dessas mulheres, ao qual pertence a totalidade das vivências às quais cada ator tem um acesso privilegiado, isto é, faz alusão à forma como interioriza e se apropria dos fenômenos. Nesse sentido, o ator, ao falar, pode manifestar-se verazmente e deixar traspasar um pouco de sua subjetividade, para ser visto e aceito de uma determinada forma (HABERMAS, 2005).

A partir das expressões das mulheres entrevistadas, o âmbito subjetivo foi denominado **Viver o álcool**, cada uma falou sobre seus sentimentos, temores e expectativas, de acordo com a maneira como interiorizaram o fenômeno, isto é, a forma como assimilam as convicções e os sentimentos de dever à estrutura das

vivências emocionais. Nesse âmbito identificaram-se cinco componentes expressados em termos de sentimentos, expectativas e desejos em torno do tema do consumo de álcool em relação a seu marido, filhos, outros atores na comunidade, com ela mesma, bem como com o que significaria para elas o viver sem álcool.

Em relação ao **consumo de outras pessoas na comunidade**, um dos sentimentos expressados foi a **compaixão**, pois, segundo sua visão, quando as pessoas estão embriagadas têm atitudes que as denigrem, especialmente a mulher, pois se expõe a risco tanto pelo consumo de drogas, como frente à possibilidade de ser alvo de agressões físicas ou sexuais.

O **medo** foi outro sentimento que se mostrou como resultado de situações de violência vividas previamente tanto na comunidade como em sua família. Isso trazia más recordações, especialmente do pai quando bebia e era agressivo, daí manifestarem inquietude de que outras mulheres estejam passando pela mesma situação que elas.

Além da expressão de sentimentos como *revolta*, *mal-estar* e *temor* também encontro-se pessoas que, possivelmente, como mecanismo de evasão, consideram que em sua vida não existem problemas, ainda que lembrando a disponibilidade e permissividade para o consumo de álcool, mostram desânimo porque segundo suas próprias palavras *é demasiado forte* o uso e abuso de álcool na comunidade, e consideram muito difícil realizar ações no intuito de modificar esse hábito entre os homens, bem como para evitar que os jovens o adquiram.

Daí que seu *sentir* seja não poder fazer nada ante o consumo de álcool, já que todas elas tiveram o antecedente de ter vivido situações violentas relacionadas ao uso de álcool, o que gerou temor nelas, pelo que se pode inferir que apesar de reconhecerem as conseqüências desse uso abusivo, é o cotidiano de sua vida, o que remete à seguinte citação de Habermas (2002, p.99) “De las expresiones veraces de un hablante podemos inferir los actos de habla no-expresivos que el hablante ejecutaría en las circunstancias apropiadas [...] pero los hablantes no están forzados a decir lo que piensan”

Ou seja, elas são capazes de identificar e comunicar a forma em que vivem o álcool, mas não necessariamente significa que digam o que pensam, pois são mais fortes os condicionantes sociais que lhes impedem problematizar o tema e atuarem para modificar valores e crenças que têm introjetado como o *dever ser*, em relação ao comportamento do marido e o seu próprio.

Ao expressarem seus **sentimentos sobre a forma de beber do seu marido**, esses são contraditórios. Num processo de reflexão de si mesma, assumem o desejo de separar-se, mas tem maior peso a relação de compromisso decorrente dos anos de convivência e, de certa forma, da co-dependência estabelecida com o marido alcoólico, derivadas das obrigações sociais e culturais que o papel de esposa lhe confere e que está devidamente legitimado

Ainda que reconheçam a existência de problemas em sua relação conjugal como resultado do consumo de álcool pelo marido, declaram que o temor as impede de realizar ações para modificar sua realidade. Seu desejo é que seu companheiro deixe de beber, mas não atuam em consequência, pois é **o normal** na comunidade, portanto, essa banalização do fenômeno expressa-se em enunciados como *já me impus, se me faz normal, não me preocupa*. Esse processo auto-reflexivo é explicado por Habermas (2002; p.109) da seguinte forma:

El “sí mismo” (*self*) con que se relaciona le resulta familiar por la práctica comunicativa cotidiana: se trata a él mismo en el papel comunicativo de primera persona, tal como una actitud objetivante afirma la existencia de estados de cosas, o tal como la actitud de conformidad con las normas entabla una relación interpersonal que considera legítima, o tal como una actitud expresiva hace accesible a los demás una vivencia subjetiva suya.

Obviamente, se não estão assumindo uma atitude crítica ante essa situação particular, era de se esperar que os **sentimentos sobre si mesma** mostrassem uma mulher invisível, no sentido de que só se coloca em função das vivências e expectativas vinculadas ao marido e a sua forma de beber. Quando falam de si mesmas expressam frustração, temor, desalento e ira, como a forma de reagir em sua relação conjugal cotidiana, ao assumir que ele *sabe o que vai acontecer*, e ela o aceita com uma convicção inquestionável, adotando uma postura fatalista, apoiada na seguinte afirmação de Habermas (2002; p.176) em relação a uma situação particular:

Desde la perspectiva centrada en la situación, el mundo de la vida aparece como un depósito de autoevidencia o de convicciones incuestionadas, de las que los participantes en la comunicación hacen uso en los procesos cooperativos de interpretación.

Nesses processos cooperativos de interpretação, está subjacente a socialização como base para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo e, portanto, dos processos culturais por elas interiorizados que as levam a viver o

álcool de forma individual e particular, mas, ao mesmo tempo, dentro de um padrão determinado pelos deveres e obrigações impostos socialmente e assumidos por elas.

Quando algumas das participantes conseguiram falar de si mesmas, os sentimentos comuns que as descrevem são tristeza, nostalgia, desânimo e baixa auto-estima, o que pode se traduzir na incapacidade que manifestam para atuar, mas também pode interpretar-se como uma falta de reconhecimento do alcoolismo como um problema, já que, segundo expressam, a tolerância ao álcool e suas conseqüências são naturais para elas, por tê-las vivido praticamente durante toda sua vida, com membros de sua família de origem, com a família do marido ou em seu contexto comunitário, portanto, têm vivências prévias das quais aprenderam a aceitar a situação e a não questionar.

Esses estados de ânimo podem levá-las a comportamentos agressivos contra os filhos, daí que, num dado momento, a violência que elas experimentam a partir do meio e por parte do marido podem reproduzi-la em seus filhos, gerando em si sentimentos de culpa, aos quais se juntam os demais estados anímicos negativos, que compõem sua subjetividade. Conforme Habermas (2002; p.176) menciona

“Desde la perspectiva centrada en la situación, el mundo de la vida aparece como un depósito de autoevidencias o de convicciones incuestionadas, de la que los participantes en la comunicación hacen uso en los procesos cooperativos de interpretación. Pero sólo cuando se tornan relevantes para una situación, puede este o aquel elemento, pueden determinadas autoevidencias ser movilizadas en forma de un saber sobre el que existe consenso y que a la vez es susceptible de problematización”.

Assim, o beber abusivo do companheiro e dos membros de sua comunidade será relevante para o mundo de vida da mulher somente quando o problematize e procure alternativas em torno do tema álcool, isto é, só na medida em que consiga questionar seu comportamento face à situação do álcool e ante quem o consome, podendo tomar decisões assertivas.

Pelo mencionado anteriormente, o desenvolvimento da personalidade das mulheres resulta de uma série de padrões e normas de comportamentos socialmente construídos e que, num dado momento, não lhes permite visualizar o tema do álcool como algo susceptível de modificação, mas, ao mesmo tempo, asditas normas atribuídas à mulher atuam, aparentemente, como mecanismo de proteção para ela não adquirir o hábito do consumo de álcool, apesar de ser parte

de um contexto permissivo. Isto é, apesar de expressar seu temor de começar a beber em momentos de tensão, o papel de mãe e a conotação de ser um exemplo para os filhos fazem com que resistam. Nesse sentido, Habermas (2002; p.203) menciona que “en el ámbito de la cultura, las perturbaciones en el proceso de reproducción se manifiestan con pérdida de sentido, en el ámbito de la sociedad como anomia y en el ámbito de la persona como enfermedad anímica (psicopatología).”

Pode-se dizer que, se culturalmente o consumo de álcool é visto como algo normal e há perda de controle social e familiar com respeito ao seu uso, então esses fatores constituem uma carga emocional, da qual podem derivar doenças tanto físicas como mentais.

Manter uma relação conjugal como sinônimo de pertença e reconhecimento do ser *uma senhora*, somado ao argumento do bem-estar dos filhos, pode muito bem ter subjacente o sentimento de ser incapaz de atuar por si mesma, tornando-se evidente a co-dependência desenvolvida em relação marido.

Nesse sentido, depressão, problemas de personalidade, ansiedade e baixa auto-estima são alguns dos conceitos expressados pelas mulheres e que desde a perspectiva da saúde mental implicam em danos à saúde. As mulheres reconhecem esses conceitos e, em certas ocasiões, utilizam para descrevê-los terminologia médica. Mas são poucas as ocasiões em que os assumem como problemas de saúde, pois é algo pessoal não compartilhado com outros na comunidade.

Daí que é muito difícil utilizarem os serviços de saúde, mais ainda quando esse tipo de patologias mentais não são reconhecidas ou falta sensibilização para serem tratadas pelos profissionais de saúde. Ao mesmo tempo, pelas características estruturais dos serviços, não há condições para que sejam atendidas as problemáticas relacionadas à saúde mental.

Obviamente, se as mulheres afirmaram que seu comportamento é um exemplo para os filhos, em seus **sentimentos e expectativas** em torno deles, sobressai o temor de que repitam o padrão de comportamento do pai, além de sentirem impotência frente ao meio social tolerante ao consumo de álcool. No entanto, frente a esses sentimentos negativos, impõe-se o argumento de que viver com o companheiro lhes confere respeito tanto a ela como aos filhos.

Nesse sentido, as mulheres entrevistadas, numa relação reflexiva consigo mesmas e tomando suas expressões como irradiação de sua possível forma de atuar, estariam validando normas sociais, isto é, sobrepõem seu papel de mãe ao de esposa e mulher, o qual pode ser sustentado na citação seguinte de Habermas (2002; p.111)

La relación reflexiva consigo mismo, funda la capacidad que tiene el actor de responder de sus actos (Zurechnungsfähigkeit). El actor responsable de sus actos, se comporta críticamente frente a sí mismo, no solamente en sus acciones directamente moralizables, sino también en sus manifestaciones cognitivas y expresivas [...] pues también éstas caen dentro del espectro de validez de la acción orientada al entendimiento.

Depois do relatado pelas mulheres que vivem o álcool como experiência própria e individual, mas que enfim mostram situações e sentimentos que compartilha com as outras, percebe-se que a subjetividade está precedida por um processo de socialização, a partir do qual se estabelece o que é comum ou normal para um grupo específico.

Desse modo, no momento de questionar como seria **sua vida sem o álcool**, praticamente todas se remeteram a um ideal: *a felicidade*, entendida como viver sem agressões, em unidade familiar e sem problemas econômicos ou de saúde ocasionados pelo alcoolismo de seu parceiro. Para explicar a expressão **feliz** como um desejo possível, ainda que difícil de atingir, dada a co-dependência do marido, num marco de exigências e obrigações culturais e morais impostas e aceitas em seu contexto, Habermas (2002; p.159) menciona que:

[...] la tradición filosófica trata bajo esta rúbrica de “bien” esta relación, difícil de analizar, entre felicidad y justicia. Las formas de vida cristalizan, lo mismo que las vidas individuales, en torno a identidades particulares. Para que la vida pueda ser una vida lograda, tales identidades no pueden contradecir exigencias morales.

Com base na citação anterior, infere-se que, para conseguir *ser feliz*, as mulheres do estudo têm que transgredir as exigências morais vigentes em sua comunidade, ademais, isso implica em assumir novas normas e regras, redefinir seus valores e superar o sentimento de incapacidade para poder enfrentar as situações de sua vida, o que significa fazerem-se responsáveis pelos seus atos, isto é, estabelecer novas normas de relação com o companheiro ou, em última instância, separar-se deles.

8.3 Ser apoio, a base da família apesar do dano e da dor

O incessante processo de definições e redefinições de um tema implica numa atribuição de conteúdos aos diferentes mundos. O tema e o plano de ação delimitam uma situação no mundo da vida daqueles diretamente implicados (Habermas, 2002). Assim, o uso abusivo de álcool pelos companheiros, sendo selecionado com tema pelas mulheres, o mesmo vai se deslocar para aquilo que o autor denominou de horizonte da situação.

No mundo objetivo, os participantes do processo de comunicação referem-se a objetos identificáveis, ou seja, as coisas e eventos presentes no mundo concreto, isto é, no mundo físico, tendo como fundo o critério de veracidade (HABERMAS, 2005).

Na análise do mundo objetivo identificou-se quatro componentes que descrevem, na visão dessas mulheres, como é viver com um alcoolista, incluindo os antecedentes de uso e abuso de álcool, a relação trabalho e álcool, a violência intra-familiar e as conseqüências do consumo abusivo, componentes que mostram o concreto de sua vida cotidiana

Nesse sentido, o consumo abusivo de álcool na comunidade se vê objetivado quando esse hábito social se manifesta no marido. Então constitui-se num fragmento relevante do mundo da vida, já que não somente afeta a pessoa que bebe, mas que tem desdobramentos para eles, seus filhos, isto é, dentro do lar reproduzem-se os padrões de comportamento verificados na comunidade.

Um fato é que os companheiros dessas mulheres têm um ***início de consumo*** precoce de álcool na adolescência, isto é, entre 11 e 14 anos, tendendo a aumentar após o início da relação conjugal. Assim, desde o momento da união ela aprendem a viver com tal situação e a identificar o padrão de consumo deles, já que manifesta *saber* quando beber e dão indícios empíricos de reconhecimento de manifestações e de conseqüências físicas e psíquicas do uso com frases como *morre algo no cérebro deles* ou *parecem como louquinhos*. Tais experiências são utilizadas como exemplos para seus filhos, numa tentativa de que eles não usem substâncias aditivas.

Pelo colocado anteriormente, pode-se dizer que, no exposto pelas mulheres, evidencia-se o deslocamento da situação, pois suas narrativas mostram como viveram o alcoolismo do marido, ao mesmo tempo em que aparecem explícitas algumas estratégias utilizadas para atenuar o impacto de acontecimentos marcantes da sua trajetória de vida, mas, sobretudo, como transferem o consumo de álcool do marido aos filhos como uma possibilidade de consumo em potencial ao mesmo real.

Também essa convivência permite-lhes reconhecer sinais de deterioração física e mental de seu companheiro, ainda que possivelmente o percebam como um processo natural numa pessoa que consome álcool com base no observado em outras pessoas próximas que bebiam (pais, irmãos, sogros), e que morreram por causa do alcoolismo.

Sendo assim, apesar de o marido apresentar problemas de saúde, seu interesse centra-se em evitar que seus filhos reproduzam o padrão de consumo, utilizando como estratégia *educativa* o expor a seus filhos o que pode vir a ser seu futuro. Lembra Habermas (2002, p.197-198) quando diz:

la reproducción material se cumple a través del medio de la actividad teleológica con que los individuos socializados intervienen en el mundo para realizar sus fines [...]. La reproducción del mundo de la vida consistiría esencialmente en una prosecución y renovación de la tradición que se mueve entre los extremos de la mera reiteración de la tradición, por un lado, y de una ruptura de las tradiciones por el otro

Assim, os temores de que os filhos repitam o padrão de agressividade e de uso de álcool leva essas mulheres a procurar o controle das atividades deles, isto é, agora são elas quem *adotam* uma posição de domínio, com base na sua posição hierárquica dentro do lar, embora elas mesmas reconheçam que seu poder se estende somente até a adolescência, porque depois eles mudam.

No entanto, o fato de reconhecer todos esses sinais, e que tentem modificar o comportamento do outro ao pedir-lhe que deixe de beber, não é uma ação suficiente para estabelecer um consenso entre elas e o parceiro, já que o consumo abusivo e crônico de álcool pode gerar transtornos mentais e de comportamento, daí perder-se um dos elementos básicos da ação comunicativa, a *inteligibilidade*, isto é, a mulher e o marido têm discursos diferentes em relação ao tema do álcool.

Um segundo componente foi denominado **trabalho e álcool**, sendo constatado nas mulheres a aceitação do consumo de bebidas alcoólicas pelo marido, aos sábados e domingos, desde que na segunda-feira ele trabalhe, o que indica mais uma estratégia para alcançar um objetivo, nesse caso, assegurar o rendimento familiar embora em condições especiais, pois, segundo algumas das entrevistadas, o marido considera que, se ele trabalha, então pode gastar o dinheiro no que ele queira, isto é, tem o direito de utilizá-lo no consumo de bebidas alcoólicas.

Tal fato limita a satisfação das necessidades do lar em função da adição do pai, considerando que somente um dos companheiros tinha nesse rendimento fixo e as garantias da seguridade social, os outros desenvolviam atividades de economia informal do tipo alvenaria, pintura, trabalho no campo, trabalhos esses de baixa remuneração.

Mesmo quando as mulheres realizam atividades economicamente remuneradas, também dentro do setor informal, isso não constitui razão suficientemente forte para que assumam sua participação ativa na manutenção do lar, pois, apesar de em muitas ocasiões o dinheiro disponível para cobrir as necessidades provenha delas, ainda assim manifestam que os companheiros são o sustento da casa.

Nesse contexto, a flexibilidade de horários no trabalho e a permissividade de consumo nos espaços do trabalho estabelecem cenário propício para o uso e abuso de bebidas alcoólicas, posto que os colegas de trabalho e os mesmos gerentes dos serviços favorecem o hábito. E a explicação para esse fenômeno pode ser encontrada na seguinte afirmação de Habermas (2002; p.201)

Si la cultura suministra el suficiente saber válido como para que puedan quedar cubiertas las necesidades de entendimiento existentes en el mundo de la vida, lo que la reproducción cultural aporta al mantenimiento de los otros dos componentes consiste en legitimaciones para las instituciones existentes por un lado, y por otro, en patrones de comportamiento eficaces en el proceso de formación individual que sirva de sostente a la adquisición de competencia generalizada de acción.

Com isso, qualquer ação da mulher que tenha como intenção modificar o hábito de beber de seu companheiro vai se contrapor ao saber aprendido, que *legaliza* o comportamento dele tanto dentro como fora do lar.

Nas narrativas dessas mulheres, um componente fortemente mencionado foi a **violência** do marido tanto sob a influência do álcool, como sem ele. Vale ressaltar, então, o fato de que os homens da comunidade aprendem um padrão de comportamento agressivo, o qual devem apresentar não só com sua mulher e família, mas ante a sociedade, aquilo que já manifestava antes do início da relação conjugal.

A *violência* foi apresentada pelas entrevistadas como um fato objetivado marcante, pois são ações que repercutem na auto-estima delas. Trata-se de comportamentos do marido que implicam em atos de violência física, psicológica, sexual ou ações de omissão.

A infidelidade expressa, tanto implícita como explicitamente, surgiu como um ato do marido que coloca a mulher numa situação de desvantagem frente ao seu meio próximo. No entanto, seu papel de esposa e *senhora da casa* permite ela justificar o comportamento de seu parceiro, transferindo a responsabilidade da infidelidade às *outras mulheres*, ao afirmar que são elas quem *não têm educação nem moral*, pois, sabiam que o homem era casado e mesmo assim “*o procuraram*”. A partir dessa informação, infere-se que, na comunidade existe violência intragênero, já que, de conforme relatado, na maioria dos casos, a infidelidade se dá com mulheres da mesma comunidade, conhecidas delas ou de seus familiares.

Justificar o marido por suas infidelidades nada mais é do que a manifestação da expectativa social em termos de abnegação e responsabilidade de manter a união familiar atribuída à mulher, e do comportamento esperado do homem, em que uma das características de sua masculinidade é justamente o fato de manter relações íntimas com mais de uma mulher. O comportamento da mulher e do homem nessa situação particular, denominada infidelidade, diz respeito ao conceito de relações de poder, e o significado de *ser sua mulher*, isto é, estar disponível para o marido no momento que ele necessite.

Essa afirmação pode ser apoiada em Habermas (2002, p.222) ao mencionar que:

El sistema de relaciones de parentesco constituye algo como una institución total. Las *pertenencias a grupos* se definen a través de las relaciones de parentesco; y las *diferenciaciones* de roles solo son posibles dentro de las dimensiones sexo, generación y linaje. El cálculo de las relaciones de parentesco fija también los límites de la unidad social.

Em função desses limites sociais, estabelece-se a diferença entre a infidelidade do marido que deve ser justificada e ao mesmo tempo a aceitação de seus ciúmes. Quando se referiram aos ciúmes, relacionaram-no ao comportamento de controle do marido, pois o associaram ao isolamento que estão sujeitas, uma vez que eles as impedem-se relacionar com outros membros da comunidade, inclusive com sua família de origem. Eles controlam suas atividades, pois acreditam que o lugar da mulher é na casa.

Os ciúmes compulsivos foram vividos pelas mulheres independentemente do tempo de sua relação. De acordo com o manifestado pelas entrevistadas, os ciúmes levaram o marido a duvidar de sua paternidade em caso de gravidez, com isso não controlando a agressividade nem sequer nos períodos de gravidez, daí o relato de eventos que as marcaram profundamente como abortos, possibilidade dos filhos terem malformação congênita ou problemas de saúde, pondo em risco tanto a vida delas como de seus filhos. Portanto, esse comportamento causou traumas físicos e/ou emocionais nas mulheres.

O ciúme do marido em relação à mulher, possivelmente seja visto pelos integrantes da comunidade, como fenômeno *natural* presente nas relações conjugais, apesar de ser um risco para a integridade física da mulher, já que as cenas de ciúmes vieram acompanhadas de agressão, e elas mesmas identificam modificações no comportamento emocional do companheiro a partir de frases como *vê coisas em sua imaginação* ou *vão ficar loucos*, ao se referirem às supostas infidelidades atribuídas a elas. Portanto, cabe ao profissional da saúde e familiares estarem atentos a essas manifestações classificadas como patologia (ciúmes patológicos) (SALAVERT,2003) .

Del Moral (2003) classifica ciúmes patológicos como paranóia alcoólica, dentro dos transtornos psicóticos induzidos pelo álcool, sendo particularmente descrita para o bebedor homem, ainda que também possa se apresentar entre as mulheres, podendo ocorrer na forma de três modalidades:

1. *s figura do bebedor ciumento*, refere-se a um transtorno sintomático (secundário), imbricado com episódios de intoxicação aguda. A desinibição produzida pelo álcool traz sentimentos reprimidos de desconfiança e ciúmes com relação à companheira.

2. *as reações subjacentes de ciúmes decorrentes de uma situação vivenciada*; o alcoolista dependente racionaliza sua impotência sexual culpando sua companheira e seus numerosos amantes. Suas expressões de ciúmes não estão relacionadas ao seu consumo de álcool.

De acordo com o autor, essas duas primeiras modalidades de ciúmes patológicos se acompanham de insultos ou violência física, e o álcool é utilizado para aliviar temporariamente suas suspeitas, mas também vai gerando maior dependência e, portanto, favorece a evolução desta patologia, transformando-se num círculo vicioso.

3. a terceira modalidade de ciúmes patológicos é o delírio de ciúmes em sentido estrito, com suspeitas de haver um transtorno esquizofrênico do tipo paranóide, desencadeado pelo consumo alcoólico intenso e/ou prolongado, cujo tratamento requer a abstinência etílica, no mais não difere daquele proporcionado a outros transtornos esquizofrênicos.

Ressalta-se novamente a necessidade de reconhecer as manifestações de ciúmes patológicos entre os companheiros das mulheres entrevistadas, pois, considerando essa classificação, haveria que submeter esses homens, à uma avaliação clínica, visando identificar se necessitam de tratamento psiquiátrico. Na verdade todos eles se beneficiariam de um acompanhamento psíquico, tanto para modificar seu hábito de beber, como para lidar com seus temores e inseguranças.

Nesse sentido, os ciúmes não devem ser vistos só como um comportamento com conotações culturais quando associado ao consumo crônico de álcool. Deveria ser considerado como problema de saúde com repercussões psiquiátricas, que requerem diagnóstico e tratamento específico para evitar prejuízos à saúde do marido e das pessoas próximas a ele, bem como repercussões de outra natureza.

Nessa ordem de idéias, os ciúmes são acompanhados de violência, sendo a física a mais freqüente, identificada como comportamento cotidiano entre os maridos de Santa María, já que mencionaram haver outras mulheres da comunidade que viveram situações similares por causa do alcoolismo do marido.

De acordo como García (2004) e Adeodato et al (2005), baixa auto-estima, depressão, problemas de comportamento e temores são manifestações de violência psicológica, o que coloca essas mulheres como uma população vulnerável,

diante da co-dependência desenvolvida em relação ao marido, e observada em frases como *ele era uma tábua de salvação*, pois, apesar da violência de que são alvo, algumas mulheres manifestaram abertamente que o marido, preencheu o vazio afetivo que tinham na família de origem.

Apenas duas mulheres mencionaram violência sexual por parte do marido, o que não significa necessariamente que outras mulheres não tenham sofrido, podendo-se inferir que talvez elas já não considerem violência a *obrigação* de submeter-se a relações sexuais forçadas. Essa inferência apóia-se nos seus relatos sobre o *dano físico* e a *dor* vivenciada quando o marido a *humilhava* dizendo que ninguém mais ia querê-la *por estar bem usada*.

Nesse sentido, pode-se considerar a violência como um padrão cultural apreendido em que um de seus componentes pode ser o consumo de álcool tal como apresentado por Pelegrin e Garcés (2004) ao descreverem os sinais de alerta sobre o perfil do homem potencialmente violento no lar tais como: ser excessivamente ciumento, possessivo, irritável, não controlar seus impulsos, culpar outros por seus problemas, experimentar mudanças bruscas de humor, destruir quando violento, acreditar na subordinação da mulher para com o homem, portanto, é dado a maltratar a mulher, a beber álcool em excesso e tem baixa auto-estima.

O termo de violência *intrafamiliar*, expressado explicitamente por duas das mulheres, para definir as diferentes formas de violência a que estão sujeitos os integrantes da família, quando o companheiro consome abusivamente álcool, é similar ao reportado em alguns estudos (PERES et al. 2003; ROSIBEL et al. 2005; SHRAIBER; D'OLIVEIRA; CUOTO, 2006), e resulta de um sistema hierarquizado de relações sociais, em que o estabelecimento de papéis e comportamentos são assumidos pelos membros da comunidade. Habermas (2002, p.235) contribui para compreender esse fenômeno na seguinte afirmação:

Ciertamente que las formaciones sociales no pueden distinguirse solamente por su grado de complejidad sistémica. Antes bien, vienen definidas por complejos de instituciones, que *son los que anclan en el mundo de la vida* el nuevo mecanismo de diferenciación sistémica que evolutivamente surge. Así, la diferenciación segmentaria queda institucionalizada en forma de relaciones de parentesco, la estratificación en forma de jerarquía y la organización estatal en forma de dominación política, y el primer medio de control sistémico (el dinero), en forma de relaciones entre personas jurídicas y privadas. Las correspondientes instituciones son los roles de sexo y edad, el status de los grupos de descendencias, la magistratura o cargo político y el derecho privado burgués.

Com base no texto anterior, pode-se inferir que as relações de parentesco e os papéis sexuais prevalecem nessa comunidade para definir as relações de domínio entre os membros da família, em que o uso abusivo de álcool e a violência são comportamentos *normais* entre as pessoas que vivem aí, portanto, são comportamentos consensuais.

Mas, quando essas situações agressivas são presenciadas pelos filhos têm diferentes resultados, isto é, os filhos podem reproduzir os padrões de comportamento dos pais, ou tomar a posição de defesa da mãe, inclusive ameaçando de morte o pai, ou ambas as condições, isto é, defender sua mãe, mas consumir álcool e ser violento com sua mulher.

O confronto entre pais e filhos gera situações tensas, daí que as mulheres manifestem com freqüência que estabeleceram limites ao marido perante a agressão física, tanto em relação à sua pessoa como aos filhos, resultando não no abandono da bebida, mas na diminuição da sua agressividade.

Poucas entrevistadas deixaram o lar, e nenhuma de forma definitiva até o momento do estudo, alegando que não contam com instâncias públicas ou privadas que garantam seu bem-estar físico e moral. Daí que, apesar de ter manifestado a intenção de divorciar-se, essa não é uma decisão válida desde o momento em que prevalecem valores e normas culturais que lhes indicam que o *correto*, “o que dará bom exemplo aos filhos, é permanecer junto ao marido em função do bem-estar dos mesmos. Mesmo que a mulher não problematize a situação de uso abusivo de álcool por parte do marido e as conseqüências que acarreta, dificilmente vai atuar assertivamente na relação com seu meio próximo.

A inferência anterior encontra apoio na proposta de Suárez (2004), quando menciona que a violência intrafamiliar no México reproduz a violência do meio social, ao mesmo tempo em que se volta para ele com custos elevados em saúde, educação e justiça e afeta a saúde física e mental tanto de mulheres como dos homens.

Daí que Gómez (2002) também considere que as relações desiguais de poder entre homens e mulheres e as exigências sociais associadas com o exercício de poder inter e intragêneros exercem efeitos claramente negativos sobre a integridade física, psicológica e social não só das mulheres, senão também dos homens.

Na seqüência de idéias, cabe acrescentar que, dentro do componente denominado *conseqüências do uso e abuso de álcool*, identificaram-se problemas com a lei; comorbidades no homem tais como cirrose hepática, gastrite; na mulher, que manifestou hipertensão e diabetes como doenças que se apresentaram como conseqüência de problemas e “*revolta*” decorrentes da interação com o marido. Chama a atenção que a maioria referiu problemas de tipo emocional como depressão, baixa auto-estima e problemas de personalidade. Também reconheceram a deterioração física e neurológica do marido como conseqüência do uso prolongado de substâncias psicoativas. Ou seja, a situação do consumo de álcool no marido não é uma questão que deve ser vista de maneira individualizada, mas de forma integral, inicialmente dentro da família e estendendo-se para a comunidade.

O exposto apresenta uma população vulnerável e invisível para os serviços de saúde, especificamente na atenção aos problemas de saúde relacionados com o consumo de álcool, pois foram contados os casos que solicitaram apoio ao pessoal de saúde, e várias mulheres mencionaram uma psicóloga que deu uma palestra na praça central da comunidade e lhes *abriu* um pouco os olhos para não se *submeter ao marido*, isto é, que elas deveriam gostar de si mesmas e estabelecer limites.

Perante a falta de estrutura institucional para o atendimento de pessoas com uso abusivo de álcool e aquelas que compartilham de sua vida, as pessoas procuram atendimento na medicina alternativa, já que elas *diagnosticam* o que têm, com base num saber cultural e não num saber científico.

Cabe destacar ainda um comentário sobre a narrativa de uma das entrevistadas a respeito da forma como seu marido (nesse tempo noivo) a iniciou no consumo do álcool e *pedra* de cocaína, e o processo que viveu para abandonar esse consumo depois de ter sido *descoberta* por sua sogra, que lhe pediu não continuar drogando-se, já que *não era próprio de uma mulher* e que isso iria causar muita dor à sua mãe. Mas, sua maior motivação para deixar de consumir substâncias foram suas gestações. Nesse sentido, a experiência própria, aliada ao querer evitar problemas de saúde em seus filhos foram condições básicas para sua recuperação.

Partindo do fato de que um componente forte dentro da análise do mundo da vida de mulheres que vivem com um alcoolista foi a violência, sobre isso Castro (2003) recomenda que nos estudos sobre violência, o centro da conceituação deve

ser a família e não os indivíduos, já que essa é uma das mediações mais relevantes entre a conduta individual e os fenômenos de caráter estrutural. Para o autor, o conceber a violência contra a mulher como problema de conduta individual do homem e não como resultado de um desequilíbrio de poder entre os indivíduos dá falsa visão do fenômeno.

Habermas propõe a socialização como base para a formação da subjetividade (Me) e da identidade social (I), pela qual a transmissão de saberes, através de comunicação mediada (simbólica) são introjetados nos atores os padrões de comportamento que vão dar significado aos fenômenos e vão determinar as ações em relação aos mesmos.

Sob essa premissa, neste estudo realizado sobre a *Ação Comunicativa de mulheres com companheiros alcoolistas*, pôde-se identificar significados atribuídos ao tema do álcool quando esse aparece como situação que ocorre nos outros da comunidade e o momento em que adquire um sentido relevante para si mesma, isto é, quando o álcool entra na sua casa através do uso e abuso do companheiro, mas sobretudo quando pode atingir seus filhos

Daí que, de acordo com os resultados obtidos, apresenta-se a seguir, algumas considerações a partir das quais tento-se entender o porquê do comportamento das mulheres frente ao tema do álcool e, especialmente, frente à situação de alcoolismo de seus companheiros.

Uma primeira consideração consiste no fato de que, na comunidade onde se realizou o estudo, o uso abusivo de álcool bem como alguns comportamentos de controle por parte do marido para a mulher são considerados como *normais*, portanto, consensuais. O que coloca os membros da comunidade numa posição de não reconhecimento do alcoolismo como um problema, muito menos como um problema de saúde. Isso ficou evidente quando se buscaram mulheres para participar do estudo, pois, na sua concepção, *seus maridos só bebem cerveja, não álcool e só aos sábados e domingos*, isso é, o saber cultural é diferente do científico em termos da definição do que é ter um consumo abusivo.

Por outro lado, cabe mencionar que existe a percepção de falta de apoio institucionalizado, seja no âmbito jurídico legal, mas especialmente no setor saúde, daí expressões como *a gente não sabe que fazer nem a quem perguntar*, constatando-se, mais uma vez, a omissão da saúde pública e de outras organizações em relação a esse problema.

As poucas mulheres que manifestaram ter tentado algum tratamento para o marido utilizaram serviços proporcionados por ONGs, do tipo AA e outros relacionados com a religião, tendo maior aproximação com as terapias alternativas, possivelmente por estarem mais vinculadas às experiências do grupo e por estarem mais perto, no seu entender, com a questão consumo de álcool, ainda que nem

sempre possam dar continuidade a esses tratamentos pela falta de recursos econômicos.

Daí que o **jurar** é a única ação que, num dado momento, possibilita ao marido deixar de beber, já que não tem um custo, mas, sobretudo pela situação de compromisso que assume frente a um ser divino. Dessa maneira, os homens têm um controle relativo e melhoram sua qualidade de vida nesses períodos, sendo necessário considerar essa ação que os eles realizam e procurar vincular algumas ações concretas entre instituições não-governamentais e igrejas com os serviços de saúde, para atender essa problemática, não só sob o aspecto biológico, mas também social e subjetivo.

De qualquer forma, existe a questão da normalização do fenômeno do consumo de álcool, que poderia estar condicionada pelo processo comunicativo dado através das mídias que o retiram do contexto das drogas, posto que sempre é apresentado como álcool e drogas. Sendo assim, nos resultados, encontrou-se precisamente essa concepção do uso de álcool como não importante, já que é comum à comunidade depois de vivê-lo com pais, irmãos, companheiros e filhos, as mulheres não o problematizam como tal, o mesmo não ocorrendo quando se referem ao uso de outras drogas.

Em Habermas, o processo comunicativo se dá nas inter-relações de sujeitos que falam uma linguagem comum, nos quais podem ser identificados atores que servem de referência para o desenvolvimento da personalidade, mas, sobretudo para assumir um papel social. Nesse sentido, a principal inter-relação da mulher, além do marido, foi com a sogra. É uma relação ambígua de apoio e interferência em sua relação com o marido e os filhos, pois pode amortecer situações violentas pela autoridade que tem sobre o companheiro, mas, ao mesmo tempo, é a encarregada de manter e reproduzir os comportamentos de controle masculino.

Assim, a importância da sogra pode constituir-se num elemento chave na comunidade para começar a trabalhar de maneira conjunta, mediante sua sensibilização sobre o tema do uso de bebidas alcoólicas como um problema de saúde e algumas formas de participação no apoio terapêutico da pessoa que bebe, pois tem potencial de ação forte quando considerado o nível de autoridade que tem em seu meio familiar.

Destaque-se, ainda, que este estudo realizado com mulheres identificou, através de suas falas, o problema que existe na comunicação com o marido,

especialmente no tocante ao consumo de álcool, pois têm discursos diferentes. Daí surge precisamente o problema de realizar algum tipo de ação na tentativa de modificar o hábito do consumo de álcool de seu parceiro. Fazendo a analogia com os serviços de saúde, pode-se inferir o mesmo problema. Então, o primeiro passo seria conhecer o *significado* que o álcool tem para os usuários, para quem convive com eles e para quem dentro dos serviços de saúde deveria ser um suporte para o atendimento e seguimento de pessoas com problemas relacionados ao uso abusivo de álcool.

Continuando, ao se falar de co-dependência ao álcool, mencionam-se as doenças tanto físicas como mentais que podem acometer a mulher, no entanto, sob a perspectiva familiar e comunitária, também há de se indagar sobre a presença de comorbidades e seu atendimento. Nessa identificação, deve-se considerar os comportamentos que podem pôr em risco a integridade da mulher ou do próprio marido, a exemplo dos ciúmes que têm conotação cultural, mas quando associados ao consumo crônico de álcool, deveriam ser considerados como problema de saúde com repercussões psiquiátricas, que precisa ser diagnosticado e receber tratamento adequado.

Uma consideração a mais, que se depreende do estudo, é a transferência do tema de consumo de álcool do marido ao consumo de álcool e drogas dos filhos, daí que atitudes de agressão, revolta e colocar limites aos filhos, podem ser circunstâncias propícias para que os serviços de saúde trabalhem de forma conjunta com as mães, numa tentativa de prevenir e controlar as adições, já que as mulheres do estudo manifestaram maiores expectativas e temores pela forma de beber do filho do que do próprio marido.

Essas considerações poderiam fundamentar-se na seguinte proposição de Habermas (2002:p. 107) :

La comunicación lingüística presupone la comprensión de, y la toma de postura frente a, pretensiones de validez susceptibles de crítica [...] Por paradójico que ello pueda parecer, los vínculo que las fuerzas ilocucionarias tienen como efecto se producen porque los participantes en la interacción pueden responder con un “no” a las ofertas que los actos del habla entrañan. El carácter crítico de este *decir-que-no* distingue tal toma de postura de una reacción basada en el puro arbitrio

Com base na exposição do trabalho, as mulheres participantes do estudo mostraram a forma como objetivam o alcoolismo em seu parceiro e as conseqüências disso. Portanto, é lícito se pensar que a abordagem por parte do

peçoal de saúde e dos programas de saúde deve ser abrangente, numa perspectiva integral e não somente dirigida a quem consome. Não só é preciso competência técnica para reconhecer os danos à saúde física e mental, mas também contar com infra-estrutura necessária para dar resposta a essa situação.

Também é evidente que o pessoal de saúde deve estar sensibilizado para poder entender as normas e valores culturais que fazem parte dos comportamentos tanto da pessoa que bebe como das pessoas que desenvolvem uma relação de codependência, para que não se estabeleçam juízos *a priori* e deixem de prestar o atendimento oportuno. Essa sensibilização significaria estar aberto ao entendimento para chegar a um acordo em torno do tema do alcoolismo e das diferentes situações que se apresentam, conforme estabelecido por Habermas (2002; p.171):

Entendimiento (Verständigung) significa la “obtención de un acuerdo (*Einigung*) entre los participantes en la comunicación acerca de la validez de una emisión; *acuerdo (Einverständnis)*, el reconocimiento intersubjetivo de la pretensión de validez que el hablante vincula a ella.

A proposição lembra o fato de que, no ambiente familiar, reproduzem-se as normas e valores culturais vigentes na comunidade e que fazem diferenciação entre homens e mulheres, portanto, é aí onde se apreendem as relações de poder e autoridade.

Obviamente, o reconhecimento deve dar-se a partir de ações conjuntas com a participação da comunidade que apresenta sua visão sobre o tema alcoolismo, em que é fundamental o entendimento *dos sentidos* que as mulheres e os outros na comunidade dão ao seu mundo e à vida cotidiana e relacioná-los com os programas e atividades institucionais, para tentar modificar a médio e longo prazo alguns desses padrões de comportamento.

Fundamentada na perspectiva de Habermas (2002), julga-se, aqui, ser possível, mediante a ação comunicativa, chegar a acordos e coordenar ações sobre um planejamento dirigido à obtenção de um objetivo comum, tendo como base as relações propositivas.

10 Referências

ADEOATO,V; CARVALHO, R; SIQUEIRA, V; SOUSA F. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Rev Saúde Pública**, v. 39 n.1, p.108-113, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n1/14.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2007.

AGUIRRE, B. R. **Unidos para la prevención de adicciones**. Qué es la adicción a las drogas. 2000. Disponible en [<www.adicciones.org.mx >](http://www.adicciones.org.mx). Acceso em 15 may. 2005.

ALBUQUERQUE, J. **Alcoholismo**. São Paulo: Ed. Sarvier, 1975. p. 111-112.

ALMEIDA, T.; VILLAR-LUIS, M.. O cuidar de quem cuida: uma visão sobre os cuidadores de alcoolistas. In: VILLAR LUIS M, PILLON, C. **Asistencia a usuários de álcool y drogas no estado de São Paulo**: uma amostra de serviços e programas. Ribeirão Preto:FIERP/USP, 2004: p. 181-189.

ANDERSON, G. La **validez de los estudios etnográficos, implicaciones metodológicas**. In: SIMPOSIUM LA INVESTIGACIÓN EDUCATIVA. UNAM, SEP, México 1990.

ARTEHISTORIA REVISTA DIGITAL. **Personajes. Jürgen Habermas**. Disponível em: [<http://www.artehistoria.com/frames.htm?http://www.artehistoria.com/historia/personajes/7316.htm >](http://www.artehistoria.com/frames.htm?http://www.artehistoria.com/historia/personajes/7316.htm). Acesso em: 26 mar. 2006

BRASIL. Secretaria Nacional Antidrogas. (SENAD). **1er. Levantamento nacional sobre os padrões de álcool na população brasileira**. 2007. Disponível em: [<http://www.obid.senad.gov.br / www.senad.gov.br>](http://www.obid.senad.gov.br / www.senad.gov.br) Acesso em: 20 sep. 2007.

BEATRES, G. **La perspectiva de género como modelo de análisis de la violencia familiar y el consumo de alcohol y otras drogas**. In REUNIÓN DEL GRUPO DE CONSULTA SOBRE EL IMPACTO DEL ABUSO DE DROGAS EN LA MUJER Y LA FAMILIA.Montevideo, Uruguay. Secretaría Ejecutiva de la Comisión Interamericana para el Control y Abuso de Drogas (CICAD),1996.

BARNETCHE, ME et al. **Quiero ser libre**. De la codependencia a la coparticipación positiva, en Lectura y noticias de género. Disponível em: [<http://www.laneta.apc.org/cidhal/lectura/julio/00.html>](http://www.laneta.apc.org/cidhal/lectura/julio/00.html). Acesso em: 12 jul 2004.

¹ De acordo com:

BERTELY, M. **Conociendo nuestras escuelas. Un acercamiento etnográfico a la cultura escolar.** Editorial Paidós. Barcelona, Espana, p.48-61, 2002.

BOON, L. **Alcoholismo, cuando el trago se vuelve amargo.** Fundación de Investigaciones Sociales A.C. 2000. Disponível em: <<http://directomed.com/articulo/art/alcoholismo/trago.asp>> Acesso em: 12 abril 2005.

CASTAÑÓN, A; GONZÁLEZ, M. **Memorias de servicio a la comunidad de Santa María Magdalena.** Universidad Autónoma de Querétaro. México, 2005.

CASTRO, R; RIQUEL, F. Research on violence against women in Latin America: from blind empiricism to theory without data. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 135-146, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n1/14913.pdf>> Acesso em: 10 oct. 2007.

COMISIÓN INTERAMERICANA PARA EL CONTROL DEL ABUSO DE DROGAS (CICAD). **Informe anual de la comisión interamericana para el control del abuso de las drogas (CICAD) a la asamblea general de la organización de los estados Americanos.** 2003. Disponível em: <<http://www.cicad.oas.org/es/Asambleas/CICAD34/ESP/Dia%201/Informe%20Anual%20CICAD.htm>>. Acesso em: 29 oct. 2007.

CORTÉS, J; RIU, A. **Diccionario de filosofía en CD-ROM.** Editorial Herder S.A., Barcelona, 1996. Disponível em: <<http://www.magma-net.com.ar/habermas.htm>>. Acesso em: 11 abr 2005.

CODDOU, A. et alt. **Evolución del concepto de codependencia.** Chile Med 1999. Disponível em: <<http://www.eradicaciones.org/revista/número2/codepen.html>>. Acesso em: 20 jun. 2004.

DA SILVA, T. **Teoria cultural e educação.** Um vocabulário crítico. Edit. Autêntica, Belo Horizonte, Brasil, 2000. 125 p.

DEL MORAL, M. Fundamentos biopsicosociales del alcoholismo. Complicaciones psiquiáticas del abuso de alcohol, In: LORENZO, P; LANDERO, J; LEZA, J; LIZASOAIN, I. **Drogodependencia.** Farmacología, patología, psicología, legislación. 2 ed. Madrid: Médica Panamericana, 2003 Sección VIII, Alcohol. p. 387-418.

DIAZ-GUERRERO, R. **Bajo las garras de la cultura.** Psicología del mexicano 2. México: Ed. Trillas. 2003.

FERNÁNDEZ, SP. **Habermas y la Teoría Crítica de la Sociedad**. Legado y Diferencias en Teoría de la Comunicación. Cinta de Moebio N°1. Sep 1997. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Chile. Disponível em: <<http://rehue.csociales.uchile.cl/publicaciones/moebio/01/frames30.htm>>. Acesso em: 21 jun 2005.

GALINDO, J. Etnografía. **El oficio de la mirada y el sentido**. México, 1995. Disponível em: <<http://www.geocities.com/arewara/galindo086.htm>>. Acesso em: 16 may. 2005.

GARCÍA, C. **Violência contra la mujer**: Género y equidad en la salud. Organización Panamericana de la Salud. Harvard Center for Population and Developmet Studies. Género y Equidad. 2000. 38 p. (Publicación Ocasional No. 6). Disponível em: <http://www.paho.org/Spanish/DBI/po06/PO06_C1.pdf>. Acesso em: 20 nov 2007.

GÓMEZ, E. Equidad, género y salud: retos para la acción. Washington, DC. **Rev Panam Salud Publica** v.11 n.5, p.454-461, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S102049892002000500024&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 16 mar 2007.

GONZÁLEZ, J. A. La teoría crítica de la Escuela de Frankfurt como proyecto histórico de racionalidad revolucionaria. **Revista de Filosofía** v. 27, n. 2, p.287-303, 2002.

GUEVARA, W. La codependencia, una forma de convivir con el sufrimiento. **CSI**, Boletín 48, p.13-15, 2004. Disponível em: <<http://sisbib.unmsm.edu.pe/BibVirtualData/publicaciones/consejo/boletin48/enPDF/a04.pdf>>. Acesso en: 29 oct 2007.

HABERMAS, J. **Teoria de la acción comunicativa**: complementos y estudios previos. Ediciones Cátedra. 2001. 506 p.

_____. **Teoria de la acción comunicativa I**. Racionalidad de la acción y racionalización social. Primera reimpressão. Edit. Taurus. 2005. 517 p.

_____. **Teoria de la acción comunicativa II**. Crítica de la razón funcionalista. Primera edición en México. Edit. Taurus. 2002. 618 p.

HUDELSON, P. **Qualitative research for health programmes**. División of mental Health. World Health Organization. p. 11-36, 1994.

IÑIGUEZ, L; MUÑOZ, J. **Análisis cualitativo de textos**: curso avanzado teórico/práctico. Introducción a la Grounded Theory. Santiago de Chile. 2004; p. 1-9.

LAU, A; RAMOS, C. **Mujeres y Revolución: 1900-1917**, (estudio preliminar y comps.). Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, Secretaría de Gobernación, Consejo Nacional para la Cultura y las Artes e Instituto Nacional de Antropología e Historia, México, 1993, p. 17. Disponível em: <<http://www.mdemujer.org.mx/historia/s-xx/historia.htm#22>> Acesso em: 24 abr 2005.

LYLES, L. **La codependencia: un problema familiar**. Disponível em: <<http://www.christianrecovery.com/v/dox/coda.htm>> Acesso em: 27 ago 2004.

MANSILLA F. Codependencia y psicoterapia interpersonal. **Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.**, 2002, vol XXII, n 81, p. 9-19.

MARTÍNEZ, M. **Drogas y conductas de riesgo en adolescentes en el estado de Querétaro**. 1er. Edición. Universidad Autónoma de Querétaro; 2005. p.70-75.

MAYAN, M. **Una introducción a los métodos cualitativos: módulo de entrenamiento para estudiantes y profesionales**. Traducción César A. Cisneros Puebla. Qual Institute Press. Internacional Institute for Qualitative Methodology. 2001.104 p. Disponível em: <<http://www.ualberta.ca/~iiqm/pdfs/introduccion.pdf>>. Acesso em: 05 oct. 2006.

MEXICO. Consejo Nacional contra las Adicciones. Secretaría de salud. **Programa de Acción: Adicciones: farmacodependencia**. México, D.F. 2001a. [Serie en red]. Disponível em: <www.conadic.gob.mx>. Acesso em: 10 ago. 2004.

MEXICO. Consejo Nacional contra las Adicciones. Secretaría de salud. **Programa de Acción: Adicciones: alcoholismo**. México, D.F. 2001b. [Serie en red]. Disponível em: <www.conadic.gob.mx>. Acesso em: 10 ago. 2004.

MEXICO. Consejo Nacional contra las Adicciones. Secretaría de salud. **Encuesta Nacional de Adicciones**. Tabaco, alcohol y otras drogas, Resumen Ejecutivo. México, 2002. Disponível en: <<http://www.conadic.salud.gob.mx/pie/ena2002.html>> Acesso em 25 jun. 2005.

MÉXICO. Consejo Nacional de Población. (CONAPO). Secretaría de Gobernación. **Proyecciones de la población de México 2005-2050**. México, 2007. Disponível em: <http://www.conapo.gob.mx/00cifras/5.htm>. Acesso em: 20 sep. 2007.

MEXICO. Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática (INEGI). **II Censo de población y vivienda 2005**. México, 2007. Disponível em: <<http://www.inegi.gob.mx/est/contenidos/espanol/proyectos/conteos/conteo2005/default.asp?c=6224>> Acesso em: 04 abr. 2007.

MEXICO. Secretaría de Salubridad y Asistencia. **Reglamento de la Ley General de Salud en materia de Investigación para la Salud**. México, 1987.

MEZAN, L; PISCITELLI, A; GOLDANI, A. **Textos Didáticos. A Prática Feminista e o Conceito de Gênero**. Universidade Estadual de Campinas –UNICAMP, Instituto de Filosofia y Ciências Humanas –IFCH. Campinas, São Paulo, Brasil, n.48, 2002. 42 p.

MICROSOFT ® **Encarta® 2006**. © 1993-2005 Microsoft Corporation.

MINAYO, M.C. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 8ª. Ed. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2004. Cap. 4. Tratamento do material p.197-247.

MUÑOZ, J. **Análisis cualitativo de datos textuales con ATLAS/ti 5**. Universitat Autònoma de Barcelona, 2004. p.83. Creative Commons. Disponível em: <<http://creativecommons.org>>. Acesso em: 20 abr 2006.

NATERA, G; MORA, J. **La teoría fundamentada en el estudio de la familia y las adicciones**. in Mercado, F, Torres M. Análisis Cualitativo en Salud. Teoría, Método y Práctica. Plaza y Valdés Editores. México, 2000. p 73-95

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. (OMS). **Reunión en Helsinki**, 12 enero 2005

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). **El alcohol más letal que las drogas**. Mayo-junio 2004 . Disponível em: <<http://www.facaf.org.ar/main/revista/numeros/n35/cuentagotas2.pdf#search='estad%C3%ADsticas%20de%20alcoholismo%20seg%C3%BAAn%20OMS'>>. Acesso em:20 ago 2005.

PAPÍ, N. **Clase social, etnia y género: tres enfoques paradigmáticos convergentes**. Disponível em: <<http://www.libredebate.com/doc/doc200111100002.html>> Acesso em:13 jun 2004.

PERES, V. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **R. Psiquiatr. RS**, v. 25, suplemento1, p.9-21, 2003.

PÉREZ, A; DELGADO, D. La codependencia en familias de consumidores y no consumidores de drogas:estado del arte y construcción de un instrumento. **Psicothema**, Oviedo, v15, n. 003, p.381-387, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/727/72715307.pdf>>. Acesso en: 15 sep 2007.

PELEGRIN, A; GARCES, E. Aproximación teórico-descriptiva de la violencia de género: propuestas para la prevención. **Apuntes de Psicología**, v. 22, n3, p. 353-373, 2004. Disponível em:<http://www.cop.es/delegaci/andocci/VOL.22_3_5.pdf>. Acesso em: 04 oct.2007.

PESSANHA D. Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? **CSP. Cadernos de Saúde Pública**. Reports in Public Health. Escola Nacional de Saúde Pública. v 20, n. 1, p.7-13, Janeiro/fevereiro 2004.

POLITICASNET. **Biografía Jürgen Habermas**. 2001. Disponível em: <<http://usuarios.lycos.es/politicasnet/autores/habermas.htm>>. Acesso em: 26 mar 2006.

PYNE, H, CLEASON, M, CORREIA, M. **Dimensiones de género sobre el consumo de alcohol y problemas afines en América Latina y el Caribe**. Banco Mundial 2002. Disponível em: <http://lnweb18.worldbank.org/External/lac/lac.nsf/i8lm2msr9ehkmuar5dolmasrgc77mur0_05A43CA5CC59830185256BC200555FE4?OpenDocument>. Acesso em: 24 ene 2007.

RENTARÍA, I. **Prevenir en drogas: paradigmas, conceptos y criterios de intervención**. CEPAL. División de Desarrollo Social. Santiago de Chile 2001.

RED INTERAMERICANA PARA LA PREVENCIÓN DE DROGAS. (RIPRED). Sección **Codependencia**. Disponível em: <<http://www.ripred.org/dpna/resources/spanish/guiamujer.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2004.

RODRÍGUEZ, G; GIL, J; GARCÍA, E. **Metodología de la Investigación Cualitativa**. Segunda Edición. Granada, España. Ediciones Aljibe, 1999. 378 p.

ROSIBEL, RA; MARQUEZ, M. Kageyma ML. Violencia de género: actitud y conocimiento del personal de salud de Nicaragua. **Salud Pública de Mex** 2005; 47:134-144.

RUEDA P, VILARROEL I. **El Método Hermenéutico-dialético, una estrategia para las ciencias de la conducta**. Disponível em: <<http://servicio.uc.edu.ve/educación/revista/a3n5/3-5-4.pdf>>. Acesso em: 26 mar 2006.

SALAVERT, J, et al. El trastorno delirante. Revisando los aspectos de la paranoia. **Rev. Psiquiatría**. Fac Med Barna v.30 n.6, p.304-313, 2003.

SANCHEZ, L; GONZÁLEZ, M. **Diagnóstico de salud de la comunidad de Santa María Magdalena**. Universidad Autónoma de Querétaro. México, 2006.

SCHRAIBER, L; D'OLIVEIRA, AF; COUTO M. Violência e saúde: estudos científicos recentes. **Rev. Saúde Pública**. São Paulo. v.40, n. especial, p. 1-12, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat, María Betânia Avila. New. York. Columbia University Press. 1998. 27p. Tradução de: **Gender: An Useful Category of Historical Analyses**. Gender and the Politics of History.

STRAUS, A; CORBIN, J. **Bases de la investigación cualitativa**. Técnicas y procedimientos para desarrollar la teoría fundamentada. Primera edición (en español) Editorial Universidad de Antioquia, Medellín, Colombia. 2002: pp. 310-311.

SUÁREZ, M. **Discurso, género y violencia intrafamiliar en la historia moderna de México ¿Una memoria?** 2004. Disponível em:
<<http://www.azc.unam.mx/publicaciones/tye/violenciaintrafamiliarenlahistoria.htm>>.
Acesso em: 24 ene 2007.

VACCA, R. La co-adicción, aspectos culturales y clínicos para su aprendizaje. **Revista Peruana de Drogodependencias**. v1, n.1, p.231-253, 2003. Disponível em:
http://www.devida.gob.pe/documentacion/Revista_Peruana_de_Drogodependencias.pdf >. Acesso em: 30 oct 2007.

THIOLLENT, M. O processo de Entrevista. In **Crítica metodológica, investigação social e enquete operaria**. Coleção Teoria e História. 6. Livraria e Editora Polis LTDA. São Paulo, 1987. p. 79-99

Apêndice

APÊNDICE A

**ESCUELA DE ENFERMERÍA DE RIBEIRAO
UNIVERSIDAD DE SAO PAULO PRETO, BRASIL.**

**FACULTAD DE ENFERMERÍA Y OBSTETRICIA DE CELAYA
UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO/FACULTAD DE ENFERMERÍA UAQ
CONSENTIMIENTO INFORMADO**

Estimada Señora:

Mi nombre es Ma. Alejandra Hernández Castañón, soy profesora de la Facultad de Enfermería de la UAQ y estoy realizando un trabajo de investigación, para conocer algunas de sus experiencias en relación con el consumo de alcohol entre los jefes de familia, por lo que nos gustaría conversar con usted en relación a esta situación. Su opinión es muy importante para identificar factores que favorecen el incremento en el uso de alcohol.

Si usted acepta participar, realizaremos una entrevista en su domicilio o si lo desea, podemos reunirnos en la Clínica de Enfermería que se encuentra aquí en la comunidad. La fecha y hora de la entrevista la acordaremos entre usted y yo, de acuerdo con el tiempo de que disponga. De igual forma, se le pedirá su participar en una reunión con otras personas que como usted, también participan en el estudio. La idea es compartir vivencias en relación con el tema del alcohol, para esta reunión se acordará con ustedes la fecha y hora más adecuada.

Al realizar la entrevista, se le solicitará su consentimiento para grabarla, ya que obviamente sería difícil recabar por escrito la información que nos proporcione. Usted puede tener la seguridad que daremos respuesta a cualquier pregunta o aclaración que tenga, así como le garantizamos que la información obtenida será confidencial, incluso, si no quiere que la llamemos por su nombre, usted puede indicarnos como llamarla durante la entrevista.

Si acepta participar, le pido nos de su consentimiento por escrito, le comento que usted tiene la libertad de retirarse del estudio en el momento que así lo desee.

Acepto participar en el estudio

Investigador responsable

Ma. Alejandra Hernández Castañón

Si requiere alguna información, estoy a su disposición en la Facultad de Enfermería, Centro Universitario, al teléfono 2.15.78.89

APÊNDICE B

ESCUELA DE ENFERMERÍA DE RIBEIRAO UNIVERSIDAD DE SAO PAULO PRETO, BRASIL.

FACULTAD DE ENFERMERÍA Y OBSTETRICIA DE CELAYA UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO/ FACULTAD DE ENFERMERÍA UAQ

ENTREVISTA INDIVIDUAL

I. Características socio-demográficas

FOLIO _____

1. ¿Cuántos años tiene?	Años []	
2. ¿Hasta que año estudio?	_____	
3. ¿Cuál es su estado civil?	1. Casada [] 2. Unión libre [] 3. Otro {]	
4. ¿Cuántos tiempo tiene de vivir con su pareja?	_____ años	
5 ¿Cuántas personas viven en su casa?	[]	
6. ¿Cuántos hijos tiene?	[]	
7. ¿En esta casa, vive alguna persona más además de su esposo (pareja) y sus hijos?	1. Si [] 2. No [] (Pasar a pregunta 12)	
8 ¿Quién(es) es (son) esa(s) persona(s)?	1. Padre [] 5. Hermanos [] 2. Madre [] 6. Cuñados [] 3. Suegro [] Otro _____ 4. Suegra [] -	
9 ¿Quiénes de las personas que viven aquí, trabajan?	1. Entrevistada [] 4. Hija [] 2. Esposo/pareja [] 5. Otro _____ 3. Hijo []	
10. ¿Esta casa en la que viven es propia?	1. Si [] 2. No []	
11. Cuánto tiempo tiene viviendo en este casa?	_____ años	
12. ¿Hay en la casa algún familiar que beba?	1. Si [] 2. No []	
13. ¿Quién (es) es (son) esa(s) persona(s)?	1. Padre [] 5. Hija [] 2. Madre [] 6. Otro _____ 3. Suegro [] 4. Suegra []	

II. Mundo de la Vida

TEMA 1: Mundo social: totalidad de las relaciones interpersonales legítimamente reguladas (familia, vecino, amigos, comunidad).

1. ¿Cómo ve usted el consumo de alcohol aquí en la comunidad?
2. ¿Siene quehay prejuicios por parte de su familiares, amigos o vecinos por la forma de beber de su marido?
3. En situaciones críticas por producidas por la forma de beber de su marido, ¿cuenta con el apoyo de alguien?
4. ¿Cuál es el comportamiento de sus hijos con su padre?

TEMA 2: Mundo subjetivo: vivencias de la mujer en su relación con el alcohólico.

1. ¿Cómo se siente usted lla mayor parte del tiempo?
2. ¿Cómo se siente cuando beben en su presencia?
3. ¿Cómo imagina su vida sin el alcohol?

TEMA 3: Mundo objetivo: totalidad de las entidades sobre las que son posibles enunciados verdaderos.

1. ¿Cuál es su experiencia con la forma de beber de su pareja?
2. ¿Ha tenido usted o su familia algún problema por la forma de beber de su pareja?
3. ¿Cómo encaran sus hijos la forma de beber del padre?
4. ¿Ha intentado llevarlo a algún tipo de tratamiento?

Para finalizar, ¿hay algo que considere importante y lo quiera mencionar?

APÊNDICE C

GLOSSÁRIO*

Absorbiendo	- Aspirar inalantes.
Adrede	- Com deliberada intenção
**Anexo	- Local utilizado pelos grupos AA para dar tratamento contra adições, implica internamento
Arrumbado	- Não lhe fazer caso, considerá-la como inútil
**Arto	- Muito, demasiado
Bolita	- Grupo de pessoas, neste caso reunidos na via pública
Borracho	- Que se embriaga habitualmente
Borrachillo	- Diminutivo de bêbado.
Cachetada	- Golpe que se dá no rosto com a palma da mão
Cervecería	- Local onde se vende cerveja
**Chingada Madre	- Agressão verbal a alguma pessoa, fazendo alusão à mãe de dita pessoa
Cochinadas	- Porcaria. Ação mal-intencionada que prejudica alguém
**Concuño	- Esposo de sua cunhada
Cruda	- Ressaca no dia seguinte, de uma bebedeira
Ejido	- Campo de um povo
Escandalizar	- Alvorço, ruído. Falta de vergonha, mau exemplo
Estar salada	- Desafortunada
**Estilo rancho	- Costumes do área rural.

Fregar -	Incomodar, molestar
**Gasto -	Dinheiro destinado para cobrir as necessidades do lar
**Hasta las manitas -	Embriaguez excessiva
**Hechar porras -	Animar, dar apoio
Internar -	Ingresso de alguém a um estabelecimento, nesse caso, a um centro de recuperação
**Jalones y estirones -	Com dificuldades mas leva a cabo a ação que se propõe
**Ladiar:	Inclinar-se para alguém
Llenar, lleno -	Expressão utilizada pelas mulheres para indicar o estado de embriaguez excessivo, intoxicação.
Mandado -	Compra do necessário para a comida. Despesa
Manosear -	Tocar repetidamente alguém com as mãos, geralmente com intenção erótica
Mentar la Mamacita -	Nomear ou mencionar a mãe de outro, em termos pejorativos
Miniaturas -	Muito pequeno
**Moche -	Dar a alguém uma parte dos ganhos, gorjeta
Monas -	Estopa molhada com algum solvente
Montonal -	Número considerável
Nalgada -	Golpe dado nas nádegas
Nomás:	Contração das palavras nada mais
**Olor a cemento -	Cheiro característico de um produto denominado cimento ou resitol 5000, utilizado como cola, mas que entre quem utilizam drogas, é usado como inalante.
Palanca -	Pessoa influente que apóia alguém
**Patas de catre -	Expressão coloquial que expressa sentimentos de perda e contrariedade

Penal	- Lugar onde os inculminados cunpreu condenações superiores às da detenção, cárcere
Pendejo	- Homem tonto, estúpido
Pleito	- Contenda, disputa
Pus	- Contração da palavra pois
Regañar	- Repreenção
Retiro	- Retiro religioso espiritual, consiste em praticar certas devoções, retirando-se por um ou mais dias, em tudo ou em parte, das ocupações diárias
**Seguir de filo	- Não conseguir deter-se, nesse caso, não parar de tomar
Sonrojar	- Enrubecer
**Taparle	- Encobrir
Tarugo	- Pessoa de rude entendimento
**Tecate	- Marca de uma cerveja
Terco	- Obstinado.
Tianguis	- Mercado, feira
**Tiner	- Solvente utilizado como droga
Tirarse al vicio	- Adquirir o hábito da bebida
Tonta:	Escassa de entendimento ou razão
**Trancazo	- Golpe que se dá como força com a mão ou utilizando algum objeto
Venir al traste	- Vir abaixo, resultado adverso num negócio
Vicio	- Defeito ou excesso que têm algumas pessoas, ou que é comum numa coletividade, nesse caso o alcoolismo
Vista gorda	- Fingir que não se viu algo
Zalamera:	Cariñosa

* Dicionario (Microsoft Encarta, 2006)

**Definições de acordo com a interpretação de frases coloquiais próprias do lugar de estudo.

Anexos

ANEXO A – Aprobación do Comitê de Bioética da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Celaya, Guanajuato.

UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO

FACULTAD DE ENFERMERIA Y OBSTETRICIA DE CELAYA

Mutualismo No. 303 Apdo. Postal 91 Celaya, Gto. ☎/Fax (461) 615 36 48 y 615 36 65

Celaya, Gto., 16 de agosto de 2006.

MCSS. Ma. Alejandra Hernández Castañón
Presente.

Por este conducto, me permito comunicarle que el Comité de Bioética realizó la segunda revisión y evaluación de su protocolo de investigación titulado: **"ACCIÓN COMUNICATIVA CON MUJERES VINCULADAS A PAREJAS ALCOHÓLICAS"**, el Comité dictaminó que se aprueba.

Sin otro particular, reciba un cordial saludo.

ATENTAMENTE
"LA VERDAD OS HARÁ LIBRES"
UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO
Facultad de Enfermería y Obst. de Celaya

MTRA. ROSALINA DÍAZ GUERRERO
PRESIDENTA DEL COMITÉ DE BIOÉTICA
FACULTAD DE ENFERMERÍA Y OBSTETRICIA DE CELAYA

PSIC. ELISA GUERRERO FERNÁNDEZ
SECRETARIA DEL COMITÉ DE BIOÉTICA
FACULTAD DE ENFERMERÍA Y OBSTETRICIA DE CELAYA

C/1 anexo
C.c.p. Dra. Leticia Cacique Cacique.-Coordinadora del Doctorado de la FEOC.
C.c.p. Archivo.
*cmn.

ANEXO B - Aprobación do Comitê de Bioética da Faculdade Enfermagem, Universidade Autônoma de Querétaro.

Universidad Autónoma de Querétaro
Facultad de Enfermería

Santiago de Querétaro
Patrimonio de la Humanidad
Junio 23, 2006

MCSS MA. ALEJANDRA HERNANDEZ CASTAÑON
P R E S E N T E

Sirva este medio para enviarle un cordial saludo y asimismo comunicarle que el Comité de Bioética efectuó la revisión de su protocolo de investigación titulado "Acción comunicativa con mujeres vinculadas a parejas alcohólicas". Este Comité dictaminó su aprobación con las observaciones sugeridas.

Sin otro particular quedo a sus apreciables órdenes.

Atentamente
"Educo en la Verdad y en el Honor"

M. C. RAQUEL ACUÑA CERVANTES
PRESIDENTA DEL COMITÉ DE BIOÉTICA

c.c.p. Lic. Alicia Alvarez Aguirre.-Jefe de Investigación y Posgrado.
Archivo

RAC/dey*

Centro Universitario
Cerro de las Campanas
Santiago de Querétaro
Qro., México C.P. 76010
Tel. 01 (442) 216 38 57 y
192 12 00
Exts. 5700 y 5701